

A 860,937

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS







1

~~1512~~
1522

O CAPOTE DO SNR. BRAZ

ERNESTO CHARRON — EDITOR

ESCRICH

<i>A columna, paginas de desgraça..</i>	6 volu- mes.....	2\$500
<i>A esposa martyr.</i>	5 vol.....	2\$500
<i>O curs d'aldeia.</i>	3 vol.....	2\$000
<i>A caridade christã (continuação)..</i>	3 volu- mes.....	1\$800
<i>O amor dos amores.</i>	3 vol.....	2\$000
<i>O inferno dos cumes.</i>	3 vol.....	2\$000
<i>Os anjos da terra.</i>	5 vol.....	2\$500
<i>O martyr do Golgotha, tradição do Oriente</i>	4 vol.....	1\$200
<i>O coração nas mãos (memorias de uma mãe).</i>	2 vol.....	1\$200
<i>A promessa sagrada.</i>	4 vol.....	1\$500
NOITES AMENAS—CONTOS :		
1.º <i>O violino do Diabo.</i>	1 vol....	400
2.º <i>Tal arvore tal fructo</i>	1 vol....	400
3.º <i>Um filho do povo.</i>	1 vol....	300
4.º <i>Quem tudo quer tudo perde..</i>		400

FONSEM DU TERRAIL

<i>A corda do enforcado.</i>	2 vol.....	1\$000
<i>Memorias d'uma viuva</i>	2 vol.....	1\$000
<i>O ferreiro da abbadia da Corte de Deus..</i>	2 vol.....	1\$000
<i>Os amores d'Aurora.</i>	2 vol.....	1\$000
<i>A justiça dos bohemios.</i>	2 vol.....	1\$000
<i>O rei dos bohemios.</i>	2 vol.....	1\$000
<i>A vingança da baronesa.</i>	1 vol.....	500
<i>O armeiro de Milão.</i>	1 vol.....	500

DRAMAS DE PARIS — ROCAMBOLE

<i>A herança mysteriosa.</i>	6 vol.....	860
<i>O club dos valetes de copas</i>	10 vol....	1\$100
<i>As proezas de Rocambolè.</i>	10 vol....	1\$100
<i>A desforra de Bacarat.</i>	3 vol.....	330
<i>Os cavalheiros do luar.</i>	5 vol.....	550
<i>O testamento do Grão de Sal.</i>	6 vol.....	660
<i>A resurreição de Rocambolè.</i>	12 vol....	1\$320
<i>A ultima palavra de Rocambolè</i>	15 vol....	1\$650
<i>As miserias de Londres.</i>	10 vol....	1\$100
<i>As demolições de Paris.</i>	5 vol.....	550
<i>A corda do enforcado.</i>	5 vol.....	550
<i>Maravilhas do Homem Pardo</i>	8 vol....	880

CUSTAVO ALMARD

<i>Ouson, o Cabeça de ferro.</i>	1 vol.....	600
<i>Os dramas do novo mundo, primeira serie</i>		
1.º <i>Os caçadores do Arkansass.</i>	2.º <i>Os vagabundos das fronteiras.</i>	3.º <i>Os francos atiradores.</i>
4.º <i>O coração leal.</i>	2 vol.....	1\$280
<i>Segunda serie</i>		
1.º <i>O grande chefe dos Aucas.</i>	1 vol....	740
2.º <i>O ferreiro das montas.</i>	1 vol....	380
3.º <i>Os prateiros da planicies.</i>	1 vol....	360
4.º <i>A herança do velho.</i>	1 vol....	400
5.º <i>Os filhos do velho.</i>	1 vol....	360
6.º <i>A festa do velho.</i>	1 vol....	300

MEMOIRAS DE DUMAS

<i>1.ª Pa...</i>	5 vol....	2\$500
------------------	-----------	--------

<i>Collar da rainha.</i>	3 v.....	1\$500
<i>Piton.</i>	2 vol....	1\$200
<i>Charry.</i>	8 vo- lumes.....	3\$900
<i>2 volu- mes.....</i>		1\$300
<i>A obra.....</i>	2 vol....	1\$000

<i>Luciola. Perfil de...</i>	1 vol....	600
<i>Divã. Perfil de...</i>	1 vol....	600
<i>Senhora. Perfil de...</i>	1 vol....	600

CAMILLO CASTELLO BRANCO

<i>O carrasco de Victor Hugo</i>	1 vol....	400
<i>manco.</i>	1 vol....	400
<i>A freira no subterraneo, romance</i>	(tradução), 1 vol.....	400
<i>Os amores do Diabo, romance (traçua)</i>	1 vol.....	400
<i>Mosaico e silva de curiosidades historicas,</i>	vol.....	500
<i>Memorias do Bispo do Pará.</i>	1 vol....	500
<i>Poesias e prosas de Soropita.</i>	1 vol....	500
<i>A espada de Alexandre, Córte profundo e</i>	questão do homem-mulher e mulher-homem, por um socio prendado de vari philarmonicas.....	2
<i>Carta de guia de casados, para que pelo caminho da prudencia se acerte com o cado de descaño, e um amigo,</i>	por D. Francisco Manoel. Nova edição, com um perfil biographico, enriquecido de documentos ineditos.....	3
<i>Vida d'el-rei D. Affonso IV, escripta no anno de 1684. Com um prefacio.</i>	40
<i>Noites de insomnia, revista critica, o anno completo.</i>	12 vol.....	2\$400

VISCONDE DE BENALCANFOR

<i>De Lisboa ao Cairo, scenas de viagem.</i>	1 vol.....	600
<i>Phantasias e escriptores contemporaneos:</i>	Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas Thomaz Ribeiro, Julio Diniz, Bulhões Pato, D. Thomaz de Mello. 1 vol.....	500
<i>Na Italia, scenas de viagem. Roma, Firenze, Napoles—No Vesuvio—Herculannum, Pompeia, Genova, Pisa, Monaco etc., etc.</i>	1 volume.....	500

FREDERICO SOULIÉ

<i>Memorias do diabo</i>	1.º vol.....	500
<i>SOARES ROMEO JUNIOR</i>		
<i>Recordações litterarias,</i>	1 volume.....	500

JOÃO DE LEMOS

<i>Impressões e recordações</i>	1 volume...	500
<i>Serões d'aldeia.</i>	1 volume.....	500

CAMILLO FLAMMARION

<i>Os mundos imaginarios e os mundos reais</i>	1 volume com gravuras.....	1,000
GEORGE SAND		
<i>Os dois irmãos,</i>	1 vol. in-12.....	500
<i>Flammarionde,</i>	1 vol. in-12.....	500

ALBERTO PIMENTEL

O CAPOTE

DO

SNR. BRAZ



LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96—Clerigos—98
Porto

EUGENIO CHARDRON
4—Largo de S. Francisco—4-A
Braga

—
1877

869.8
P642ca

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
50 — Rua da Picaria — 54

—
1877

AO DOUTOR

JOSÉ FREDERICO LARANJO

Ha poucos dias, na sala dos capellos da universidade de Coimbra, dizia este talentoso moço :

«D'esta sala, que é uma especie de capitolio, vejo a rua, a casa, o berço pobres em que nasci; de lá, d'esse berço, que dava simplesmente o direito de ser opprimido, até esse logar, que dá o direito de se cobrir a cabeça diante do chefe da nação, ha bastante caminho percorrido; mas tanto maior é a distancia, tanto maior é o reconhecimento que eu devo a todos aquelles que m'a ajudaram a percorrer.»

A dedicatoria d'este livro representa unicamente uma desvaliosa homenagem de velha amizade ao coração e talento d'um homem, que merece pelo menos a estima de todos os que vivem trabalhando.

Julho de 1877.



INTRODUÇÃO

Tive por visinho, ha trez annos, n'uma rua de Lisboa, um velho secco e alto, que morava na tra-peira do predio fronteiro, e a respeito do qual a visinhança nada sabia, a não ser que se chamava o *snr. Braz*. Este homem sahia todas as manhãs, coberto com o seu farto capote de camellão, e com o seu velho chapéu alto amolgado. Tempo depois recolhia, parecendo esconder debaixo do capote alguns objectos, que faziam bojo, e confirmavam as desconfianças que os estrangeiros tinham antigamente ácerca do capote portuguez. Desconfianças de que João Baptista de Castro dá noticia no *Mappa de Portugal*: «O que tem mais permanecido, é na gente civil a capa, e volta, e na plebe o uso do *capote*, de que os estrangeiros não gostam, porque

dizem ser contrario á boa politica, por causa de servir de grande rebuço ás pessoas mal intencionadas; porem a boa commodidade, que este habito faz no inverno, e ainda ás vezes no tempo calido, póde justificar o seu uso, e dissimular a indifferença da má intenção, que se lhe attribue.

O *capote do snr. Braz* inspirava, pois, aos vizinhos d'este mysterioso sujeito tão serias desconfianças como o capote de qualquer homem inspirava antigamente aos estrangeiros que visitavam o nosso paiz.

No primeiro andar do meu predio morava temporariamente um deputado da provincia, que frequentes vezes me fazia a honra de ler-me os seus projectos de lei, os quaes eram muitos, e rasgadamente civilisadores. Por varias occasiões estive tentado a pedir a s. exc.^a que propozesse em côrtes a abolição do capote nacional, de cuja sinceridade de agasalho eu suspeitava, como os estrangeiros, e como s. exc.^a tambem, desde que tinhamos por visinho aquelle homem habitual e mysteriosamente encapotado. Que trafico secreto poderia fazer o *snr. Braz* debaixo do seu capote? Phantasiavamos horrores. Era por ventura moedeiro-falso, contrabandista, ratoneiro, bruxo ou conspirador? Tudo isto, ou qualquer d'estas coisas, podia ser. Cresceram no meu espirito as negras apprehensões: até que finalmente resolvi fazer o pedido ao visinho deputado. S. exc.^a, que tinha sêde de projectos de lei, muitos e rasga-

damente civilisadores, promptificou-se com o mais agraciado semblante a converter o meu pedido n'um dos supracitados projectos de lei. Sómente, como s. exc.* amava o Gremio, e as suas noitadas de whist, levou a sua amabilidade até encarregar-me de formular o projecto de lei e adduzir, com a maior florescencia rhetorica possivel, os argumentos condemnatorios do capote nacional. Puz mãos á obra.

Folheando a nossa antiga legislação, encontrei um decreto d'el-rei D. Sebastião, no qual estavam consignadas as seguintes disposições:

Os moços fidalgos de idade de quinze annos para baixo não poderão trazer capa no Paço, nem em outra parte, salvo quando chover, ou por caminho: e os que forem de mais idade, a poderão trazer até o Paço; e antes de entrarem na sala, a tirarão. Pessoa alguma outra de qualquer qualidade que seja, se não fôr estudante, não poderá trazer capa, salvo sendo de idade de dezoito annos para cima, ou indo por caminho, porque então a poderão trazer: e os pagens não poderão trazer capa, senão sendo de idade para trazer espada, ou costumando de a trazer.

Que nenhum moço da camara, moço da capella, nem reposteiro entre no terreiro do Paço com capa; e indo do Paço com recado meu, ou de meu serviço, irão e tornarão sem capa, como não forem fóra do lugar, onde eu estiver, porque quando forem fóra do tal lugar, a poderão levar.

No primeiro momento, pareceu-me magnifico o achado para qualquer representante da nação alar-

dear, no palratorio de S. Bento, um vasto conhecimento da nossa legislação antiga, e de varias outras coisas não menos antigas, taes como a existencia do rei D. Sebastião, coisa que s. exc.^a bem podia ignorar. Mas não tardaram a saltar-me duvidas: Em primeiro logar, tratava-se da capa, e o nosso ponto era o capote; em segundo logar, o espirito da lei parecia ser o reprimir a mocidade nos desenfreamentos do luxo. Esperei que s. exc.^a voltasse do Gremio, com seis mil e quinhentos de menos, que tinha perdido ao whist. S. exc.^a applaudiu o meu achado, com a alegria compativel com a perda dos seus seis mil e quinhentos. Contrapoz, ás minhas duvidas, argumentos potentissimos: que o verdadeiro espirito da lei passaria despercebido n'uma rapida citação feita no parlamento; que o facto incontestavel era que o rei D. Sebastião havia prohibido o uzo das capas, e que elle deputado diria em S. Bento, com a afouteza com que lá se têm dito cousas mais graves, que D. Sebastião prohibira o uzo das capas, não tanto para reprimir os excessos do luxó como para evitar que ellas acobertassem ruins intenções por parte dos mancebos fidalgos, que o joven rei presumia tão desordeiros como elle proprio. Ora, havendo D. Sebastião prohibido em 1570 o uzo das capas, restava apenas suscitar a observancia d'essa lei, o que era simples e facil. Lembrou, porem, a s. exc.^a que um dos seus eleitores, o pharmaceutico do sitio, homem essencialmente ordeiro e conservador,

era ferrenho apologista do capote, que nem mesmo largava nas noites de verão. Mas logo lhe ocorreu que podia justificar-se perante o boticário dizendo-lhe que em Lisboa se conspirava tenebrosamente contra as instituições vigentes, e que todos os conspiradores andavam de capote para melhor occultar suas intenções sinistras e mortiferos instrumentos: e que portanto fôra preciso abolir o capote, como perigoso vehiculo das supramencionadas intenções, e instrumentos. Dadas estas razões, o conservador pharmaceutico de bom grado sacrificaria o seu capote á manutenção da ordem publica, e do systema que nos rege, tal era o seu horror a perturbações intestinas nos corpos sociaes, e só n'esses, porque as dos corpos humanos eram-lhe, pelo contrario, agradaveis e lucrativas.

Portanto, démo-nos as boas noites com a expansiva alegria de quem deixa um grave negocio bem encaminhado, e ficou assente que eu iria ao outro dia á galeria da camara ouvir o discurso do illustre deputado. Subi ao meu andar, e espreitei, com uma alegria satanica, para a trapeira do *snr. Braç*. Havia ainda luz atravez da vidraça. Não pude deixar de dizer, n'um impeto de jubilo cruel: «Vela, vela, ó mysterioso homem, que esta será decerto uma das ultimas noites do teu capote hypocrita e sinistro. Elle era a tua mascara: o meu visinho do primeiro andar t'a rasgará em pleno parlamento. Se és um feiticeiro, um bruxo, se estás queimando esta hora a

as hervas infernaes, que debaixo do teu capote escondias, para no silencio da noite executares de parceria com o diabo horriveis maleficios, pede ao teu amigo Satanaz que te valha n'esta conjunctura, n'este momento em que mais poderosa mão que a d'elle te vai arrancar o negro manto dos mysterios tremendos».

E ri-me, e senti uma alegria mephistophelica, e applaudi de mim para commigo a sabia instituição do parlamento, onde qualquer homem pode supplantar o poder do diabo maior, e dos outros—menores.

Tive, porém, medo de adormecer, de me entregar ao somno, prevendo que o demonio exasperado seria capaz de me estrangular durante um sonho horrivel, bebendo com o meu proprio sangue a sua vingança. Comecei a sentir-me vagamente inquieto, nervoso. Abri ao acaso um livro; era um volume das *Provas da historia genealogica*. Lanço a vista a uma pagina. Estremeço, descóro, acredito momentaneamente na interposição do diabo, esfrego os olhos. Mas a realidade persistia. Encontro nada mais e nada menos que um alvará do cardeal-rei, *revo-gando* a provisão das capas de 1570. Leio com anciedade dolorosissima:

«Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem que El-Rei meu sobrinho, que Deus tem, pela lei que fez na Villa de Salvaterra de Magos em abril de 1570, sobre

os gastos demaziados, sedas e outras cousas que pertenciam á reformation dos costumes, ordenou e mandou sob as penas declaradas na dita lei, que os moços fidalgos, de idade de quinze annos para baixo, não podessem trazer capa no Paço, nem outra parte, salvo quando chovesse ou por caminho, e os que fossem de mais idade a podessem trazer até o Paço, e antes de entrarem na sala a tirassem, e que pessoa alguma outra de qualquer qualidade se não fosse estudante, não podesse trazer capa salvo sendo de idade de dezoito annos para cima, ou indo por caminho, porque então a poderiam trazer, e que os pagens não podessem trazer capa, salvo sendo de idade para trazer espada ou acostumando de a trazer, e assim, que nenhum moço da camara, moço da capella nem reposteiro entrasse no terreiro do Paço com capa e indo do Paço com recado do dito Senhor Rei, ou de seu serviço fossem e tornassem sem capa como não fossem fóra do logar onde estivesse, porque quando fossem fóra do tal logar a poderiam levar, e ora por algumas justas cauças que me a isso movem, hei por bem e mando que se não uze mais d'ella nem se se cumpra nem tenha vigor algum, e ao chanceller mór, que publique este alvará na chancellaria e envie o traslado d'elle, sob seu signal e meu sello, aos corregedores e ouvidores das comarcas, aos quaes corregedores e ouvidores mando que o publiquem nos logares onde estiverem e o façam publicar em todos os logares de suas comarcas e ouvidorias, para que a todos seja notorio, e esta se registrará na Meza do despacho dos meus dezembargadores do Paço, e nos livros das Relaçoes da Caza da Supplicação, e do Civil, em que se registram as semelhantes provisões. Pedro de Seixas o fez em Lisboa a 17 de outubro de 1578. João de Seixas o fez escrever.»

Satanaz, o poder maldito, havia finalmente triumphado. O nosso argumento, a provisão das capas, apparecia-nos inesperadamente annullado por um alvará do fraco rei D. Henrique, posto todas as circumstancias fossem conducentes a cremos que esse alvará o inspirara em 1578 o diabo na provisão luminosa do que viria a acontecer em 1874.

Não me quiz deitar; não poderia adormecer. Passei toda a noite no meu escriptorio, prêsa da mais viva inquietação. Ao ouvir na rua o primeiro pregão d'um saloio, desci apressadamente, bati á porta do primeiro andar, fiz-me introduzir até ao quarto em que o meu visinho deputado roncava os hymnos nazaes da madrugada. S. exc.^a acordou em sobresalto, sentou-se aturdido na cama, e perguntou com vivacidade:

—Cahiu o ministerio?

—Não, cahiu a argumentação do seu bello discurso. Achei um alvará de D. Henrique, que revoga a provisão de D. Sebastião!

—Ó diabo! E eu que disse hontem no Gremio aos meus correligionarios da imprensa que fallaria hoje!

—Adoeça.

—Lembrou bem. Adoeci. Faça saber isso nos jornaes. Mas não se esqueça de dizer que adoeci *ligeiramente*, por causa das visitas.

Fui ás duas horas da tarde ao corredor da camera espalhar a noticia do subito incommodo de

s. exc.^a, noticia que lavrou como nodoa de azeite. Dos de putados e jornalistas presentes, inteiramente ao contrario do que eu suppunha, poucos deram importancia á communicacão; sómente duas pessoas, o representante do circulo n.º ** e o representante d-circulo n.º ***, se mostraram algum tanto contrarios, porque eram dois parceiros certos do whist do meu visinho do primeiro andar. Serenei-os dizendo que s. exc.^a talvez podesse ir á noite ao Gremio, mercê da homœopathia... e do whist.

Custa-me dizel-o. S. ex.^a não fez falta nenhuma no parlamento, n'esse dia. Apesar de não estar presente o snr. conselheiro Adriano Machado, houve quem pedisse a palavra e fallasse quatro horas a proposito de coisa nenhuma.

De feito, s. ex.^a restabeleceu-se promptamente, e a nossa preocupação pelo capote do visinho parecia haver-se tornado irremedeavelmente insaciavel, porque só viamos um meio, que não queriamos adoptar, de descobrir a verdade toda: era agredir o visinho e desembuçar-lhe o capote.

Mas, inesperadamente, as circumstancias ageitaram-se á medida dos nossos desejos. Avisinhava-se o inverno, principiavam a cahir as primeiras chuvas. Havia na rua uma ligeira lama, traiçoeira, es-corregadia, que é para assim dizer o nucleo lodoso de que os continuados e violentos temporaes hão de formar as grandes lamas do inverno. O deputado havia-me mandado chamar ao seu gabinete, pa-

ra lermos juntos o artigo, que reputava importante, de um dos jornaes d'essa manhã. Começamos a fumar e a lêr, no desvão da janella, de costas voltadas para o peitoril. Liamos discutindo. De repente ouvimos um ruido na rua, e um grito. Voltamos. Elle, o homem mysterioso, elle, o visinho da trapeira, havia cahido na lama, e procurava desembaraçar-se do seu capote encharcado: á volta d'elle, como se se houvera entornado ali a alcofa d'um salio, jazia no chão, sobre a lama, todo o arranjo do seu jantarinho burguez, uma infinidade de coizas, as suas fructas, os seus legumes, o seu carvão, um verdadeiro *pot-pourri*, que finalmente nos revelou o grande mysterio do *capote do snr. Braz*.

O titulo d'este livro é exactamente como esse mysterioso capote, porque, por detraz d'elle, estão os mais variados assumptos, as mais oppostas narrativas, que todavia podem constituir um volume, como essas mil pequenas coizas, diferentes umas das outras, de que o proprio Braz era portador, iam certamente constituir um jantarinho de velho celibatario.

O CAPOTE DO SNR. BRAZ

A ALMA DO REI DE THULE

I

De certo se lembram ainda muito em Lisboa das duas viscondessas de Suzarem—a viuva e a filha.

Os echos do Chiado hão de conservar viva memoria da viscondessinha, aquella gentil creatura de faces pallidas, cabellos e olhos pretos, toda ella nervos, e toda ella espirito até ás extremidades roseas dos dedos, como diria o doutor Raspail, sem que todavia nos molestasse com o tom zombeteiro que tanto degrada as mulheres aos olhos de Dumas filho, segando deixa vêr n'uma phrase recente: *La raillerie, chez la femme, est symptome d'enfer.*

Julio Cesar Machado, fallando da pallida belleza das lisbonenses, mais d'uma vez alludiu á viscondessinha, com a delicada reserva com que elle sabe fal-

lar das mulheres sem as entontecer d'orgulho. Perguntem ao Julio se isto é ou não verdade; ahí o teem na calçada do Salitre e é-lhes facil desenganarem-se.

Recordam-se certamente de que o visconde morreu de repente, n'um dia em que sahia do ministerio do reino e subia á caleça. Sabem tambem da profunda sensação que este lamentavel incidente produziu na viscondessinha, a ponto de se receiar pela sua vida e lhe ser aconselhado o passeiar no estrangeiro.

A viscondessa sahio logo com a filha para Hespanha, aproveitando a occasião da feira de Sevilha. Do ar de Madrid impozeram-lhe absoluto resguardo, porque

El aire de Madrid es tan sutil,
Que mata á un hombre,
Y no apaga a un candil.

Para Sevilha é que ellas foram, a mãe, esperanças na influencia benefica d'um espectáculo novo para a filha; a filha, intimamente desenganada de que a sua melancolia era incuravel.

A esse tempo toda a animação andalusa revoltava na feira de Sevilha. Ondeavam no ar as flammulas que serviam de corôa aos galhardos pavilhões; estrondeavam noite e dia as fanfarras e os pregões dos arlequins e bufarinheiros; acotovela-

va-se a cada momento um portuguez ou um italia-
no, porque nos deslumbrantes programmas da fei-
ra, publicados pela imprensa hespanhola, tinha ido
irresistivel convite a todos os cantos da Europa.

Que borborinho, que movimento, que inferno!
diria eu, se não fosse aquillo o supremo gozar da
vida! N'um grupo, baralhavam-se os inquietos an-
daluzes, de *navaja* em punho, só porque um espir-
rara na cara do outro; muito perto, e indifferente-
mente, estadeavam-se as formosas sevilhanas, agi-
tando as ventarolas, como os homens agitavam a
navalha — com a consciencia d'igual superiorida-
de. As raparigas do campo, nascidas nas planicies
banhadas pelo Guadalquivir, faziam circulo em tor-
no de todas as raridades que lhes engodavam os
olhos, desde o anão milanez, que mostrava um pa-
norama, até ao macaco da America, que piroeteava
ás soltas, encarregando-se de provar que homem e
macaco não estão tantos seculos distantes como af-
firma Edgar Quinet no seu formoso livro *La Crea-
tion*. Os estrangeiros, consoante os sexos, ou se en-
levavam na voluptuosa alegria das sevilhanas ou se
penduravam dos balcões escolhendo ventatolas e
manilhas.

Era allí que se vivia n'esses dias, que se fallava
sem rebuço, o que dispensava de se galantear os
namorados através dos *stores* das janellas, *hablar á
la reja*, como lá se diz ainda ao sabor das come-
dias de Calderon; estavam desertas as *escuelas de*

bailes, onde se conserva a primitiva originalidade das danças hespanholas; a *Plaza de Toros* e o *Theatro de D. Fernando* eram apenas frequentados pelos estrangeiros, porque Sevilha estava toda na feira a bailar em pleno ar, a jogar a *navaja*, e a comer *âzucarillos*.

Nos *casinos* adormeciam os porteiros, nos *mira-dores* não assomava uma cabeça curiosa, tudo estava na rua, na mais despreocupada alegria, só os criados das *fondas* pareciam indifferentes ao bulicio exterior e absorvidos na azafama de portas a dentro.

A viscondessa e a filha hospedaram-se, se estou bem lembrado, na *Fonda de Londres*, na «calle de las Sierpes», uma hospedaria de primeira ordem, cujo pateo bastava já a enfeitiçar com os seus bonitos vasos de Triana a bracejarem vergonteadas floridas, e que fôra a que reunira maior numero de estrangeiros de distincção.

II

A viscondessinha parecia reanimada. Não obstante, a mãe suspeitava que fosse ephemera aquella alegria, que entrava na alma da filha com o formoso sol das Hespanhas, e para logo fez tenção de se demorar em Sevilha o mais tempo possível.

Receiava que, ao voltarem a Lisboa, a convivencia de pessoas conhecidas e uma vida raro accidentada de episodios novos, despertassem no coração da saudosa viscondessinha a antiga magua com que ella sahira de Portugal.

Em Sevilha havia apenas duas horas para se estar em casa: eram as que se passavam á mesa. Estavam na mesma *fonda* um rapaz do Porto, que tinha ido passear para demorar um casamento que o constrangia, um francez de Bordeus igualmente moço, e um pintor italiano que fôra a Sevilha expressamente para copiar o typo do paiz.

A conversa ao jantar era scintillante e inquieta. A viscondessinha collaborava com fina delicadeza nos mais difficeis assumptos; o pintor italiano folhetinisava a historia da arte em Italia e arrebatava

va-se em extasis d'artista; o francez jogava dextra-mente duas armas com que é dado esgrimir na *causerie*—o bom humor e a *verve*; o portuense, mais melancolico, tinha uns dizeres resaibados de ligeira tristeza;—os restantes convivas eram hespanhoes, alguns deputados, outros jornalistas, que charlavam alegremente, sobremodo despreoccupados, o que faz suppôr que nem todos os hespanhoes pensam na união iberica...

—Uma vez perguntou o italiano á viscondessinha, nos animados dialogos do *dessert*, que recordação preferia de Hespanha.

—A ventarola—respondeu ella com alegre sorriso.—Comprei uma ante-hontem na feira, que é uma obra prima de caprichoso gosto. Era a unica que restava, e já duas hespanholas a estavam namorando com olhos cobiçosos. Pude ainda salvar-a das inquietas mãos que não tardariam a quebral-a, e acreditem que supponho ter na ventarola um thezouro...

—Instaram para vê-la, e a viscondessinha deu ordem á sua criada de quarto para que lh'a trouxesse. Veio a ventarola, e o primeiro que a recebeu da mão da viscondessinha foi o pintor italiano, aguilhoado pelos seus instinctos artisticos.

—*Corpo di Baccho!*—apostrophiou o pintor.—Que formosa! Quem lh'a não ha de invejar!

—*La reina*, respondeu um hespanhol mirando a ventarola por cima do hombro do italiano.

—*Ce n'est pas un éventail; c'est la baguette de la bonne fée*, accrescentou o francez.

E cada um dos commensaes foi adicionando uma phrase a este folhetim que passava de bocca em bocca para se ir rojar ao pé da formosa viscondessinha.

—Que diz o senhor? perguntou ella ao portuense, vendo que elle examinava silencioso a ventarola. Não diz nada; nós, os portuguezes, somos menos lisongeiros.

—Que hei-de eu dizer, a não ser que ella pertence a v. ex.^a?

—Ih! Parece que teve o proposito menos benevolo de me desmentir no respeitante á sinceridade dos portuguezes...

Riram todos estrepitosamente.

—Dá vontade—exclamou o italiano—da gente brincar com o lapis sobre o marfim das varetas, tão alvo e tão liso é!

—*Á la disposicion d'usted*—respondeu a viscondessinha imitando, quanto lhe foi possivel, a pronuncia hespanhola. —Muito folgava da distincção que me concederia um artista italiano, desenhando no meu leque.

O pintor tirou do bolço um estojo-carteira, e desenhou á *crayon* um vago perfil, que poderia dar alguns longes da viscondessinha, e terminou escrevendo por baixo do desenho estes versos de Petrarca:

Cosa si bella
Devea'l ciel adornar di su presenza.

— Muito bonito! — articulou a viscondessinha. —
Só esta vareta vale mais que o leque todo. E o snr.
—apostrophou ella ao francez — porque não se *ins-*
talla na vareta visinha, para que eu fique possuindo
uma ventarola-album?

O francez tomou o *crayon* e o leque, e escreveu :

... quel œil peut la voir
Sans pétiller d'amour, de jeunesse, d'espoir?

CHENIER.

Um hespanhol, que estava proximo, debuxou
este verso de Espronceda :

Angel puro de amor que amor inspira.

Escreveram mais dois hespanhoes, e, quando a ven-
tarola chegou á mão do portuguez, escusou-se elle
por falta de meritos litterarios.

Sorriu a viscondessinha e replicou :

— Pode ser que o meu leque opere no meu pa-
tricio o milagre de escrever, como hontem operou
em mim o milagre de cantar, eu, que tinha perdido
a voz ha mezes...

— Comprometto-me a escrever na primeira oc-
casião— obtemperou o portuguez—, se V. Exc.^a nos
promette que se faz ouvir...

— Prometto — asseverou a viscondessinha.

III

Estavam impacientes d'ouvil-a.

O italiano propôz que mandassem servir o café na sala do piano, á qual, accite o alvitre, se trasladaram sem delonga. A viscondessinha tentou oppôr-se, allegando que não era ensejo opportuno; elles, porém, insistiram amavelmente, inculcando-se obsequiados se ella cantasse a meia voz.

A viscondessinha annuiu.

Sentou-se ao piano, e cantou com voz timida, mas sobremodo meiga, a ballada do rei de Thule, que um poeta mysterioso havia traduzido em portuguez :

Tinha um velho rei de Thule,
Extremoso namorado,
Uma taça auri-luzente,
Que era amoroso legado.

Quando elle a chegava aos labios
Da ceia á ruidosa mesa,
Descia o pranto dos olhos
Com voluptuosa tristeza.

Moribundo, entrega ao filho
Dominios, paço, thesouro...
Só lhe escacea a coragem
D'entregar-lhe a taça d'ouro.

Chama a côrte, e no castello
Que mar dentro ergue as ameias,
Manda illuminar de festa
A mesa das aureas ceias.

Desnerva-lhe a morte o braço
E o rei de beber não cessa...
Até que ao findar a ceia
A taça ao mar arremessa.

Fluctua o copo nas aguas,
Gira, encheu-se, vai ao fundo.
Treme o rei, suspira e morre...
Mas não deixa a taça ao mundo.

O pintor italiano levou o seu enthusiasmo artistico até gritar a celebre phrase com que a população milaneza saudava Mozart:

— *Evviva il maestrino!*

Os hespanhoes disseram hyperboles mais ou menos pittorescas, e o francez aproveitou a occasião para fallar do *Fausto*, de Gounod; e rebater o falso preconceito que negava aos francezes talento musical, sendo que elles tinham lá compositores como Auber, Berlioz, Feliciano David, Ernesto Reyer e principalmente Gounod. O italiano lembrou a ce-

lebre phrase *Les français viennent tard á tout, mais ils y viennent*, e foi reivindicando fóros de primazia musical para a sua patria. Disse que os francezes, deliciados com a audição das melhores partituras italianas e allemãs, só muito tarde pensaram em crear-se individualidade em musica, mas que já tinham talentos muito originaes, e que para elle Hérolde e Auber representavam a musica franceza, como Adam e Offenbach resumiam a musica parisiense, o folhetim sonoro, segundo uma expressão d'elle. Accrescentou que a Italia era privilegiada no tocante a artes, e fallou com arrebatado lyrismo da graça delicada e triste de Bellini e da alegre vivacidade de Rossini.

Os hespanhoes, logo que encontraram occasião, contentaram-se de não ter opera apregoando que na Hespanha havia musica caracteristica de nacionalidade como na Escocia, e um d'elles preveniu qualquer objecção do francez com estas palavras de George Sande :

Toute l'Écosse est dans un air écossais, comme toute l'Espagne est dans un véritable air espagnol.

A viscondessinha aproveitou a discussão para dizer ao portuguez :

— A sua mysteriosa tristeza leva-o até incorrer no desaire de passar por menos amavel. Olhe o que para ahí gritaram os hespanhoes, o francez e o italiano ! O snr. contentou-se com dizer-me uma banalidade que me desilludiu ácerca dos meus talen-

tos artisticos — *Muito bem!* — Isso diz-se a toda a gente!

— Queira v. exc.^a desculpar-me, mas é que eu não estava prevenido para a profunda commoção que v. exc.^a me deu cantando a ballada do rei de Thule. Não sei que deliciosa melancolia, que vaga e etherea tristeza ressumbra d'essa formosa canção do velho rei amante, que sempre me deixa alheado!

— Ah! Gosta? Tambem eu; muito, muitissimo. Isto será talvez de nós sentirmos dentro do peito a alma do rei de Thule...

N'este relanço ensarilharam armas os discursadores, e instantemente pediram á viscondessinha que repetisse siquer os versos finaes. Ella, que estava ainda sentada ao piano, harpejou modulando:

Fluctua o copo nas aguas,
Gira, encheu-se, vai ao fundo.
Treme o rei, suspira e morre...
Mas não deixa a taça ao mundo.

Estrondearam applausos.

A viscondessinha, erguendo-se, disse ao moço portuense:

— Eu cumpri. Agora quando é que o snr. tenciona escrever no meu leque?

— Logo que v. exc.^a ordenar.

Ella ia talvez dizer alguma cousa, quando echoou no corredor a voz de:

— A' feira! á feira!

IV

No dia seguinte, levantou-se a viscondessinha da mesa, antes de terminar o *dessert*, pretextando falta de ar, e debruçou-se na janella, ao fundo da sala, que dava para o pateo.

Acudiu a mãe com perguntas cariciosas, depois os commensaes, e ella a todos serenou respondendo que o respirar o ar balsamico de fóra lhe havia desopprimido o peito.

Quando se aproximou o portuguez, disse-lhe ella :

— Se o não incommodo muito, snr. Gaspar de Noronha, desejava que me fizesse companhia para ao menos não ter de molestar-me a hespanholiar o portuguez.

— Oh! minha senhora... balbuciou o moço.

E ficou.

— Para que veio o snr. a Hespanha — apostrophou a viscondessinha, — se anda por aqui ab-sorto na sua mysteriosa tristeza? Quer-me parecer que furtivamente bebe na taça do rei de Thule as lagrimas d'uma saudade rediviva, e que não tem a

coragem d'atirar ao mar o copo encantadô. Não o quer deixar ao mundo, mas também não o quer arremessar ás aguas. Deve de ser tormentoso inferno! Este é de certo o mysterio da sua vida. O que da sua biographia se sabe em Hespanha é o que menos me interessa, — que o snr. Gaspar de Noronha é sobrinho d'um banqueiro portuense, que recusou outro dia o titulo de visconde...

— Pouco mais tenho a dizer a v. exc.^a que lhe inspire interesse. Ha magoas intimas que, quando muito, apenas chamariam aos labios de pessoa extranha delicadas palavras de compaixão, mas que, decorridos momentos, nem lembrariam siquer...

— Isso depende também da escolha dos confidentes. Sabe que eu sou impressionavel, e que vim fugindo á morte que em Portugal me ameaçava...

— Pois, minha senhora, é essa então mais uma razão que me impõe silêncio no interesse de v. exc.^a.

— Ah! é uma evasiva! Já vejo que lhe não inspiro confiança...

— Pelo contrario, minha senhora. Eu queria simplesmente poupar v. exc.^a a ouvir um romance vulgar mas sempre triste. Quando meu pae foi despachado juiz para a provincia, era eu então creança, e fiquei a educar em casa de meu tio. Deslisaram os primeiros annos de infancia na convivencia de minha prima, outra creança com quem eu frequentemente tinha aquellas pendencias infantis que desandam em passageiro choro. Meu tio mandou-me edu-

car liberalmente, e esforçou-se por debellar com estudada brandura o natural e visível antagonismo que parecia interpôr-se ás duas creanças. Supponho que meu tio suspeitou que minha prima veria com maus olhos o primo que estava usufruindo regalias que só a ella pertenciam, em razão de meu tio me haver presenteado aos dezoito annos com um cavallo e um briska. D'aqui procedeu de certo o commença-se a dizer que eu era o noivo de minha prima, e com isto não obteve meu tio successo algum, porque minha prima continuava a hostilizar-me. Por mais d'uma vez fallei á puridade a meu tio, pedindo-lhe que me franqueasse carreira que me desse honesta independencia. Meu tio recebia com azedume o meu alvitre, e acabava por chamar-me creança e offerecer-me uma caixa de charutos, dizendo que as impertinencias infantis se accomodavam com dadivas que engodavam os olhos. O que é certo é que minha prima me hostilisava por impulso natural, e que eu era para toda a gente o noivo presumptivo de duzentos contos, excepto para minha prima é para mim. Foram decorrendo os annos, durante os quaes minha prima se manteve para comigo, menos aggressiva é verdade, mas em glacial reserva. Eu, que tinha por ella completa indifferença, evitava ser-lhe molesto, e quando, por ordem de meu tio, a acompanhava ao theatro, não trocavamos palavra na carruagem, e estavamos no camarote, até chegar meu tio, sem encontrarmos um

unico olhar. Muitas vezes, porém, me lembrei de que tudo isto havia de ter um desfecho tempestuoso, e tanto me preocupavam vagos receios pelo futuro, que cheguei até hoje sem estender a minha capa de cavalleiro namorado diante do carro triumphal d'uma realleza disputada. Pouco tempo ha, chamou-me meu tio ao seu quarto e gravemente me disse que me tinha educado para noivo de sua filha, e que minha prima me daria a sua mão d'esposa sem repugnancia. Objectei energicamente, contrapuz que minha prima me odiava quanto uma senhora de educação pôde odiar um homem, e meu tio despediu-me chamando-me creança, como era seu costume, e dizendo-me que lhe cabia a elle aprazar o dia do casamento. Decorrida uma semana, chamou-me de novo, e disse-me que, passados quinze dias, casariamos. Minha prima, n'este meio tempo, continuava a ser reservada para mim. Para adiar a catastrophe — deixe-me v. exc.^a chamar-lhe assim — pretextei a meu tio desejos de vir á feira de Sevilha, e elle consentiu na minha partida, depois de exigir palavra d'honra de que eu voltaria a esposar minha prima, terminada a feira. Aqui tem v. exc.^a o romance vulgar da minha vida.

A viscondessinha tinha escutado a narração de Gaspar de Noronha fixando n'elle os seus formosos olhos docemente avelludados. Parecia levemente anciada, como quem está lendo uma novella que de-seja conhecer, e disse a final:

— Assisadamente suppunha eu no snr. Gaspar de Noronha a alma do rei de Thule. A taça encantada é a liberdade que lhe arrebata, e todo o seu soffrimento está em não querer atiral-a ao mar. Pois com o impossivel não se lucha, meu caro senhor. Faça de conta que estes ruidosos jantares de Sevilha são os derradeiros festins do real sonhador da ballada. Atire a taça ao mar, e vá esposar sua prima.

E sahiu abruptamente da janella para a mesa.

V

N'essa tarde as duas viscondessas de Suzarem sahiram a passeiar e recolheram ao anoutecer, porque a viscondessinha se inculcou fatigada. Não obstante, entrou á sala de visitas e sentou-se ao piano executando com extremada correcção o seu variado repertorio; a viscondessa mãe amezendou-se n'uma poltrona e começou a leitura dos jornaes hespanhoes pela traducção d'um romance de Dumas pae, que • *La Epoca* estava dando em folhetim.

Veio surprehendel-as n'este remanço familiar Gaspar de Noronha, que do limiar da porta pediu licença para entrar.

— Pois ainda está em Hespanha? perguntou a viscondessinha. Tanto mais agradável a surpresa, porque o fazia já caminho de Portugal...

— Eu não seria tão indelicado, que não recebesse préviamente as ordens de vv. exc.^{as}...

— Suppuz que se teria molestado com o tom impertinente com que lhe fallei esta tarde. Mas que quer? Quando se trata de cumprir deveres, sou

rudemente sincera. Depois, a sympathia que nos merece sempre um patricio obrigava-me tambem a aconselhar-lhe que não prolongasse por mais tempo o inferno em que anda attribulada a sua alma.

— Então que me aconselha v. exc.*?

— O que lhe aconselhava esta tarde, — que parta quanto antes.

— Ah! Que fuja ao inferno em que me é dado ouvir os conselhos de v. exc.* para entrar a porta d'outro inferno em que um dos não menores supplicios será a recordação indelevel de Sevilha...

Isto dizia elle, brincando com a ventarola da viscondessinha que estava sobre o piano; a viscondessa mãe, pousando a *Epoca*, encetava a leitura da *Iberia*.

A viscondessinha, esquivando-se a responder, começou dedilhando no piano e apostrophou:

— Olhe que receio partir, sem que o snr. haja escripto no meu leque...

Esta evasiva era eloquente. Como que n'estas palavras raiou luz extranha que deixou vêr o que a viscondessinha mais recatava no coração... o amor.

Gaspar de Noronha encaminhou-se á jardineira, pegou d'um lapis, e escreveu n'uma vareta da ventarola: *Amo-a*.

— Cumpri o que prometti, disse elle.

A viscondessinha, interrompendo um adagio, exclamou:

— Deixé vêr.

*

Leu, e subitamente continuou o adagio interrompido.

Depois, erguendo a frente, pronunciou com olhar altivo e a meia voz :

— Extranho no snr. Gaspar de Noronha a ruim coragem de se declarar a uma mulher dias antes de dar a mão de esposo a outra!

E proseguiu harpejando no teclado.

Horas depois, portas a dentro do seu quarto, segredava-se a viscondessinha :

— Os outros incomodaram Chenier, Espronceda e Petrarca ; todos elles pediram emprestada a mentira. Só este fallou a linguagem do coração, e escreveu simplesmente: *Amo-a*. E ama, é certo. Mas é preciso fugir-lhe, já que elle não póde fugir a si mesmo. Todavia quero vel-o, uma vez siquer, pelo braço da mulher desposada. Se elle se mostrar radiante de felicidade, de felicidade não, mas de despreoccupada resignação, não era digno do meu amor e mentia. Veremos...

E sahiu a confidenciar com a mãe.

VI

Ao outro dia, cerca das onze horas da manhã, quando Gaspar de Noronha entrava á sala da meza para almoçar, entregou-lhe um criado uma carta que lhe era sobrescriptada. Rasgando precipitadamente o *enveloppe*, encontrou um cartão de visita que dizia :

CAS VISCONDESSAS DE SUZAREM

e á margem :

Agradecem vivamente e offerecem a sua casa em Lisboa logo que recolham da viagem que hoje mesmo continuam.

A primeira ideia de Gaspar de Noronha foi procurar-lhes o rasto e seguil-as para onde quer que fossem.

Almoçou n'esse proposito, e entrou ao seu quarto para mandar preparar a bagagem, mas lembrou-se que seria prudente interrogar o criado no tocante á inesperada saida das duas senhoras.

O criado que mais em relação tinha estado com as viscondessas de Suzarem, respondeu que ss. exc.^{as} haviam mandado chamar a carruagem pelo seu proprio escudeiro, e que a criada de quarto, que as acompanhava, boquejara que a menina recebera telegramma de Pariz, onde era anciosamente esperada pelo noivo, addido á embaixada na côrte de Napoleão III.

Gaspar de Noronha sentiu-se subitamente despenhado do setimo ceu, e disse ao criado que lhe preparasse a bagagem em todo o caso, porque estava enfasiado de Sevilha e era tempo de regressar a Portugal.

Sahiu effectivamente de Hespanha e, tão azoynado vinha, que não quiz fazer escala por Lisboa.

O tio banqueiro anciosamente o esperava, disposto a ir buscal-o a Hespanha, se elle se demorasse mais oito dias. Devem portanto comprehender que se não faria esperar muito o casamento.

Foi ruidosa a cerimonia, e os noivos sahiram logo para a Foz acompanhados por cem carruagens, que transportavam a primeira sociedade portuense.

Oito dias decorridos, ao declinar da tarde, rodava vagarosamente a caleça dos noivos pela estrada de Carreiros.

Gaspar de Noronha, reclinado nos coxins, fitava melancolicamente o mar e parecia esquecido da noiva, que não se mostrava offendida de similhante alheamento.

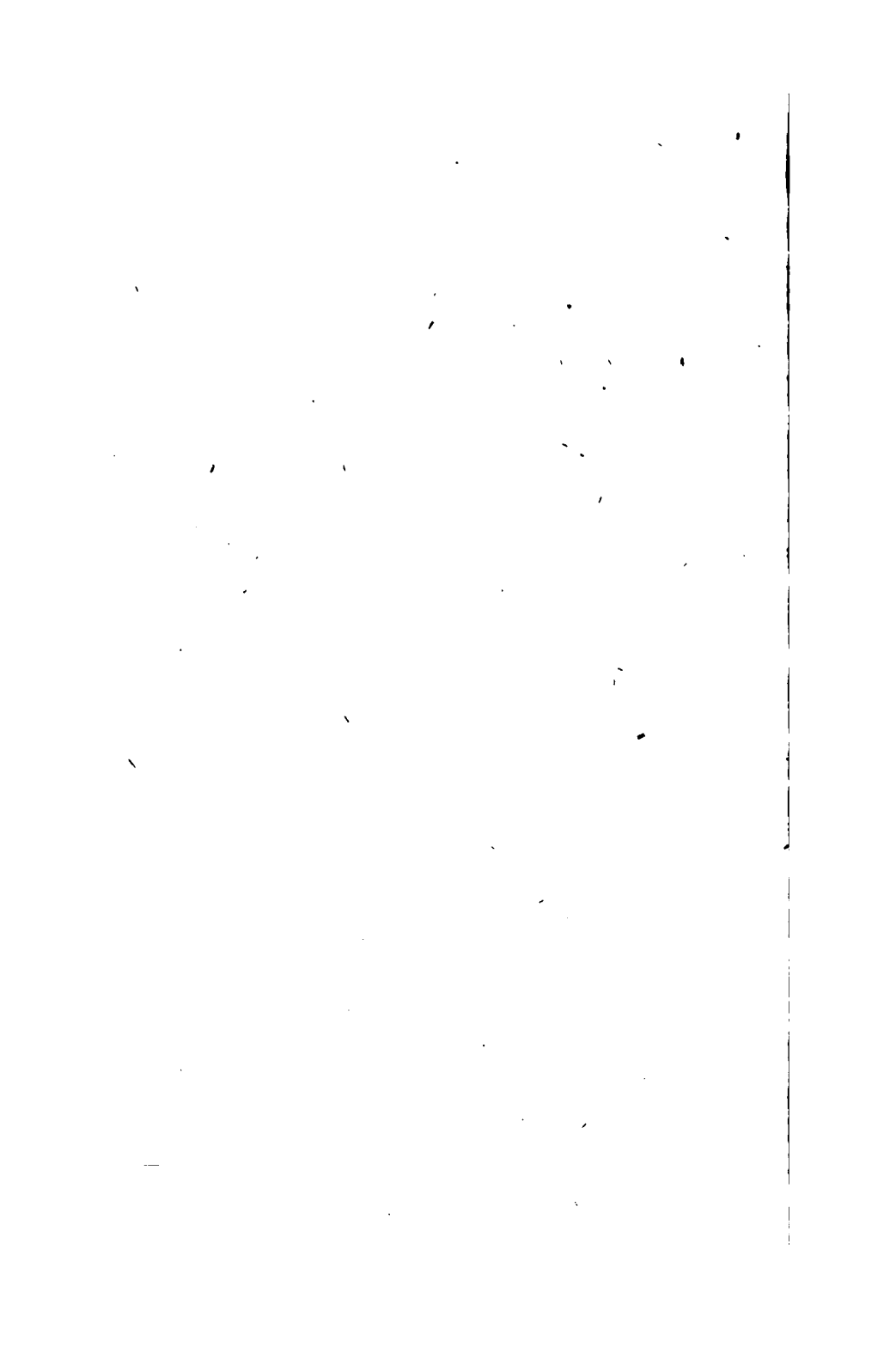
À beira mar, entre um grupo de meninas, filhas de titulares, estava a viscondessinha de Suzarem, que por muito tempo seguiu com o olhar a caleça dos noivos.

Pouco depois cantava como para si mesma a ultima quadra da ballada do rei de Thule e ao dizer:

Mas não deixa a taça ao mundo

cahia-lhe ao mar a ventarola, e apostrophava a viscondessinha ás amigas, que simultaneamente tinham vibrado um — ah:

— É o mesmo; deixal-a ir. Façam de conta que foi a taça do rei de Thule. O peor é que vae a taça e fica a alma, o que não é precisamente como na ballada.



UMA ENTREVISTA
COM ALEXANDRE HERCULANO

(CARTA AO SNR. JOSÉ GOMES MONTEIRO)

Meu mestre, meu amigo. — Atravez da poesia do «Eurico» entrevi eu, ha nove annos, o semi-deus da litteratura portugueza contemporanea. Era aquella um livro que as pessoas menos dadas a leituras sabiam de cór, e repetiam, por desenfado, nos mais formosos e esculpturaes relances da novella. N'aquella soberba prosa, umas vezes talhada no mais fino aço do dizer vernaculo e magestoso, outras scintillante das mais vívidas constellações da phantasia do homem, havia attracção irresistivel para a sociedade portugueza, que concorrera a comprar successivas edições do «Eurico» e á porfia sobredourava de resplendores olympicos o cerebro onde se forjára o maior poema portuguez do seculo XIX.

Era poema o romance de Herculano, porque ainda não houve poeta, desde que foram relidos e decorados os hymnos do presbytero de Carteia, que lograsse medir-se vantajosamente com o estalão gigantesco attingido por aquelle livro.

Os bons engenhos de então, que já os havia em Portugal, olhavam assombrados para a montanha de luz que o «Eurico» accendia no nosso horisonte litterario, como o povo hebreu, segundo a tradição da biblia, contemplava prostrado a sarça ardente do Sinai.

Que saudosas recordações que eu tenho, á breve distancia de nove annos, do tempo em que, fascinado pelo que do «Eurico» diziam as mais eruditas pessoas, particular e publicamente, abri, offegante de commoção, no meu modesto quarto de estudante, o livro que um condiscipulo, mais avantajado em letras e annos, me emprestára por arrojadamente o haver subtrahido da livraria paterna!

Extraordinario livro era esse, que fazia com que os menos destemidos mocinhos, que estavam em idade de medir Horacio e deletrear Virgilio, fossem, pelo silencio da noute, a passos cautos, defrontar-se com a sombria estante do escriptorio paterno, e descer do lote conhecido o volume que as extremidades dos dedos reconheciam pelo tacto como se tivessem olhos!

O ranger de uma porta, o rumor de passos, e, quem sabe? talvez a ancia da consciencia violenta-

da poriam porventura medo á creança que ia bulir n'um thesouro, não pará roubal-o, mas para admiral-o, ainda mais! para deixar admiral-o por algumas horas!

Dizem legendas portuguezas que os mais credulos e cobiçosos amantes de ouro iam similhantemente, por noute morta, desconjunctar os fragoedos das montanhas do norte para excóvar os cofres sotterados pelas mouras encantadas em palacios graniticos. O «Eurico» era n'aquelle tempo o erario maravilhoso que tentava todas as phantasias em botão e todas as algibeiras tão cerradas como as phantazias.

Ha dez annos, como v. exc.^a sabe, a mocidade no Porto não tinha charuto, nem relógio, nem orçamento. Em compensação, ao invéz do que hoje succede, não tinha dividas. Lia os livros que lhe emprestavam, e deixava de ler os que se compravam. A biblioteca dos paes era a torre escalada pela avidéz filial, o oasis verdejante que sorria no deserto da algibeira, sobre o qual só de longe a longe cahiam, como gotas de agua, o folar dos padrinhos e a consoada das tias velhas. A gente ria-se da tristeza da propria situação, e, por andar a braços com o latim, contentava-se com repetir um exemplo da grammatica: *Inopia pecuniæ*.

Hoje sei eu que se diz franceza e elegantemente: *Pas d'argent*. São epochas!

Foi por este rosado prisma da legenda que eu

conheci o «Eurico» e admirei Herculano. Os mais vivos traços de fogo do romance ficaram a allumiarm-me a memoria em ininterrompida ardentia. As *nuances* desluziram-se na reminiscencia com o decorrer do tempo. Mas esses traços de fogo, que na minha alma memoravam uma das mais doces e salutares impressões dos quinze annos, foram bastantes a fazer com que o espirito voltasse a inflammarse na luz e no calor d'aquellas paginas esplendidas.

Á segunda investida, escusado será dizer que a percepção era mais clara e maior o assombro. Foi então que de uma vez para sempre levantei o altar em que Herculano era o Jupiter poderoso da minha idolatria litteraria. Habituei-me a enflorar-lhe o pedestal, a admiral-o aos reflexos dos lampadarios do templo.

Quando o espirito m'ò permittiu, entrei com pé mal firme na arca em que, Noé dos tempos modernos, procurava Alexandre Herculano salvar a historia patria do diluvio das tradições chroniqueiras. Queria contemplar á menor distancia possivel a esteira aberta pelo seu leme nos mares aparcellados das regiões historicas.

Vi-o partir para a trabalhosa navegação saudado pelos applausos da Europa inteira, como se elle, imitador de Vasco da Gama, fosse descobrir novas Indias, e buscar novos thesouros, e descortinar novas auroras!

Logo ao principio da viagem se lhe atravessou, na immensidade das aguas em que mareava, o medonho Adamastor da rotina, erguido sobre o seu throno de chronicas, vestido de pergaminho, cobertos de poeira os cabellos e de carie os dentes, iracundo, baforando sanha pelos olhos e pelas narinas, intransigente, formidavel, tremendo. Herculano esgrimiu com elle, vibrou-lhe ao peito as armas finalmente temperadas dos guerreiros de Ourique e Santarem, abriu-lhe no thorax encarquilhado um largo e profundo golpe, e, vencedor, quiz ficar vencido, porque, fatigado da guerra civil na politica, não queria ser causa odiosa da guerra civil na litteratura.

E desde então, elle, o que andára de terra em terra remexendo archivos para desencantar as glorias da patria, o peregrino de serras sertanejas, em cujos visos alvejavam mosteiros ou municipios, sacudira o pó das sandalias á porta do seu tugurio desde muito despovoado, e repousára á sombra das suas arvores a olhar para as messés que lourejavam em quanto a historia portugueza se denegria.

Ainda mais admirei Herculano! Que rir o seu ao voltar as costas aos que o perseguiam e apupavam, e que philosopho o que vai arrotear a terra menos ingrata que o espirito do homem culto! Desde então Herculano começou a ser o solitario de Val-de-Loboç, o eremita legendario que, na opinião geral, repellia os homens que ousavam fallar-lhe do

mundo, e que não consentia que um olhar reverente fosse pousar-lhe na sua mortalha de gloria.

Ah, meu bom amigo, o que se diz! Eu quiz ver o cadaver vivo do varão illustre, eu quiz ir ao cemiterio venerando da maior reputação portugueza, e, porque elle m'o consentira, eu quiz ouvir o semi-deus que assombrára a minha mocidade, o braço que mais vertiginosamente me despenhára, com grande jubilo meu, no abysmo da litteratura. E o que diziam eremita insociavel, e o que pregoavam asceta agreste e rude, affigurou-se-me unicamente juiz integerrimo, conselheiro leal, adversario da corrupção e propheta da decadencia.

A velhice de Alexandre Herculano posso asseverar-lhe, meu bom amigo, que deslisa serena como veio de agua por entre boninas. Não lhe refervem odios no peito dilatado pelo saluberrimo ar da sua montanha. As magoas que lhe dá o pouco que vai sabendo do mundo, pèrpassam rapidas e são logo esquecidas pelo salutar trabalho dos seus campos. Lamenta o futuro, mas não se apavora com as nuvens negras que vem longe, porque, á hora em que ellas se hão de desdobrar, espera estar no socego da morte.

Com o labor agricola fortaleceu musculos e nervos, tem purificado o sangue nos bons ares e nos bons alimentos. Se ainda se mantivesse operario na galé das letras e arrastasse officiosamente a braga de forçado litterario, estaria, além de velho, doente,

pobre e perdido. Assim não. Vive independente entre as suas arvores, tranquillo na felicidade da sua consciencia, esquecido dos seus inimigos.

Uma vez por outra, como o retirado marinheiro que vae da praia contemplar o oceano, lança ainda ás aguas correntes uma recordação de tempos longiquos. Assim se explica a publicação dos «Opusculos». Logo, porém, refoge para a serenidade do lar, dizendo á alma que tentava respirar sob o ferreo jugo da vontade potente: «Os horrores do naufragio não compensam dos instantes da bonança»

Foi assim que eu fui encontrar, coroado pelos splendores da immortalidade, o vulto homerico da litteratura contemporanea, o maior estatuario da poesia moderna portugueza, a realeza unica das letras patrias, a cujo solio jámais a minha crente mocidade phantasiou aproximar-se um dia.

E como no grande homem, que a maior parte do publico portuguez conjecturára morto, pulsa ainda vivido o coração! Como elle ama ainda o Porto, onde se lhe sumiram na voragem do tempo os mais trabalhosos e os mais alegres annos da sua vida! Com que saudade não resuscita elle, ao clarão da sua lucida memoria, o Porto de ha quarenta annos, os velhos e os mortos que teve por camaradas no batalhão academico, e que eram então trovadores, guerreiros e namorados! Como elle relembra as magoadas impressões da sua viagem ao Porto em 1855, e renova a dôr de ir calcando as petalas das flores

desfolhadas pelos vendavaes da fortuna e da morte, e recorda o esplendor do luar que fazia palpitar em ondulações de prata as aguas do nosso Douro, como no tempo da sua mocidade!

Agora comprehende v. exc.^a a razão por que escrevi o seu nome sobre a primeira d'estas linhas. É porque entre as pessoas do Porto, que Alexandre Herculano rememora com rediviva saudade, primeiro lhe ouvi o nome de v. exc.^a com o mais honroso conceito das qualidades, dos talentos e da erudição de v. exc.^a. Dôce prazer me foi esse, o de vêr afagadas pela authoridade de Herculano as mais queridas convicções da minha alma. Por isso e só por isso faço chronica da entrevista com o primeiro escriptor de Portugal.

Lisboa, 20 de janeiro de 1874.

LIQUIDAÇÃO THEATRAL

Ma muito tempo que os jornaes portuguezes respiram mais desafogados de carencia de noticias. Antigamente era preciso ás vezes inventar homicidios e salteadores; agora, em faltando assumpto, ha sempre um expediente. Faz-se partir para o Brazil um actor. É escusado saber se elle parte ou não parte. Ha de partir por força. É arrastado pelo exemplo e pela moda. Á porta do theatro portuguez fluctua a terrivel bandeira encarnada dos leilões com estes melancolicos dizeres: *Liquidação theatral*. Verdadeira liquidação em qualquer sentido que esta palavra se tome: commercial ou communeiro. O que é certo é que se presente já o alvorço precursor do desfazer da feira, e que os em-

prezarios de theatro gesticulam os desconsolados esgares de quem já chegou tarde para comprar. O Brazil chegou primeiro e comprou tudo,—o mais e o menos, o bom e o mau, tudo. Mas então ha de ficar a gente reduzida ás figuras de cera do largo de Camões, divertimento que está por pouco tempo, porque em apertando o calor derrete-se o espectáculo? Ou aos *montanhezes dos Appeninos* que principiam já a dar vontade de que nós, os portuguezes, vamos exhibir a nossa aptidão musical para a terra d'elles, visto que elles parece terem desejos de substituir-nos em Portugal? Ah! foi uma improvidencia, uma verdadeira, calamitosa, terrivel improvidencia! A opposição tem-se fartado de increpar a esterilidade da ultima sessão legislativa. Tratou-se, por exemplo, do saneamento de Lisboa. Que importa isso? Augmenta o numero dos doentes? Augmenta-se proporcionalmente o numero de postos medicos. Está resolvida a questão. A mais proficua e urgente medida a propôr ao parlamento era o seguinte:

PROJECTO DE LEI

ARTIGO I.—*Ficam sujeitos a direitos de exportação os actores portuguezes que sairem de Portugal.*

ART. II.—*É inteiramente livre a importação de actores de quaesquer nacionalidades.*

ART. III. — *São condemnados a exilio perpetuo os actores portuguezes que tiverem saído do reino.*

Esta era a medida salvadora, a grande medida reclamada pelas necessidades artisticas do paiz. D'este argumento deve a opposição lançar mão para organizar os seus *meetings*. E se não fôr por aqui não será feliz. Porque as palavras leva-as o vento, e os factos subsistem. Ora os factos não tardarão para convencimento de todos. Ausentam-se o actor Furtado Coelho, a actriz Lucinda Simões, a actriz Emilia Adelaide, o actor Simões, a actriz Gertrudes, o actor Brazão, o actor Joaquim d'Almeida, o actor Alvaro, o actor Mello. É olhar para os cartazes, e fazer a conta aos désertores. Eu não quero sacrificar a minha arithmetica a serviço tão pouco patriotico.

A grande tristeza de tudo isto! Os mais sonoros epithetos theatraes tão melancolicamente pendurados do guarda-roupa da critica, como os poentos fatos dos actores ausentes no guarda-roupa dos theatros ou do snr. Cruz! O epitheto de *gentil*, que a snr.^a Emilia Adelaide mercedamente tem vestido tanta vez, a fazer *pendant*, na sólidão do armario, com o seu roçagante vestido de Maria Antonietta! O adjectivo *gracioso*, que tão ao justo acerta em Joaquim d'Almeida, a pedir novo emprego, com voz flebil, ás calças de ganga que este actor costuma vestir nas

Duas cartas! O epitheto *intelligente*, que já vae estando gasto pelo uso, a deixar-se maltratar tanto pela traça como o tem sido pela critica! Uma calamidade! Tudo isto se irá soffrendo até ao momento em que rebentem em violenta explosão os despeitos nacionaes. N'esse momento supremo, á falta de legislação propria, convidaremos por fabulosas quantias todos os actores estrangeiros que se sujeitem a representar em portuguez mascabado nos nossos theatros. Assim o actor Dominici, que é entusiasticamente amigo de Portugal, ficará da melhor vontade entre nós, e recitará no palco do theatro de D. Maria, vestido de moiro, de turbante de pennas e cutello na mão:

Di quella pira o horrendo fogo
 Todas as fibras marse e avvampó:
Empi, spegnetelo ou que eu em pouco
 Com todo o sangue teu *la spegneró.*

Uma *soubrette* hespanhola qualquer, que fizera as delicias do *Eslava* ou do *Martin* em Madrid, declamará no *Principe Real* com enxertado *salerò*: — *Ni una palabra* mais. *Mi marido* vem a subir *las escaleras*, e se nos *oye hablar* . . .

Ao mesmo tempo a snr.^a Emilia Adelaide, não querendo affrontar os resentimentos de Portugal, e receiosa das febres tropicaes, ver-se-ha na necessidade de passar do Brazil a França com a sua companhia e, em pleno espectaculo do *Odeon*, ao reci-

tar dois versos francezes, declamará irreflectidamente:

Vous, vous riez *de tudo*.
Tenez, *eu vos envie?*

Ó confusão babelica! Horrendo cahos a que a emigração dos artistas portuguezes dará logar! Uma só coisa—uma só—trará proveito no meio do terrivel cataclismo: É que d'este modo os actores se encarregam de traduzir as peças, o que ha de ser com certeza melhor do que traduzil-as... o publico, como quasi sempre está acontecendo agora.

Se não tomarmos o desesperado expediente de refazer o theatro portuguez com actores estrangeiros, para sempre estará elle perdido. A verdade é que se desmoronará de vez o velho edificio de que Gil Vicente lançou a primeira pedra, embora, para nos vingarmos do desamor dos actores portuguezes, façamos então leis contra elles, e seja até prohibido pela policia pronunciar-lhes o nome. Tempo virá talvez em que a gente, n'uma tarde de primavera, quando chilriem e floream as arvores do Rocio, dirá cautelosamente ao ouvido d'um amigo, olhando saudosamente para o theatro de D. Maria II:

— Lembra-se do Alvaro?

— Lembro! Era um galan apaixonado.

E logo, surprehendidos pelo fino ouvido d'um policia, serão presos os dois interlocutores.

Então ler-se-ha nos jornaes frequentemente .

«O policia Antunes prendeu hontem no Pateo do Regedor o sr. M. M. que, depois de avisado, insistiu em fallar no actor Joaquim de Almeida, de execranda memoria.

O individuo em questão foi remetido para a Boa Hora.»

Os theatros nacionaes, ao cabo de renhida discussão nos jornaes e nas camaras, serão arrasados, e salgados os terrenos, não com sal attico, como, algumas vezes, no tempo em que funcionavam, mas com sal commum, como outras vezes precisaram. Sómente se archivará o panno de bocca do theatro das Variedades como monumento mythologico, e modelo do genero. Tudo o mais desaparecerá da face da terra.

Triste! Triste! Nada obstante, a descuidosa Lisboa vê com indifferença a bandeira encarnada que fluctuante apregoa a proxima *liquidação theatral*. Ao avesso do conde de Chambord, não faz questão da bandeira. Pois que não faça. Ella depois a sentirá, quando tiver de dizer: *Campos ubi Troja fuit*.

Lisboa, abril de 1876.

VIOLETAS QUE FEREM

CASO DE CARNAVAL EM EDIÇÃO DE FAMILIA

(CARTA A PEDRO CORRÊA)

Isto passou-se domingo, meu caro Pedro Corrêa, no primeiro baile de mascaras do theatro de D. Maria II. É uma veridica historia de carnaval, que tem á primeira vista seus laivos de anecdota, o que é ainda uma prova de não ser fabulada, porque o carnaval é uma velha e relha anecdota que todos os annos repetimos,—que nossos paes nos contaram, e que nós provavelmente contaremos a nossos filhos. Façamos chronica do caso aqui muito á puridade, entre você e eu, porque vamos fallar de pessoas muito conhecidas, e tão conhecidas, que podemos dispensar nomes. Entretanto, para que se não divulgue que temos o veso da bisbilhotice, será bom mandar correr o seu reposteiro, e retirar o seu cria-

do. O seu criado, ó Pedro Corrêa ! Você tem dedo para escolhel-os ! Veja com que astuta desconfiança não correu elle o reposteiro ! O mesmo seria ouvir-nos e correr logo a divulgar por ahi : Elles disseram isto e aquillo ! Portanto fallemos baixo sem testemunhas nem auditorio.

Eu tinha saído de casa, apesar da sinistra caturda da noite, para ir ouvir a *Oração da tarde*, traducção, que presumo excellente, do nosso amigo e collega Pinheiro Chagas. Ia antegostando o prazer de um raro achado. Topar agulha no palheiro das versões que por ahi se estão exhibindo todos os dias, é caso para a gente pegar do chapéu de chuva, e sair com elle aberto, por causa da chuva e das . . . versões. Tinha-me esquecido de que estava em domingo magro. Ia longe de pensar que n'aquella noite Arlequim e Polichinello seriam comigo. Pois foram, eu vi-os a esses dois maganões que da Italia passaram á França, e da França a Portugal, e que provavelmente de Portugal hão de passar á Parvonia. Achei elegantemente enflorado o atrio do theatro. Andava no ar um doce perfume de violetas. Olhei e encontrei-as em pequenos cabazes de verga nas mãos de um rapazinho que m'as offereceu. Tate ! disse de mim para comigo ! Estamos no carnaval. Portugal, o paiz das flores, só as vende á porta dos theatros, exactamente quando ellas se vão desfolhar lá dentro no baile. A culpa tiveram-n'a nossos avós, que fizeram de um homem

que traz flôr ao peito... um asno. Pelos modos na aquelle tempo até os asnos eram tão imperfeitos, que se convencionou que nenhum chegasse á perfeição pela flôr. Tempos! Vou vêr o cartaz. De feito, depois da peça havia baile de mascaras, mas a peça, que eu ia ver, tinha sido substituida pelo *Tartufo*, que eu não me farto de ver. *Tartufo* é comedia propria de carnaval: a hypocrisia é mascara.

Que de velhacões conheço eu, e você também, que se atiram á gente como S. Thiago aos moiros, e que, mal nos vêem na rua, deitam logo o capuz pela cabeça, apresilham o *loup* e ficam... Tartufos! O mundo é d'este feitio. Desatei a rir da ingenuidade parva do bom do Anselmo, que é hoje uma raridade psychologica do tempo de Molière. Descubra-me você um Anselmo, que eu o venderei logo e por bom preço a qualquer muzeu. Hoje quem acredita é tão tartufo como o proprio Tartufo: tem a hypocrisia da credulidade. Que? Você não quer philosophias? Pois bem, não philosophemos. Acabado o espectáculo, ninguem saiu do theatro. Deixe-me ficar também. Maria vae com as outras, diz o povo. D'ahi a meia hora abriam-se os salões, esplendidos de lumes, de flôres, de espelhos. Cabellos empoados, uma coisa que eu adoro, porque não gosto de pinturas incompletas. Camélias brancas e vermelhas, estas camélias que chegam a ser tão raras em Lisboa como as tulipas negras nas outras partes do mundo! *Toilettes* de côres vivissimas,

uma liberdade que o carnaval permite. E, ainda além de tudo isto, o *chic*, o amaneirado, o elegante dos bailes do theatro de D. Maria II, tão artisticamente delineados pelo nosso immortal Santos, homem de quem só dizem mal os que teem maior corpo e menor talento que elle!

Você adivinha quem eu vi, mal que a orchestra encheu de alegres sons a sala? Adivinha. Nós tinhamos estado com elle, na vespera á noite, á mesa do *hotel* Borges, e havia-nos dito: «Amanhã corro todos os bailes.» E você observou: «Pois já se deu em Lisboa baile de mascaras a que tu não fôsses?» Ó Pedro Corrêa, que doida vida aquella! Que grande philosopho aquella! Como elle tem resolvido centenas de graves theses sociaes, tirando-se de apertadas conjuncturas, sem fechar a situação com um tiro de rewolver na cabeça! Tem pouco dinheiro, e apparece em toda a parte onde se gasta dinheiro. É um bohemio de luva: janta aqui, ceia acolá, e, quando a gente o vê levantar da mesa, onde, depois de servido o café, teve de esvasiar sobre a toalha a sua bolsa de filagrana de prata, imagina que elle sae com o proposito de ir procurar o Tejo, e vae depois encontral-o a beber cognac e a rir des-
· doidosamente! Assombroso espirito para quem todas as difficuldades são como os arcos de papel para as amazonas do Price: uma leve teia de aranha que elle atravessa impavido muitas vezes por noite e... por dia. Deixemos, porém, a biographia

do Homem-Mysterio, porque Lisboa inteira a sabe, e todos os dias a lê em edições de todos os feitiços. Fallemos simplesmente do caso de domingo á noite.

Pouco depois de começar o baile, vi-o á mistura com outros rapazes igualmente mysteriosos e igualmente assombrosos, fazendo circulo a um dominó preto, de tope côr de rosa, mascara da mesma côr, ao qual disputavam um bonito *bouquet* de violetas, que se arredondava sobre uma fina cartanagem doirada. O dominó das violetas era uma mulher, talvez de trinta annos: sexo e idade denunciavam-se nas largas curvas que se podem chamar a geometria da tentação, e que, em mulher de poucos annos, estão ainda lançadas a medo como por um collegial obrigado a esfiar as linhas do novello mathematico. A dama tinha espirito. Dialogava em phrases curtas e sentenciosas. Os rapazes, como se diz no carnaval do anno e no carnaval da litteratura, estavam intrigados. Debaixo d'aquelle *loup* havia certamente um mysterio. Ninguem a conhecia; affirmava-se mesmo que o dominó era mais de sala que de theatro.

Ora agora, Pedro Corrêa, não tenho remedio senão voltar a fallar-lhe da biographia do nosso Antony. Sabe você perfeitamente que, n'uma época em que elle tivera a ligeira velleidade de regenerar-se, fôra, convidado por um annuncio, habitar um quarto na rua da Rosa, e que, poucos dias depois,

lhe contava maravilhas da hospedeira. Era uma viuva séria, honesta e gentil, que tinha visões românticas e phrases lyricas.

Thomaz Moore inventaria para ella o amor dos anjos. A pobre senhora fôra obrigadâ a casar-se aos quinze annos com um tenente-coronel que tinha muitas cicatrizes e muitas commendas. Viveu preza á espada do marido e constantemente ameaçada por ella, de sorte que aprendeu a respeitar a propria dignidade. Quando as descargas do funeral do tenente-cofonel lhe annunciaram que estava livre, viu ella ainda na parede a sombra da espada do marido, mas respirou desafogadamente, e pôde lêr um romance, nada perverso, que, quinze annos antes, havia escondido dentro de um armario. Todavia a familia, que era da provincia e vivia triste e opprimida, veio para Lisboa fazer-lhe companhia, e foi ficando, ficando de sorte que o montepio e o labor da agulha eram absorvidos pelas necessidades de cinco pessoas.

A mãe era velhinha; as tias estavam decrepitas; o pae cegára de amaurose, e a viuva privava-se de quanto podesse prejudicar as commodidades dos seus doentes. Mas o romance, o romance que ella, durante quinze annos, apenas vira de passagem, na vidraça dos livreiros? Pois depois de ter soado a hora da liberdade, havia de continuar o supplicio de Tantalo? E demais a mais quasi todos os livreiros de Lisboa a annunciarem a aber-

tura de gabinetes de leitura a preços modicos! A viuva pensou. Tinha escrupulo de comprar uma phantazia com o dinheiro que podia ser uma realidade para o pae, para a mãe, ou para as suas velhas parentas. Lembrou-se de aceitar um hospede que deixasse o lucro bastante para mandar abrir assignatura de romances. Annunciou.

Appareceu um: era elle. Queria regenerar-se jantando a hora certa. Quando muito, poderia, com esse regimen, regenerar o estomago. Nem isso. Esteve uns dias. Não pagou, porque em verdade não tinha com que, e, quando a conta chegou a 48800 reis, a viuva despediu-o. Mas no animo da pobre senhora ficára uma justa e profunda indignação pelo bohemio que fôra comer-lhe as migalhas da sua familia e mais lhe embarçára a esperança de lograr abrir assignatura de romances. Ora elle, como você sabe, não chegou a ter conhecimento da familia da viuva. Entrava de madrugada e saía ás quatro horas da tarde. A unica coisa que ficou conhecendo bem, foi... a escada. A viuva perseguiu-o com repetidas cartas. Sabia que elle ia ao theatro, aos bailes, a toda a parte. Carta sobre carta. Nada! Então a viuva tomou uma resolução definitiva.

Mas eu ia contando-lhe, Pedro Corrêa, que elle estava com outros rapazes á volta do dominó das violetas.

Pedidos, instancias, não valeram. O dominó fugia com o seu *bouquet* por entre a multidão, e os

rapazes, um pouco descorçoados, foram sentar-se a beber no botiquim. O dominó entrou, sentou-se a um canto, e pediu um copo de gelatina. Levantou levemente o folho do seu *loup*, e os da roda viram, sem conhecer a pessoa, a mais rosada e fina carnação que se pôde imaginar. Então um d'elles ergueu-se de subito para se abeirar do dominó, mas a mascara levantou-se magestosamente e disse com dignidade:

— Cuidado, senhor! Eu não estou inteiramente só.

O rapaz recuou e veio dizer para a roda:

— É uma virtude com mascara!

Ao que outro respondeu:

— É a mascara da virtude!

Deslavados trocadilhos, moeda corrente em baile de mascaras, mórmente quando é preciso supprir com um *tour de force* a vergonha d'uma retirada com armas e bagagens.

E trocadilhos, e vergonha, e armas e bagagens tudo se mergulhou na onda esverdeada do *cognac*, mas o certo era que o dominó das violetas estava remordendo acremente o orgulho e a curiosidade dos rapazes.

N'isto a mascara ergueu-se e ia atravessando serenamente o botiquim, quando delicadamente lhe pediram que se aproximasse.

— O teu *bouquet*, mascara, o teu *bouquet*?

— Põe as tuas violetas em hasta pública, e ve-

rás o que é abrirem-se as bolsas dos Rotchilds do seculo.

— Boa idéa!

— Bravo!

E o dominó disse gentilmente:

— Muito bem! acceto a proposta. Está o *bouquet* em praça.

— Meia libra!

— Tres mil reis!

— Tres mil e quinhentos!

— Uma libra!

— Uma moeda!

O dominó estendeu a sua pequenina mão, fazendo signal de suspensão, e houve silencio na roda.

— Aqui tens o meu *bouquet*, disse a mascara a um dos do grupo cujo lanço fôra maior.

Era elle.

Elle que via n'aquelle *bouquet* o talisman que lhe havia de abrir as portas d'uma aventura celebrada! Elle, que tirou da sua bolsinha de prata quatro mil e oitocentos e, que ao depôl-os na delicada mão do domidó, a beijou delirantemente. O dominó consentiu e ao mesmo passo tirava do seio um papelinho que lhe entregava. Dizia assim o papelinho:

«Recebi do sr... a quantia de 4:800 reis que me devia desde o mez de janeiro de 1872, pela hospedagem d'uma semana em minha casa, na rua da Rosa. E, grata á promptidão do pagamento, tomo a liberdade de lhe offerecer o meu bouquet de violetas.»

Bem. Está contado o caso. Você guarde segredo. E, para que por nenhum modo transpire, será bom deixar estar corrido o reposteiro enquanto vamos fumar um charuto, commentando.

Lisboa, fevereiro de 1874.

EPISODIOS
DA VIDA POLITICA DE 1874 A 1875

OS PRIMEIROS ASSUMPTOS PARLAMENTARES DE 1874

I

Explica-se que os deputados são feitos de barro. — A palavra terrível. — Os desastres. — Novo Hyssope. — A chegada da correspondencia. — A pathologia e a forca. — O dia do descanso.

Foi uma semana cheia... d'incidentes.

Ia a gente a S. Bento procurar um deputado conhecido para ajustar com elle uma patuscada, porque os deputados teem horas na vida em que se humanisam, e vinha um continuo responder:

— S. exc.^a não pôde fallar agora. Está muito empenhado n'um incidente.

Voltava-se ao outro dia. Nova resposta:

— Sem se remover um incidente, s. exc.^a não pôde sahir.

N'uma palavra, estou em dizer que a semana passada appareceram mais incidentes na camara que deputados, propostas, idéas e chapéus.

Ss. exc.^{as} andavam açodados pelos corredores, com os olhos incendidos, os cabellos revoltos, as faces pallidas, e, ao encontrarem-se a pequenas distancias, ss. exc.^{as} perguntavam entre si :

— Ó fulano, tu tens algum incidente ?

Facto extraordinario, sombrio, mysterioso, porque a pergunta habitual é esta :

— Ó fulano, tu tens algum charuto ?

Os porteiros e continuos olhavam tetricamente desconfiados para os representantes do paiz, porque lhes parecia aquella uma senha de conspiração, um echo de morte :

— O incidente !

Sexta-feira o dia amanheceu tristemente inglez ; cahia uma chuva ligeira e aborrecida, e havia, iminentes á barra, umas nuvens presagas.

O hiate *Portimão*, vindo da Figueira, entrou arribado as aguas do Tejo.

Mau !

Do mastro grande da *Bartholomeu Dias* cahiu um marinheiro e fracturou uma perna.

Pessimo !

Medonhos annuncios de fatalidade ! Á feia catadura da natureza correspondia a feia catadura da opposição.

Era horrivel aquillo !

E abriu-se a sessão. E o ministerio sereno, tranquillo, sem remordimentos de consciencia nem gestos ferozes, compareceu quasi todo.

Agitada a campainha da presidencia, disse um deputado para a galeria :

— Ha incidente.

E, na galeria, passou de bocca em bocca esta phrase sinistra :

— Ha incidente !

Mal diria o snr. Fontes que a opposição tinha premeditado um golpe de morte, um xeque decisivo, que havia de fazer cahir o snr. Fontes... quando se pozessé a pé !

Era sublime, n'aquella hora, a missão da opposição. Ia desenvolver, colorir, rendilhar ali mesmo, na sala do parlamento, d'um só jacto, d'uma unica investida, um poema... heroe-comico. A opposição havia concebido um novo *Hyssope*.

Ella era o bispo d'Elvas. O governo representava inconscientemente de José Carlos de Lara, o deão teimoso e rebelde. Fôra o caso que na vespera, na cerimonia da imposição do barrete cardinalicio ao snr. patriarcha, o governo, nas salas do paço, não mandara offerecer o hyssope, por intervenção do mestre de ceremonias, á opposição.

Queixava-se maguadamente, flebilmente a opposição, de que a commissão da camara não havia entrado á sala do throno, onde entrou, e não havia comido do *lunch*, de que comeu, nem se havia ser-

vido de palitos, com que em verdade se espalitou.

Duas senhoras, que da tribuna escutavam o dolorido queixume, choravam lagrimas como punhos.

Sobre a cabeça d'um deputado cahiram dois pingos d'agua, e constiparam-lh'a.

Eram... lagrimas.

O deputado reputou o seu circulo offendido na sua pessoa.

Ergueu-se e pediu explicações, rectas e circulares para a tribuna.

As senhoras desmaiaram.

Incidente sobre incidente.

N'este attribulado lance, entravam os continuos com volumosos papeis nas tremulas mãos.

Era a correspondencia. Tãmanha agitação abalava o paiz, que até as areias de Pé de Moira e as ruinas de Troia, julgando-se desconsideradas em effigie pelo memorando facto da vespera, pegavam da penna e officiam ao parlamento.

A primeira d'estas localidades reputava-se abalada no unico *pé* que lhe resta: não tinha razão, porque, sendo moira, não devia entrar á cerimonia catholica da imposição.

A segunda, Troia, ameaçava o seu deputado com tornar a cahir, e despropositadamente o fazia, porque a *Bella Hellena* já não pôde fazer mover os exercitos de Agamemnon, desde que está sendo assobiada pelo rapazio lisbonense.

Esta chegada da correspondencia tambem se reputou incidente!

O snr. presidente do conselho levantou-se então para oppôr um dique á torrente das despeitadas lagrimas opposicionistas. Em duas singelas palavras disse s. exc.* que não tinha havido no facto desconsideração para o parlamento, e que o programma da solemnidade era copia de todos os programmas adoptados pelos seus predecessores no poder.

Vae a opposição, que queria fazer d'uma questão de pragmatica uma questão politica, ficou incidentemente doida d'alegria e disse entre si :

— Aquillo é assim !

E a opposição delirou.

Este incidente foi alegre.

A esse tempo haviam-se desfeito as nuvens imminentes á barra, e o hiate *Portimão* tinha entrado sem avaria.

Nada obstante, o silencio meditativo da noite gera uma nova serie de tetricos incidentes parlamentares.

Era sabbado, e os porteiros e continuos da camara perguntavam-se receiosos de novos embarços no serviço :

— Hoje tambem haverá incidente ?

Um continuo maganão, vendo entrar antes da hora um snr. deputado serodio, respondeu :

— Cheira a elle !

E pozeram todas as esperanças no dia seguinte, que era domingo, e não podia haver incidentes.

Rompeu, aberta a sessão, tremenda tempestade de accusações contra todas as authoridades do continente, do ultramar, e dos intermundios de Epicuro, como diria Antonio Diniz. O snr. ministro do reino, em vez de accusações, pediu provas.

A opposição não esperava este incidente, que a desarmou, e mudou de rumo.

Vascolejou no barril das suas paixões, e tirou novo incidente!

Ouviu-se nos corredores gritar *Eureka!* e logo disse um porteiro para o outro:

— Lá appareceu mais um!

— Mais um que?

— Um incidente!

Era. Era a centesima edição correcta e augmentada do tratado dos julgados. A opposição, fatigada de recitar sobre S. Thiago de Cacem varios opusculos moraes e hygienicos, levantava n'essa hora um incidente, e corrigia o primitivo opusculo, dando-lhe uma feição immoral e epidemica.

A opposição tinha razão.

O fallatorio sobre a extincção dos julgados está sendo epidemia.

Então foi o governo convidado a ser ramerra-neiro, isto é, a fazer hoje o que hontem fez, e a olhar para todos os julgados como tiver olhado para um julgado: com os mesmos olhos.

Quiz fallar o snr. ministro das justiças visto que se tratava d'um acto seu.

Todavia a opposição, que sabia intimamente uma cousa, e é que a palavra do snr. Barjona esmaga, destrinça, explana, impéceu o snr. ministro das justiças e continuou a gritar que d'aqui em diante nenhum dos membros do gabinete podia ter um terçol, uma ophtalmia, um pequeno incommodo ocular que impedisse os ministros de verem todos os julgados do mesmo modo.

Este incidente pathologico foi muito applaudido pela opposição, que, para deixar escorrer o humor de suas paixões, julgou acertado que o incidente ficasse pendente.

Portanto o incidente ficou enforcado. Mas a opposição é tão prodigiosa na concepção de incidentes, que eu suspeito, ó benevolos leitores, que a opposição galvanisará na proxima semana o cadaver e fará bulir outra vez — o incidente.

II

S. Thiago de Cacem dentro d'um frasco d'agua de Colonia. — A dança da representação nacional e a trova da Freixiosa. — Pastilhas e violetas. — Remorso e delicadesa da opposição. — Um discurso microscopico. — A questão da Lourinhã e as pescadinhas marmotas. — De como o sr. presidente fez domínó. — O diluvio dos caríbes de visita. — Acaba-se a semana.

Uma semana elegantemente passada no salão de S. Bento!

Os senhores deputados tinham olhares maviosos, gestos castos, sorrisos feminis, palavras docemente fraternaes.

Os partidos pareciam amoriscados uns dos outros, com tão risonha physionomia se entre-olhavam, e os continuos estavam assombrados de tamanha metamorphose, porque viam subitamente diluidas em agua de colonia as negruras do incidente de Cacem!

Ó maravilha!

Ó maravalha!

De repente desdobra-se ao meio da sala a res-

posta ao discurso da corôa, e os senhores deputados, dando-se as mãos cordealmente, alegremente, como meninas da provincia em serão dançado, fizeram roda, e começaram a descrever circulos, que pouco e pouco se foram alargando, e a entoar n'uma cadência cada vez mais febril uma velha trova da Freixiosa:

Chamaes-me, senhora, ingrato,
Digo que sim, *apoiado!*
Eu quero morrer d'amores
Por vós mesma trespassado.

E, encadeadas as mãos, repetiam-se os circulos, e afogueavam-se de cansaço e jubilo as faces dos illustres representantes do paiz, e as galerias batiam palmas, e saudavam com gritos entusiasticos, e atiravam á sala rebuçados de chocolate, amendoas de licôr, pastilhas d'ortelã pimenta, e pequenos ramos de perfumadas violetas.

E continuavam os gyros vertiginosos, rapidos, concentricos, até que, como estala uma corda por demasiada tensão, se rompeu o circulo dançante, e alguns dos snrs. deputados, menos firmes de pés, foram cahir extenuados sobre as cadeiras da representação nacional.

Por longo tempo archejaram.

Alfim, a galeria, depois de se haver agitado n'uma

ruidosa salva de palmas, cahiu n'um fundo silencio espectante.

E, muito depois, levantou-se tremulo um dos illustres chefes da opposição, pallido das faces, azulejadas e convulsas, e disse com voz pouco limpida e nada sonora:

—Peço a palavra, snr. presidente.

E começou:

—O extranho motivo d'esta immensa alegria parlamentar, não representa, snr. presidente, uma fusão politica, mas unicamente uma infusão de amabilidades para com o rei, e de delicadesa para com o governo.

Apoiados da opposição — roucos e muitos.

O orador, ganhando alento, e continuando:

—Snr. presidente, o projecto de resposta ao discurso da corôa é falso, inteiramente falso, snr. presidente, mas eu e os meus correligionarios approva-mol-o por uma unica rasão, que desejo deixar bem accentuada, — por delicadesa!

Apoiados da opposição.

—A cifra de 1:535:670#000 reis a que subiu a subscrição nacional para a emissão da primeira serie de obrigações do caminho de ferro do Minho, é inteiramente falsa, snr. presidente, mas nós approva-mol-a — por delicadesa!

Apoiados calorosos, que d'aqui em diante se repetiram de periodo a periodo.

—A cifra de 38:000:000#000 reis nominaes para amortisação da divida fluctuante, é um cambalacho politico, snr. presidente, que nós approvamos unicamente por — delicadesa!

«Os canhões Krupp, snr. presidente, de que na resposta ao discurso da corôa se falla, são o refugio dos arsenaes prussianos, sr. presidente, mas nós aceitamos os Krupp, e todas as *peças*, simplesmente — por delicadesa! O desenvolvimento das estradas ordinarias, sr. presidente, é um logro; tudo é uma insidia, sr. presidente, eu quero que v. exc.^a repare bem — uma insidia, mas nós approvamos o logro, a insidia, tudo — por delicadesa! E quer v. exc.^a, snr. presidente, e quer saber a camara as razões que nos demoveram a semelhante passo? É um caso de consciencia, o cruel remorso honrado de não termos sido delicados o anno preterito, e de havermos discutido o projecto de resposta ao discurso da corôa. A discussão demorou a resposta, e não é inteiramente cortez que sua magestade receba em março a resposta d'um discurso que nos recitou em janeiro. Por taes motivos ponderosos, snr. presidente, nós queremos ser duas vezes delicados, pelo anno passado e por este anno, e se em vez d'um projecto apparecessem dois, nós, snr. presidente, approvamol-os ambos, por delicadesa! Disse.»

(O orador foi muito cumprimentado, — por delicadesa).

Pede a palavra outro illustre chefe da opposição. Entre parenthesis: a opposição é tão copiosa em chefes, quanto exigua em soldados.

S. exc.^a tem gestos largos, *poses* esculpturaes, e um ligeiro vinco na testa.

— Snr. presidente, o meu discurso....

Apoiados da opposição.

— Está feito...

Apoiados.

— Pelo orador que me precedeu. Nós abundamos — por delicadesa!

O snr. deputado foi indelicadamente cumprimentado, porque, sendo este o melhor discurso que se tem ouvido nas camaras, os correligionarios de s. exc.^a, e os seus alliados, apertaram-lhe a mão, sacudindo-lh'a duramente á ingleza.

S. exc.^a teve occasião de conhecer quanto ás vezes é dolorosa a gloria.

Como a semana fosse desde o primeiro dia pautada pelos moldes da mais delicada elegancia, os snrs. escripturarios de fazenda da Lourinhã, de Alcoutim, de Arrayolos e outras localidades, lembraram-se de enviar ás côrtes os seus bilhetes de visita, por delicadesa — pedindo dinheiro. Um dos *addresses* dizia assim:

«Os escripturarios de fazenda do concelho da Lourinhã, desejando cumprimentar v. exc.^a, sempre que os dignos chefes de v. exc.^a nobilitem por tal modo as brilhantes tradições da eloquencia parla-

mentar, pedem a v. exc.^a augmento de vencimentos para se habilitarem a substituir insignificantes cartões de visita—por frescas pescadinhas marmotas.»

O final d'este cumprimento fez profunda impressão na camara.

Os snrs. deputados recolheram-se a suas casas a estudar miudamente, profundamente a questão da Lourinhã e, como desvelassem a noite em seus proficuos estudos, não tiveram tempo nem coragem de ir á camara na quarta-feira.

Apresentaram-se apenas, n'esse dia, 31 snrs. deputados.

Abriu-se a sessão, pela uma hora da tarde, e o snr. presidente, feita a chamada, disse :

—Trinta e um. Fiz dominó. Acabou-se o jogo.

E acabou a sessão.

Na quinta feira era dia santificado.

Os snrs. deputados estiveram estudando até ao meio dia, em suas casas, a grave questão da Lourinhã e, cerca das duas horas da tarde, foram ao Campo Grande assistir ás corridas—por distracção.

Na sexta feira, quando parecia haver-se achado uma solução para a ponderosa questão da Lourinhã, complica-se inesperadamente a situação, porque chegam na camara bilhetes de visita dos srs. escripturarios de fazenda de Penacova, Valpassos, Boticas, Espozende, Aveiro, Agueda, Ilhavo, Figueira de Castello Rodrigo e Covilhã—pedindo dinheiro.

Foi um dilúvio!

Os snrs. deputados sentiram-se mergulhados n'um grande mar de requerimentos — e arrefeceram.

E n'isto ouve-se no largo de S. Bento um violento tropel de cavallos, em que chegavam montados todos os snrs. correios das secretarias d'estado e dos tribunaes superiores — pedindo melhora de vencimentos.

Os snrs. deputados estremeceram.

E quasi simultaneamente houve noticia telegraphica de se estar equipando o escaler da estação de saude de Belem, para vir depôr ás faldas da montanha de S. Bento os respectivos remadores—que desejavam augmento de retribuição.

E os snrs. deputados descoraram.

Como a delicadesa é impertinente!

E os snrs. deputados disseram: Vamos estudar as questões.

E sahiram.

E no sabbado em que os snrs. deputados esperavam apresentar-se com as questões estudadas, apparecem na camara bilhetes de visita dos snrs. escripturarios de fazenda dos concelhos de Santarem, do Cartaxo, de Rio Maior, de Figueiró dos Vinhos, de Thomar, de Ferreira do Zezere e da Barquinha — pedindo augmento de ordenados!

E os snrs. deputados, achando-se perplexos entre este acervo de cumprimentos, saíram da camara

E acabou-se a semana — com delicadesa!

III

O Santo julgado. — O copo d'agua e o capilé. — Lucullo e o sr. José Luciano. — A canicula abrasadora e o sorvete corruptor. — A rua de S. Bento e o Rato. — O humorismo do snr. Luiz de Campos. — O que é o parlamento. — O que é a opposição. — Missa de pontifical. — A historia do pontapé. — O paço da Ajuda com escriptos. — S. Thiago de Cacem no ceu.

O martyrio de S. Thiago de Cacem durou tres semanas completas, graças á sacrilega phantasia da opposição.

Só paciencia evangelica poderia resistir áquillo!

Fóram apenados os primeiros oradores historicos e reformistas para condemnarem em sua torrencial eloquencia o santo *julgado*.

E o santo ouviu-os e soffreu-os!

Discursou na quarta-feira o snr. Paes Villas Boas, que, pela solemnidade com que pediu o tradicional copo d'agua, preveniu o parlamento e as galerias de que seria iracundo e fulminante.

Todavia s. exc.^a declamou passeiando e orvalhan-

do de longe a longe, com pequenos goles d'agua, a aridez estuosa da condemnação.

As camaras e as galerias, não obstante a correcção da phrase, ficaram mais uma vez desenganadas acerca de todos os programmas portuguezes.

Não foi s. exc.^a quem as enganou.

Lance-se a culpa ao copo d'agua, que teve as honras de programma e que, como todos os programmas, enganou a camara e o paiz.

S. Thiago de Cacem ficou, sem embargo, durante a noute de quarta para quinta-feira, estatelado sobre as grelhas ruborisadas pelo fogo das iras historico-reformistas.

Na quinta-feira ergueu-se o snr. José Luciano.

Bateu na sua escrevaninha, e pediu capilé.

D'esta vez o programma ia mais longe, e, attendendo á côr da beberagem, era publicado em papel pardo.

S. exc.^a começou por fazer a biographia do ministerio. Houve quem dissesse nas galerias que o discurso era descabido, e melhor enquadrado ficaria no *Diccionario Bibliographico* do meu presado amigo e mestre o snr. Innocencio Francisco da Silva.

Não sei.

S. exc.^a proseguiu na enumeração das producções politicas do ministerio, e pediu á sua fiel memoria quantas recordações historicas havia accumulado nos seus bons tempos da latinidade e da mythologia escolares.

Fallou do Baixo-Imperio, da Phenix, e de outras coisas!

Conta-se que Lucullo, ao servirem-lhe n'um dos seus esplendrosos banquetes as amphoras doiradas, em que scintillavam preciosos vinhos, envasilhados durante o tempo do seu poder, apostrophara coleirico:

— Nunca mais me tragam vinhos do meu consulado! Pelo residuo que depositam no fundo da amphora, vejo que estou velho!

E estava.

Ai! O snr. José Luciano, ao occorrerem-lhe as velhas citações da sua mocidade, certamente segredou para dentro da sua alma attribulada:

— São bolorentas : estou velho!

Eu quereria poder reproduzir nos estreitos limites do folhetim a calorosa invectiva de s. exc.^a.

Não posso.

Mas lembra-me, ai, mas lembra-me um memoravel relanço, em que s. exc.^a, fazendo sentir á camara a corrupção dos actuaes ministros, lamentava que o snr. Cardoso Avelino se houvesse deixado perverter pela má companhia dos seus collegas no governo.

Funda e profunda verdade!

Assim foi.

Era uma formosa noite de lua.

Lisboa incendiava-se sob a pesada oppressão d'um calor verdadeiramente canicular.

No Passeio Publico, as senhoras decotavam-se violentadas pelo intenso queimar d'uma fragua interposta ao vestido e ao seio. Alguns graves estadistas idosos desviavam os olhos. Outros, menos sofridos, lamentavam que no Passeio Publico não houvesse silvedos onde podessem rasgar as carnes palpitantes de commoção. No Chiado, ás nove horas, passeava-se em mangas de camisa. Na Praça de Luiz de Camões havia quem invejasse a frescura inalteavel do bronze da estatua. O leão da Estrella dava urros a pedir carapinhada. A guarda do Terreiro do Paço foi banhar-se ao Tejo, e não respondeu ao official da ronda. Houve quem abrisse os chapéus de sol por imaginar que era meio dia.

Não era: era julho.

O snr. Cardoso Avelino saiu para a rua por não poder respirar na atmospha abafadiça do seu gabinete.

E os outros snrs. ministros haviam feito o mesmo.

E ss. exc.^{as}, tambem encalmados, encontraram o snr. Avelino e convidaram-n'o a tomar um sorvete de morango.

E s. exc.^a foi, e desde esse momento ficou pervertido — pela má companhia !

Horror !

Não obstante, o snr. José Luciano declarou-se entusiasticamente amigo e respeitador do snr. ministro das obras publicas.

Amigo e respeitador d'uma pessoa pervertida—
por más companhias!

D'onde é licito inferir, que o snr. José Luciano, continuando a ser amigo e respeitador do snr. Cardoso Avelino, se achará dentro em pouco pervertido —pela má companhia.

S. exc.^a foi proseguindo, e fez um discurso tão comprido como a rua de S. Bento.

Foi uma verdadeira montanha de eloquencia que, como a rua de S. Bento, acabou pelo *Rato*: como acabam todas as montanhas convulsionadas pelas dores da parturição.

Os applausos da opposição foram estrepitosos, e alguns puxados tão de dentro, que os snrs. deputados ficavam suados e vermelhos. Sempre, porém, se eleva á grande celeuma da opposição a voz humoristica do snr. Luiz de Campos, o illustre folhetinista de S. Bento. Ah! mas, snr. Luiz de Campos ¹, no parlamento, onde se discutem os sagrados interesses do povo, onde deve fallar a grande voz da justiça que se faz ou se deixa de fazer aos nobres e aos plebeus, aos ricos e aos pobres, ao proprietario e ao trabalhador, o sorriso ironico, o áparte espirituoso, as rajadas de humorismo não esclarecem,

¹ Luiz de Campos é um bello espirito e um bello coração. Fazemos inteira justiça ao litterato e ao homem. Do politico não gostamos,—francamente o dizemos.

não discutem, não defendem, não moralisam. Isto não quer dizer que nos oradores eminentes, como José Estevam, e como s. exc.* não é, não fulja illuminada, de longe a longe, pelas scintillações da facécia, a cerrada torrente da dialectica. Mas ser alegre, ser espirituoso, epigrammatico, por systema, no parlamento, não é inteiramente bem pensado, crêmos nós.

O parlamento! o parlamento!

N'um obscuro livro que ha dias publicamos—chronica-romance do reinado d'um príncipe que habitou o paço dos reis portuguezes antes que lá se pozessem escriptos, como prophetizou o snr. Saraiva de Carvalho,—escreviamos estas ligeiras palavras cuja transcripção ajusta n'este relanço :

«Não ha realmente instituição mais apropriada para estabelecer nas sociedades cultas o verdadeiro equilibrio em que se deve manter a balança da justiça, do que o parlamento. Devia ser aquelle um templo em que os representantes do povo se reunissem para fallar pelo povo. A voz das multidões devia echoar ali. A alma popular devia palpitar na eloquencia dos tribunos. Requeria aturada reflexão—se os homens se fizessem para as instituições,—o alcance de cada palavra, porque uma palavra, pronunciada no interesse do povo, pode representar as lagrimas do orphão, o suor do operario, o sangue de todos. Mas os homens converteram o parlamen-

to na praça publica em que a justiça dos eleitores é vendida despejadamente pelos trinta dinheiros da politica. A ambição pessoal envenenou o direito colectivo. A vasa da cobiça manchou a corrente da eloquencia, e todo o artificio da palavra não pode occultar a mácula da idéa. E o Tejo, tal como Deus o creou, tem ainda, e terá sempre, a mesma profundidade e a mesma serenidade. Ponham-lhe barreiras no caminho; elle arremessal-as-ha ao ceu. Irá noite e dia levando ao mar o feudo que lhe deve, porque a obediencia realisa o ideal da justiça. Este devera ser o caminho dos homens, porque o dever nasceu companheiro do direito, mas o caudal da eloquencia, em vez de seguir a linha recta da equidade, espraia-se muitas vezes em discussões estereis, em inundações de palavras, que deixam cobertas de limos as areias do parlamento.»

A verdade é esta.

O parlamento portuguez não está á altura do fim para que foi instituido, e são, especialmente, as opposições que o degradam.

A ambição do poder não se casa á lucidez da discussão: sente-se melhor na expansão violenta da apostrophe e do chasco. Vejamos o que se está passando actualmente. Os snrs. deputados historicos e os snrs. deputados reformistas acham tudo mau, tudo capcioso, tudo pessoal no governo dos seus adversarios que estão no poder.

Mas quando uns ou outros de ss. exc.^{as} subirem, tudo será bom, tudo será liso, tudo será de todos, e mesmo agora, se ss. exc.^{as} são censurados pelo que fizeram, suas exc.^{as} tudo fizeram conscientemente, sinceramente, utilmente. Se todos os snrs. deputados querem ser ministros, então não se diga ao povo que eleja deputados, então diga-se ao povo que eleja ministros. Então não digam os eleitos que vão ao parlamento trabalhar para o povo; então tenham a coragem de lhe dizer que vão trabalhar para si.

O povo quer um representante dos seus direitos; o partido é que quer um ministro da sua politica.

E a quem devem servir immediatamente os representantes da nação: ao povo ou á politica?

Mas a opposição quer subir.

A ella é que lhe importa que estejam no poder os regeneradores, pela simples rasão de que não são historicos nem reformistas.

Ao paiz pouco lhe importa que os regeneradores estejam no poder, comtanto que o seu governo d'elles o beneficie.

E tem beneficiado?

A opposição diz que não, o paiz diz que sim.

E não só diz que sim o paiz, senão que o affirmá pelos seus actos, e vae depositar nas mãos do governo, sem distincção de provincias, os seus valiosos capitaes,— voto, claro é evidente de uma confiança illimitada.

Mas grita a opposição que o ministerio se serve de armas eleitoraes.

Ss. exc.^{as} nunca se serviram. Accusam, porque não podem ser accusados.

Outro dia fallava o snr. José Luciano, e dizia que o governo levaria á camara apenas deputados da sua escolha nas proximas eleições geraes; s. exc.^a descreveu com as côres romanticas do *Boletim da Torreira* a orgulhosa alegria do governo ao vêr-se rodeado de uma camara onde não haveria maioria, pela simples rasão de não haver minoria.

E s. exc.^a exclamou:

«Que formoso eden não será este, snr. presidente!»

E, se o ouvido não enganou as galerias da esquerda, o snr. Luiz de Campos observou:

«Nem o paraizo da Catania!»

O parlamento! o parlamento!

Na sexta-feira discursou, reproduzindo o autobiographia declamado pelo snr. José Luciano, o snr. Saraiva de Carvalho.

O snr. bispo de Vizeu foi ouvir s. exc.^a. E o snr. Luiz de Campos correu, não a salvar o prelado viziense, que não é precisamente a cigana do *Trovador*, mas a sentar-se ao lado direito do snr. bispo de Vizeu. E depois foi sentar-se ao lado esquerdo o snr. Francisco Mendes.

O snr. bispo de Vizeu estava contente de se vêr assim acolytado. Parecia missa de pontifical... po-

lítico. E o snr. Saraiva de Carvalho disse muitas vezes :

«Eu sou reformista.»

E não disse nunca:

«Eu sou deputado por Lisboa!»

S. exc.^a fallou do fim desastroso de todos os governos pessoases, na hypothese da regeneração estar fazendo governo pessoal, e disse que Sedan fôra o pontapé dado pela Providencia no governo pessoal de Napoleão 3.^o

O sr. bispo de Viseu não se horrorisou da heresia!

E ficou.

Mas em compensação, o illustre duque de Loulé, que tinha entrado na sala, saiu.

Naturalmente s. exc.^a, verdadeiro fidalgo e verdadeiro cavalheiro, saiu enojado de que a palavra *pontapé* tivesse foros de auctoridade parlamentar.

A peroração do discurso do snr. Saraiva de Carvalho foi brilhante!

S. exc.^a annunciou que um dia se porão escriptos no palacio da Ajuda, se a regeneração continuar a desauthorisar a realza.

Mas como s. exc.^a, se o poder ser, acceitará de boa mente o cargo de herdeiro da regeneração, deixou suppor que será s. exc.^a o estadista encarregado de pôr escriptos no paço d'Ajuda, e de dar o golpe de estado, porque s. ex.^a sente-se com instinctos de Cromwell e de Pavia.

Parlamento ! parlamento !

Finalmente, no sabbado, depois do triste espectáculo de tres semanas de supplicio para S. Thiago de Cacem, foi votado o projecto dos juizes ordinarios.

E o paiz, depois de ter ouvido dizer á opposição, durante dezoito dias, que a maioria ia dar ao governo uma terrivel arma eleitoral, que a regeneração estava corrompendo a nação em geral e o snr. Cardoso Avelino em particular, o paiz, dizemos, não reagiu, não conspirou, — o paiz foi á missa e ao theatro, tranquillamente, como costuma, no dia seguinte, por ser domingo.

O PARLAMENTO PORTUGUEZ EM 1875

No dia 12 de junho de 1874, — dia d'aquelle grande desapontamento do snr. Saraiva de Carvalho e do snr. Simões Carneiro! escrevia eu n'este mesmo logar e n'este mesmo jornal ¹: «As eleições que hoje se verificam, darão por ventura novo lustre aos fastos da eloquencia tribunicia? Ha, entre todos os nomes que figuram no rol dos escolhidos do povo, um que fulgura aureolado pelo esplendor da mais vigorosa inspiração que tem brotado em Portugal desde que arrefeceu no cerebro de Garrett,—refiro-me a Thomaz Ribeiro, escusado seria dizel-o: e outro que representa um talento muito brilhante e prestimoso, o dr. Julio de Vilhena.

«Venham elles, e os mais que por ventura nobilitem o parlamento, muito nas boas horas, que bem precisos são, pois que vão rareando as fileiras, porque umas vezes a morte as dizima, e outras vezes o pariato e as embaixadas as cerceam, como aconteceu com o snr. Carlos Bento e o snr. Mendes Leal.»

Era grande a curiosidade que despertára na

¹ O *Diario Illustrado*.

maior parte do publico o resultado das eleições geraes, — curiosidade de ver como se estrearia na tribuna parlamentar, e até na carreira politica, um par de moços a quem o povo portuguez confiára o seu mândato, e que tinham a laurear-lhes o nome as distincções academicas, e os creditos, embora nascentes, brilhantes, de oradores e escriptores.

Este facto era verdadeiramente novo nos annaes do nosso parlamento.

Havia chegado a hora de o invadir a onda irrequieta e caprichosa da mocidade, da eloquencia ardente, da discussão calorosa, e dos arrebatamentos oratorios. A camara electiva, como a camara hereditaria, estava a pedir reforma. Era, de legislatura para legislatura, uma especie de vasta platea, em cujas cadeiras atava um lenço cada velho deputado que se levantava. Os representantes do povo eram pela maior parte maiores de cincoenta annos, somnolentos, pacificos, gordos, e boas pessoas.

O paiz adquirira o habito de os eleger, e elles o de serem eleitos. Não saiam deputados por vaidade, por convicção, por gosto, ou por conveniencia; saiam deputados por habito.

Sabia-se de antemão quantos votos haviam de ter, e quantos projectos haviam de apresentar.

N'aquelle tempo o fito de todos os projectos eram as estradas, — como hoje são os caminhos de ferro. Hoje accusam-se os deputados porque querem que a locomotiva vá passar á sua localidade: então

eram accusados por quererem que a diligencia lhes passasse á porta. Ás galerias da camara ia pouca gente. — Por via de regra alguma pessoa da provincia que vinha por causa da estradã fallar com o deputado.

Só quando algum ministro — e alguns houve novos — justamente conhecido e estimado pelo seu talento e pela sua eloquencia, tinha de fallar n'uma questão de administração publica, concorria o jornalismo, e alguns curiosos, á sessão da camara.

Mas os snrs. deputados iam envelhecendo cada vez mais, e precisavam de descanso: uns eram nomeados pares do reino; outros recolhiam-se de vez á sua casa da provincia.

Entrementes começavam a germinar as ideias novas, — e note-se que não digo a Ideia Nova, com letra grande, e com petroleo.

As ideias novas — para nós, eram a viação accelerada, a reforma de algumas instituições, os melhoramentos geraes, a reorganisação do exercito, o desenvolvimento da industria, o restabelecimento da instrucção publica, e outras grandes iniciativas, muitas das quaes já estão, felizmente, realisadas. Como os homens novos representam, ordinariamente, ideias novas, viéram á camara electiva os homens novos, impregnados das idéas do seu tempo, como aquella borboleta das Indias chamada vismára se impregna da côr da planta sobre que vive.

Refizeram-se os partidos, embora capitaneados

por algum velho decurião da antiga milicia parlamentar.

Crearam-se programmas, refundiram-se outros. Começou-se a não saber quem saia deputado, e a dormir menos na camara electiva.

Na hereditaria, a esperança de reforma entremostrava-se atravez dos cabellos brancos dos pares decrepitos, cujos successores frequentavam com distincção as academias, e haviam de tomar um dia o logar de seus pais. Reforma que o tempo preparava espontaneamente, e que nenhuma relação podia vir a ter com essa outra reforma apresentada hontem na camara alta pelo illustre conde de Casal Ribeiro, a quem eu folgo de dar aqui um publico testimonho do meu respeito e da minha admiração pelo seu nome.

Mas a mocidade apresentava ainda um inconveniente — era a demora em apresentar-se. São hoje trabalhosos e longos os cursos academicos, — essa especie de muralha de letras em que um rapaz tem de abrir brecha para romper atravez do futuro. Esta era a razão de ainda o anno passado, ao escrevermos sobre as eleições geraes, fazermos votos pela reabilitação da tribuna parlamentar portugueza, onde só de longe a longe relampagueava o verbo ardente e pittoresco de Garrett, de José Estevam, de Rebello da Silva, de Vieira de Castro, de Santos e Silva, e de poucos mais.

O resultado do 12 de julho de 1874 fôra, porém,

de tal modo honroso para o governo, e para o paiz, que logo gostosamente se alvoroçou o espirito publico, com a esperança de tornar a ouvir oradores no parlamento, e de ver levantarem-se as discussões á altura exigida pelo impulso das ideias modernas.

A opposição, confrontando-se com os seus antagonistas, teve um pesadelo de medo e emmudeceu. Chegou á camara sem voz, e todavia não estava insensivel. De pedra era a estatua de Memnon, e fallava, quando o sol a aquecia. A opposição endureceu exteriormente mais que a pedra, e nem o dever, — esse esplendido sol da consciencia humana — lhe deu voz! Para que é o parlamento, — como a palavra o revela — senão para discutir, para pugnar, para lutar finalmente nos grandes combates da palavra? Portanto o dever da opposição era combater. E a opposição adormecia esquecida do seu mandato e do seu dever, quando a voz do snr. Manoel d'Assumpção lhe trovejou aos ouvidos: «Vós fingis os desdenhosos amantes despeitados porque ainda vos não foi conferido o mando e o poder. Quer a opposição o mando e o poder n'este paiz, n'este paiz que tão bem conhece e que já a alguns dos seus membros entregou por vezes o timão da náu do estado. Que querem? O paiz emprehendeu agora n'essa náu do estado mais longa derrota, precisava de almirante ousado e experiente, escolheu outros maréantes, estava cançado de ver a pobresinha

confundida com as rascas mercantes que apenas alcançam uma singradura de porto a porto, e sempre á vista da costa. Queixam-se porque nós não discutimos. Discutir com quem? Com mudos não se discute. Havíamos de andar aqui, como diz o nosso frei Luiz de Souza, a esgrimir no ar, dar golpes em vão, emfim a combater contra um rochedo! Ao silencio não se responde.»

Ah! meu caro snr. Assumpção, tambem diz fr. Luiz de Sousa: «Que do fino diamante ninguem faz tanto caso como o bom lapidario, nem da pederneira tira grandes faiscas senão o fuzil de aço fino», e a mim não me quer parecer que a entranhada ambição do poder seja fusil de aço fino capaz de tirar da pederneira da palavra grandes faiscas de eloquencia.

Por isso estava silenciosa a opposição.

Entretanto, do lado do governo, iam apparecendo oradores distinctos a pugnar pelos interesses da pátria em linguagem em que transparecia uma auro-ra de esperanza para a reabilitação da eloquencia parlamentar. Na sessão de 1 de fevereiro, por exemplo, o snr. Illidio do Valle, fallando sobre a construcção da nova escola medico-cirurgica do Porto, melhoramento indispensavel, dizia elegantemente :

«Ninguem que tenha percorrido os estabelecimentos scientificos do Porto desconhece os exiguos aposentos em que, por assim dizer, se acha hospede-

Dada a eschola medico-cirurgica n'um recanto do hospital de Santo Antonio, onde, á mingua d'espaco, os ossos e as togas, os livros e as retortas, os instrumentos chirurgicos e os frascos das medicinas fraternisam na mais insolita camaradagem; tudo isto aggravado ainda pela situação d'um theatro anatomico, que, destituído de condições sufficientes de ventilação e limpeza, muitas veses infecta a atmosphera d'aquelle recinto a ponto de fazer recuar a mais co-rajosa pituitaria».

Só a opposição não fallava!

Era preciso que o receio de desgostar os seus eleitores a beliscasse em qualquer dos braços que ella havia cruzado ao sentar-se nas cadeiras da representação nacional. Assim foi que se resolveu a fallar a estatua de Memnon pela bocca do sr. Luiz de Campos,—o porta-voz da opposição quando o sol do interesse lhe deu de chapa. O sol do interesse era, n'este caso, o projecto da construcção do caminho de ferro das Beiras e do Algarve. Sobram brios nas fileiras da maioria. Respondeu-lhe brilhantemente o snr. Telles de Vasconcellos pronunciando-se pela linha da Beira Alta, como a mais importante pela riqueza da região que atravessa, sem embargo de reconhecer importancia relativa ás linhas da Beira Baixa e do Algarve. O snr. Telles de Vasconcellos declarou aceitar as ideias dos seus adversarios politicos em tudo o que não fosse estes dois

pontos essenciaes. Elle quer que seja simultanea a construcção das tres linhas; os seus adversarios desejam que se façam separadamente. Elle aceita para a construcção e exploração o principio da subvenção; a opposição quer que o governo construa por sua conta. O snr. Luiz de Campos tinha visto uma crise. O orador declarou francamente não receiar a crise que o snr. Luiz de Campos enxergou do alto da Cotovia, e adduziu um facto importante: a subida do nosso credito não só no paiz mas tambem na praça de Londres. E provou que se a construcção dos caminhos de ferro produzisse alta de salario, seria essa uma desvantagem inferior ás que poderiam resultar do-proseguimento da construcção tanto para o desenvolvimento industrial como agricola.

Defendendo a subvenção por meio de concurso, fez vêr que todos os systemas seriam bons segundo as circunstancias, e que preferia a subvenção á garantia de juro, porque a experiencia lhe demonstrava que por esse systema eram mais caros os caminhos de ferro, pois que as companhias eram de ordinario pouco escrupulosas nas despesas de exploração.

Depois o snr. Telles de Vasconcellos esgrimiu victoriosamente com a arithmetica do snr. Luiz de Campos, mostrando que, a fazer-se obra por ella, os caminhos de ferro deveriam chamar-se de Santa Engracia, por ficarmos sem elles. Mostrou que se o governo tivesse de levantar em titulos de divida

publica o custo da construcção, seria certa a baixa no credito, e que o quantitativo da depreciação devia ser já um encargo maior do que o lucro que o governo deixa de ter desde 55 annos a 99 — o que profundamente impressionou o animo do sr. Luiz de Campos.

Auctorisou-se com opiniões de homens competentes, os quaes, sendo partidarios da garantia de juro, haviam asseverado que nos paizes como Portugal, Grecia e Turquia era a subvenção condição forçada para a contrucção dos caminhos de ferro. Mostrou tambem as vantagens de seguir a linha da Beira Alta pelo norte ou pelo sul do Mondego. Fez ver por meio de estatisticas qual era não só a população mas tambem a riqueza industrial e agricola das povoações atravessadas por um outro traçado, declarando deixar ao governo e aos homens competentes inteira responsabilidade depois de devidamente pesados os prós e os contras, ponderando que as industrias do sul do Mondego tinham importancia para merecer um ramal, quando se não podesse adoptar o traçado do sul.

Finalmente, o snr. Telles de Vasconcellos declarou desejar ardentemente os caminhos de ferro, embora os seus inimigos politicos o cobrissem de calumnias, porque os caminhos de ferro ficam e as calumnias passam.

Estamos reproduzindo de memoria; todavia julgamos ser este o resumo do discursso do illustre de-

putado pela Guarda. Folgamos de ouvi-lo, e d'aqui o felicitamos vivamente segundando os comprimentos que a maior parte dos seus collegas lhe dirigiu.

Entretanto o sr. Luiz de Campos ia tomando notas, e pedia a palavra o snr. Francisco d'Albuquerque.

Ainda bem! Venha o copo d'agua para a opposição, que já tem voz! Venha tambem o censo de 1864, que o snr. Luiz de Campos pediu para verificar as estatisticas citadas pelo sr. Telles de Vasconcellos! Venham as Aguas Livres em peso para a opposição refrescar a guella, e toda a livraria da camara para refrescar a memoria, só não venha o silencio, nem a estatua sem voz, nem outras cousas tristes! Memnon, aquece-te e falla! Oh! Memnon da minha alma, tu não és uma fabula, tu vaes ser a opposição, tu és uma verdade, tu és um discurso sobre o caminho de ferro das Beiras e do Algarve!

Ó Memnon, adeus!

E tivemos de sair da galeria com grande magua de não poder ouvir o discurso de Pinheiro Chagas, que se diz haver sido digno do seu nome.

CEZAR OU JOÃO FERNANDES?

De como o author, estando na Foz do Douro, viu o paiç hesitante entre o snr. bispo de Viçeu e o snr. Anselmo Braamcamp.

(CARTA AO DIÁRIO ILLUSTRADO)

Meus amigos:— Agora mesmo acabo d'espraiar a vista por esta formosa vastidão do oceano que se estende desde o principio do Cabedelo até á praia de Leça, e ainda me sinto surprehendido de vêr que, sendo tão harmoniosas as creações divinas, o mundo physico se conserva placido e desanuveado á hora em que terriveis evoluções politicas agitam profundamente o mundo social! Diz-se que o homem é o rei da criação, que o homem domina a natureza por meio da electricidade, do vapor, e do pensamento que logrou converter em alavanca d'Archimedes, e, santo Deus! a natureza, que elle em verdade conseguiu dominar cavando as rochas do

monte Ceniz e as areias do isthmo de Suez, revol-
ta-se n'um momento contra a dictadura humana,
como o duque de Saldanha contra o governo histo-
rico e os volscos contra Tito Larcio, e estadea-se
formosa e serenamente, livre do jugo oppressor,
zombando tacitamente da antiga tyrannia!

Pois tu, ó mar, que estremeceste sob as quilhas
das naus descobridoras, tu que tiveste de sujeitar-te
resignado ao dominio portuguez desde a Europa até
á America, tu que aprendeste a amar o pavilhão das
quinas desfraldado tantas vezes na solidão magesto-
sa das tuas aguas, tu, ó sublime revoltoso, esqueces
n'um momento a tua velha sujeição amorosa á nossa
bandeira e ao nosso nome, e não entõas uma ne-
nia sentimental, e não te cobres com os crepes do
lucto á hora em que a politica portugueza treme no
pedestal vacillante do snr. bispo de Vizeu! Se eu
fosse frei Pancada, havia de fustigar-te agora com o
açoite da minha colera! E olha que sendo eu Pan-
cada, havias de ficar moído. Não, meu pobre ocea-
no, mas por agora deixar-te-hei em paz, porque
tu és obra de Deus, do Deus todo bondade e amor
cuja existencia tu pregoas e louvas, e porque tu és
a riqueza dos infelizes pescadores que n'este momen-
to enfileiram as suas velas brancas na linha azul do
horizonte, e porque tu és proveitoso á humanidade
doente desde que ella vem lavar os seus apostemas
na tua onda medicinal. O certo é que tens razão!
Para que havias tu de preoccupar-te com a dissolu-

ção do centro reformista de Vizeu, tu, o grande phenomeno eterno, a sublime magestade das aguas, que só debes render culto ao que tambem é grande, eterno e magestoso?

Algumas evoluções politicas ha que são bolas de sabão e se desfazem no ar. Todos nós estamos agora a olhar para cima á espera de ver cahir o snr. bispo de Vizeu, com o seu centro ou sem elle, no meio de uma grande esphera transparente e luminosa, feita de espuma de sabonete inglez. Ainda tinhas motivo para te deixares impressionar, ó formoso atlantico, se lêsses os jornaes da opposição attentamente, e ponderasses a gravidade dos acontecimentos que se preparam no Porto, manifestações terriveis contra o ministerio, evoluções politicas das mais graves e funestas para a situação, tal como é a convocação de um grande *meeting* popular, caso estupendo que deixa a perder de vista a dissolução do centro reformista de Vizeu, e de todos os centros, incluindo o da propria terra e o do theatro da rua dos Condes. Por isto ainda valia a pena de incommodares-te, porque emfim tu debes ao Porto a delicada paciencia de te perdoar todos os sinistros que tu causas na foz do seu Douro, e o Porto periga, ó temeroso Neptuno, e o Porto agita-se, e o Porto revoluciona-se, porque já ouve a distancia os clárens dos dois regimentos que vem reforçar a sua guarnição militar para estrangularem na garganta do *meeting* o verbo audaz que hade fulminar o governo regenerador.

Ah! meus caros collegas, não se imagina ahi o alvoroço que vae no Porto por causa do *meeting* e da tropa. Fecham-se as janellas, trancam-se as portas, e os estabelecimentos bancarios, visto não poderem sustentar-se por mais tempo, aproveitam esta occasião para... fechar-se de vez. Não ha transacções, não ha bailes, não ha theatros, e até um d'elles, o da Trindade, preferiu arder a vêr-se fechado, tamanho foi o seu desgosto! Ha nos olhos de toda a gente as mais dolorosas interrogações, e no espirito geral uma anciedade immensa e profunda. Todos se comprehendem sem se fallarem. Um sujeito que comprimenta outro, tão expressiva e lugubrememente tira o chapéu, que parece diser-lhe:

— Quando chega a tropa?

E o outro, comprimentando-o não menos sinistramente, parece perguntar-lhe:

— E o *meeting* quando se faz?

Dentro dos *americanos* toda a gente lê avidamente os jornaes, e, quando os olhos se encontram com os dois regimentos que a opposição equipou, descoram as faces, intumece-se o seio, accelera-se a circulação, como se aquelles soldados não fossem simplesmente de... papel.

Oh! horror!

Quem irá fallar ao *meeting*?

Ainda que se não falle, é o mesmo; basta lá ir toda a gente para dar cabo da *regeneração*. Ha de ser peor que uma montaria aos lobos.

O *meeting* ha de fazer-se, o governo ha de cair, e a opposição ha-de triumphar.

Isto está escripto.

A tropa entrará arrogantemente, guiada pelos seus tambor-mores barbaçudos e negros, e os soldados vergarão ao peso das mochilas, e as mochilas ao peso dos cartuchos, e os cartuchos ao peso de... si mesmos.

Ha de ser mesmo assim.

Francamente, tudo isto é ridiculo, e parto monstruoso da mais canhota phantasia politica.

Nem o Porto, em cujos muros a artilheria portugeza escreveu desde o principio d'este seculo as mais gloriosas façanhas da nossa historia militar, baixava á fraqueza de se intimidar com a invasão de dois regimentos, nem o snr. Fontes, cujo tino politico e superioridade governativa são proverbias, ousaria arremessar á face da leal cidade tão pungente insulto.

O que é verdade, meus amigos, é que o Porto está tranquillo e contente de vêr nas cadeiras do poder um ministerio desde muito empenhado em beneficial-o quanto possivel. Diga o que disser a opposição. O silvo das locomotivas, que atravessam as campinas verdejantes do Minho, e as paragens um tanto agrestes do Douro, falla mais alto que todas as paixões politicas, e, se isto não bastasse, e se isto ainda fôsse pouco, a resposta mais eloquente e completa a todas as accusações seria a espontaneidade

com que a praça do Porto concorre a depositar nas mãos do estado os seus capitaes. Ao mesmo passo que grandes melhoramentos materiaes, realizados nas provincias do norte, ainda teem o bom povo portuense, para assim dizer, na surpresa do primeiro momento, chegam, e são lidas avidamente, as noticias das providencias sabiamente adoptadas para atalhar a terrivel crise que se annunciava no Algarve. Tudo isto é grandemente consolador.

Depois o povo sabe tambem que o exercito deixou de ser uma phantasmagoria para se volver uma realidade; que o serviço publico é feito com uma regularidade que jámais attingiu, e que os funcionarios, estimulados pela actividade dos ministros, não vêem já cerceado o pão de seus filhos pelo facalhão viziense de sanguinolenta memoria.

É por estas razões ponderosissimas que o povo não chorará uma unica lagrima de saudade politica sobre a memoria do snr. bispo de Vizeu, se effectivamente o centro reformista o levar para o seu santo reino, nem foi ás Devesas esperar a commissão do partido historico que veio assistir hontem ás exequias do snr. duque de Loulé, e vae hoje, como os jornaes annunciam, tomar parte no espectáculo que deve realisar-se no theatro do Principe Real.

Ó deuses immortaes! que triumphos que não irão esta noite no theatro da rua de Santo Antonio quando o *ex.^{mo} presidente e mais membros do partido historico*, segundo a phrase dos annuncios, re-

ceberem em seus braços, tremulos de commoção, as niveas pombas e as gloriosas corôas que os espectadores e os artistas hão de arrojar delirantemente para o fundo do camarote, armado de panninho vermelho, em que suas exc.^{as} hão de tomar assento!

Âmanhã os arames communicarão para Lisboa a bambochata do theatro do Principe Real, e de amanhã em diante o paiz, finalmente convencido, estremecerá de anciedade e impaciencia pelo governo do folgasão partido historico, o nosso bom paiz, unicamente vacillante n'este momento por não saber se ha de chorar o snr. bispo de Vizeu ou applaudir o snr. Braamcamp.

Foz do Douro, 11 de julho de 1875.

UM ARTISTA ITALIANO

Cuido eu que uma das perguntas, indispensaveis para avaliar peremptoriamente um artista, deve ser esta :

— Onde nasceu elle ?

— Em Italia, poderão responder.

— Ah! em Italia! repetirá o critico. O céu de Italia! o solo de Italia! o clima de Italia!

Cada homem recebe no berço, pelo ar que respira, pela luz que o allumia, pelas trovas que o embalam, pela vegetação que o rodeia, a predestinação fatal do seu espirito e do seu coração. Sobre o berço de Murillo e Calderon desdobrou a Hespanha as suas azas inquietas, palpitantes de luz e de amor, e, batendo-as, deixou cahir dentro das cambraias

alvejantes as centelhas que inflamman incendios de ciume e relampagos de imaginação aventureosa e cavalleiresca. Nas telas de Rembrandt e de Gerardo Dow retrata-se, como observa um critico da arte, o claro-escuro do lar hollandez que se fecha cautelosamente aos tristes rigores do inverno, e nos quadros dos paisagistas Ruysdael, Paulo Potter e Vander Velde reproduz-se o céu nevoento da Hollanda, melancolicamente dôce, quando a amenidade da estação reprime as furias do mar e do vento norte. Em Ticiano, o pintor do ouro, e em Guido, o pintor do azul, floream as vividas côres do céu italiano, que se anila em abobada de saphira radiada de filamentos luminosos. Na musica de Rossini canta a alma da Italia inteira, gorgeiada de *allegrettos* deliciosos, perfumada de violetas de Parma, namorada, ainda e sempre, das estrophes de Ariosto, o cantor dos paladinos. Mas, sem ir buscar exemplos tão longe, aqui os temos a dentro da grade florida e dos caramancheis olorosos e sonoros do nosso jardimzinho portuguez, *á beira mar plantado*. Santarem, o *paraiso de deleites*, como lhe chamou o primeiro Affonso, embalou na amenidade do seu clima e da sua formosa natureza o mais doce, o mais canoro, o mais poeta prosador que tem tido Portugal: frei Luiz de Sousa. Leiria, aquella gentil esquiva, que tem eternamente presos de vaga esperança o Liz e o Lena, sorrindo a ambos, sem se decidir por nenhum; que mereceu que o rei mais

louco de amores, Fernando, a doasse a Leonor, a mais formosa e mais devassa rainha do mundo: Leiria foi o berço do poeta portuguez que primeiro traduziu na cadencia lyrica do verso os aromas, as flores, as musicas e as graças da primavera. Boca-ge, aquella extranha alma consubstanciada do grão niso da tempestade e das lagrimas da aurora, o corisco e o sol, o trovão e o iris, Bocage nasceu em Setubal, tendo d'um lado a aridez africana da Comporta, cujos ardores caniculares ás vezes refervem nas suas satyras candentes, e do outro lado a graciosa suavidade que se espraia desde o valle do Bomfim até ao sopé da montanha de Palmella, e se espelha no seu meigo trovar d'amor e esperanza. Sem embargo, não faltará quem saia a objectar com exemplo tambem portuguez ao celebre verso de Boileau que nós vimos destrinçando desde o começo:

Les climats font souvent les diverses humeurs.

E Bernardim? lembrarão, o dôce Bernardim, o das tristezas brandas e das melancolias namoradas, que nasceu n'uma das mais aridas villas do Alentejo, o Torrão, onde, de feito, a pessoa que escreve estas linhas já uma vez reconheceu serem verdadeiros os incendios de Phaetonte, ejaculados do solo em labaredas invisiveis e reflectidos do céu em torrentes de lume? Ah! e Bernardim, dizeis vós? Sabeis que nem só o clima collabora, na producção das obras de arte, com o productor: tambem n'esse ponto intendem o temperamento, a heredita-

riedade, o character, os annos, os costumes, os lances tristes e alegres e, que sei eu! quantos agentes mais! Agora esboçae com dois traços a biographia de Bernardim: Ahi o tendes namorado, e namorado na côrte: figurae-vos o Tejo coalhado de naus, galés, caravellas, galeões, empavesados de estandartes de damasco multicôr, ornados de borlas e franjas variegadas, o scintilar dos estofos e das bordaduras, na terra e no mar o rumor das charamelas, sacabuxas e atambores, depois o velejar das naus foz em fóra, e a esfumar-se no horisonte das aguas o vulto de Beatriz, a Beatriz da legenda, com perdão de alguns criticos, e o antigo homem que se chamou Bernardim a diluir-se n'um mar de lagrimas e a nascer n'elle o proscripto Bernardim da soidade e da solidão:

Perdida é minha alegria,
Desterrado em terra alheia.

A dôr foi o segundo berço de Bernardim; por isso no seu trovar ha dolorosa suavidade. Mas vejam se era possivel que José Agostinho nascesse n'uma cidade que não fôsse do Alemtejo, e Diogo Bernardes n'uma terra que não fosse do Minho. Vejam como, na individualidade mystica de frei Agostinho da Cruz, a serra da Arrabida completa os campos do Lima. Vejam, alteando-nos para fóra de Portugal, como n'um artista italiano, que ainda não

passou pelos duros lances do nosso Bernardim, estão inteiros e distinctos o clima, o céu, e o solo de Italia; a mocidade, a alegria, o temperamento e os habitos italianos. Eu saúdo a Italia em Dominici; eu sinto-a, conheço-a, palpo-a, admiro-a no viril talento d'esse artista moço, que Lisboa inteira applaude; que apparece no theatro n'uma época difficil, porque encontra no tablado o rastro luminoso e indelevel da Ristori, da Pasquali, da Casilini, de Rossi e de Salvini; que tem de lutar a par da Paladini, no mesmo solio em que ella é todas as noites acclamada rainha da scena, deante do mesmo publico que a vê, que a ouve, que a admira; e que, não obstante todas estas contrariedades, não fica escondido nos raios luminosos que reverberam da frente d'ella, d'ella que ha de ser eternamente a maior gloria de Dominici! Eu sinto os marmores de Miguel Angelo, o colorido de Guido e a inspiração de Rossini no ardor com que este rapaz de vinte e sete annos affronta no theatro os perigos do passado e do presente, porque o passado para os artistas não é o tumulto onde se dorme, é a bitola por onde se afére; que tão valentemente lucha com a memoria dos que o precederam na scena, — com a memoria, est'outro proscenio onde ainda representam deante de nós os que já passaram da nossa vista; que tão denodada e fraternalmente esgrime com essa extranha mulher a quem elle tem de dizer em face do publico: «Se eu não fosse Romeu, não

podias tu ser Julietta; se tu não fôras Julietta, não podéra eu ser Romeu.»

O amor, como Shakspeare o comprehendeu na famosa tragedia dos Capuletos, e Dumas filho na *Dama das Camélias*, é, lembremos tambem Portugal, Pinheiro Chagas na *Morgadinha*, é uma tão estreita, tão intima, tão profunda consubstanciação de duas almas, de duas vidas, de duas individualidades, ás vezes differentes como na *Morgadinha*, que chega a exigir na representação theatral a mesma unificação de talentos, tamanha uniformidade de interpretação, que a gente não haja de separar na realidade, em duas pessoas, o que tem na imaginação n'um só poema. Armando Duval sem Margarida Gautier, não é a *Dama das Camélias*; Luiz Fernandes sem Leonor, não é a *Morgadinha*. Se a Julietta da varanda fôsse um genio tão extraordinariamente assombroso que não pudesse ter igual nem competidor, o vulto romanesco de Romeu perder-se-hia entre as arvores do jardim, porque só na varanda se fitariam os olhos do espectador e do crítico.

E todavia, quando se falla em Celestina Paladini, ninguem deixa em silencio o nome de Dominici.

Será, pois, que Dominici haja attingido a maxima altura a que podem subir os gigantes do theatro? Que lhe seja dado adormecer em sonhos de gloria sob as frondes do loureiral engrinaldado com

as corôas conquistadas nos mais arriscados prelios artisticos? Que os thesouros da sua arte nobilissima sejam já para elle a *Illiada* que Alexandre tinha á cabeceira do leito, ou a *Divina Comedia* sempre aberta sobre a mesa de Miguel Angelo? Não é, não pôde ser por ora. Mas ha no seu talento a alma da Italia, no seu ardor a grande força do querer e do trabalhar, no seu animo a espontaneidade impetuosa que aos oito annos de idade sentava deante do orgão de Versailles aquella prodigiosa creança allemã, que se chamou Mozart; e que fazia versejar o pequeno Victor Hugo no seu quarto do collegio *Cordier*. Tambem Enrico Dominici passou a sua vivida infancia italiana a recortar bastidores de papel para o seu theatrinho de *marionnettes*, e a fugir do lar paterno para as fascinações de maior theatro, onde, alguns annos depois, devia ser denominado *La piccola celebritá*. A vida artistica do nosso Santos, *o das viagens arriscadas*, como propriamente se disse um anno no *Almanack de caricaturas* de Bordallo Pinheiro, começou exactamente assim, e eu folgo de encontrar este paralelo na biographia dos dois actores. A familia de Dominici queria-o burocrata, mas até n'esse querer havia uma predeterminação: a burocracia é a comedia das secretarias. A familia de Santos tencionava gradual-o em qualquer sciencia, e elle andava pela caixa dos theatros a rir-se da benevola mesquinhez da familia, que se contentava com dar-lhe um só papel, quando elle,

pequeno e obscuro como era, esperava ser duque de Richelieu e... rei de França.

Salvaram-se dois actores! A burocracia é uma praga moderna, a que não ha Pharaó que resista : já lá tem muita gente, e ainda ha de ter muita mais, —póde bem dispensar um homem. O bacharelado está quasi tão numeroso como a burocracia, e é de tal modo hoje inutil, que são muitos os bachareis a pedir... *emprego*. No theatro a gente é pouca, e a morte vae diziniando-a. É preciso, por toda a parte, reforçar as fileiras.

Antigamente um actor ia para o theatro como um forçado para as galés: irremediavelmente perdido. Suppunha-se que o palco era uma montanha de immoralidades. Depois, quando por todos os paizes repontou a aurora da arte, conheceu-se que Prévillle havia dito uma grande verdade: «Se eu suspeitasse que a minha profissão era incompativel com os sentimentos de honra e lealdade, de que todo o homem de bem se deve gloriar, largaria no mesmo instante a minha profissão.» De modo que hoje, quando os bachareis e os burocratas sobem a escada, os actores não ficam á porta da rua. Enrico Dominici, o guapo cavalheiro, o gentil e delicadissimo artista, do mais fino trato e da mais perfeita cortezia, Dominici, a quem o seu meticuloso collega Prévillle não se dedignaria dar o braço, tem sido recebido nas primeiras salas de Lisboa e frequentado as melhores companhias do *high-life*. To-

davia ainda ninguem lhe exigiu, para o estimar, certidão de baptismo. Sabe-se unicamente que nasceu em Palermo, porque o disse um jornal. O publico, que só o vê no theatro, chama-lhe o «actor Dominici.» Quem o vê no theatro e nas salas, costuma ficar dizendo d'elle «o cavalheiro Dominici.»

Bem, cavalheiro Dominici, por este lado não faz o barco agua! Pelo outro, lá está o dôce fogo do ceu italiano a aquecer-lhe a alma para os grandes commettimentos do theatro. Depois da ambição de ser honrado, a mais justa ambição que um homem pôde ter—é ser grande. Faça a gente alfinetes, disse Grimm, mas enthusiasme-se pelo seu officio para ser grande n'elle. Grimm tem razão. O parisiense Jecker, que se enthusiasmou a fazer alfinetes, legou o seu nome á posteridade, só porque conseguiu aperfeiçoal-os notavelmente.

De vez em quando pôde vir uma noite menos feliz, uma peça de que se não gosta, um typo que se não reproduz irreprehensivelmente. Isto acontece a todos os actores. Aquelle grande portuguez, que se chamou o actor Tasso, teve muitas d'essas noites. Bem sei eu que, em se chegando a certas alturas, quando se não sóbe... cae-se, porque se cae relativamente. Mas o que é certo é que, tendo-se um bello talento, cae uma pessoa para tornar a levantar-se como aconteceu a Alexandre Dumas pae, n'aquella noite em que valsava com madame

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Mélanie Waldor, uma parceira digna d'elle... á valsa, diz Villemessant com reticencias e com graça. Alexandre Dumas, tamanho valsista como escriptor, deslisou no tapete e, quando a valsa ondejava mais delirante, caiu. Paulo Foucher, cujo ultimo drama, os *Burgraves*, havia caido estrondosamente, saudou o desastre de Dumas com estas palavras :

— *Eh quoi! Vous tombez! un valseur tel que vous!*

— *Oui, je suis comme les Burgraves*, respondeu Dumas já de pé, *je tombe... mais je me relève, moi.*

Toda a gente está arriscada a cair como os *Burgraves*, mas pouca se póde levantar como Alexandre Dumas!

Confio, porém, que, salvas as differenças, os proprios desastres de Dominici hão de ser coroados com um *successo* igual ao que Paulo Foucher preparou. E confio porque sei que Dominici foi uma vez saudado com esta phrase de Salvini :

— *Lei non sa quello que fá!*

Ah! Salvini! tu, por quem o meu coração palpita ainda de enthusiasmo, tu, em cuja alma admiramos a grandeza artistica da *capella sixtina* pintada na tua Roma pelos maiores pintores da tua Italia, tu leste no futuro de Dominici como no limpido céo azul da tua patria, e resumiste n'uma só phrase a gloria da creança que *debutava*, vendo diante

de ti, n'esse momento, os monumentos grandiosos da capital do mundo, os canaes de Veneza povoados de gondolas, os terriveis incendios formosos do Vesuvio, n'uma palavra, grande, completa e perfeita, a tua Italia !

Lisboa, dezembro de 1875.

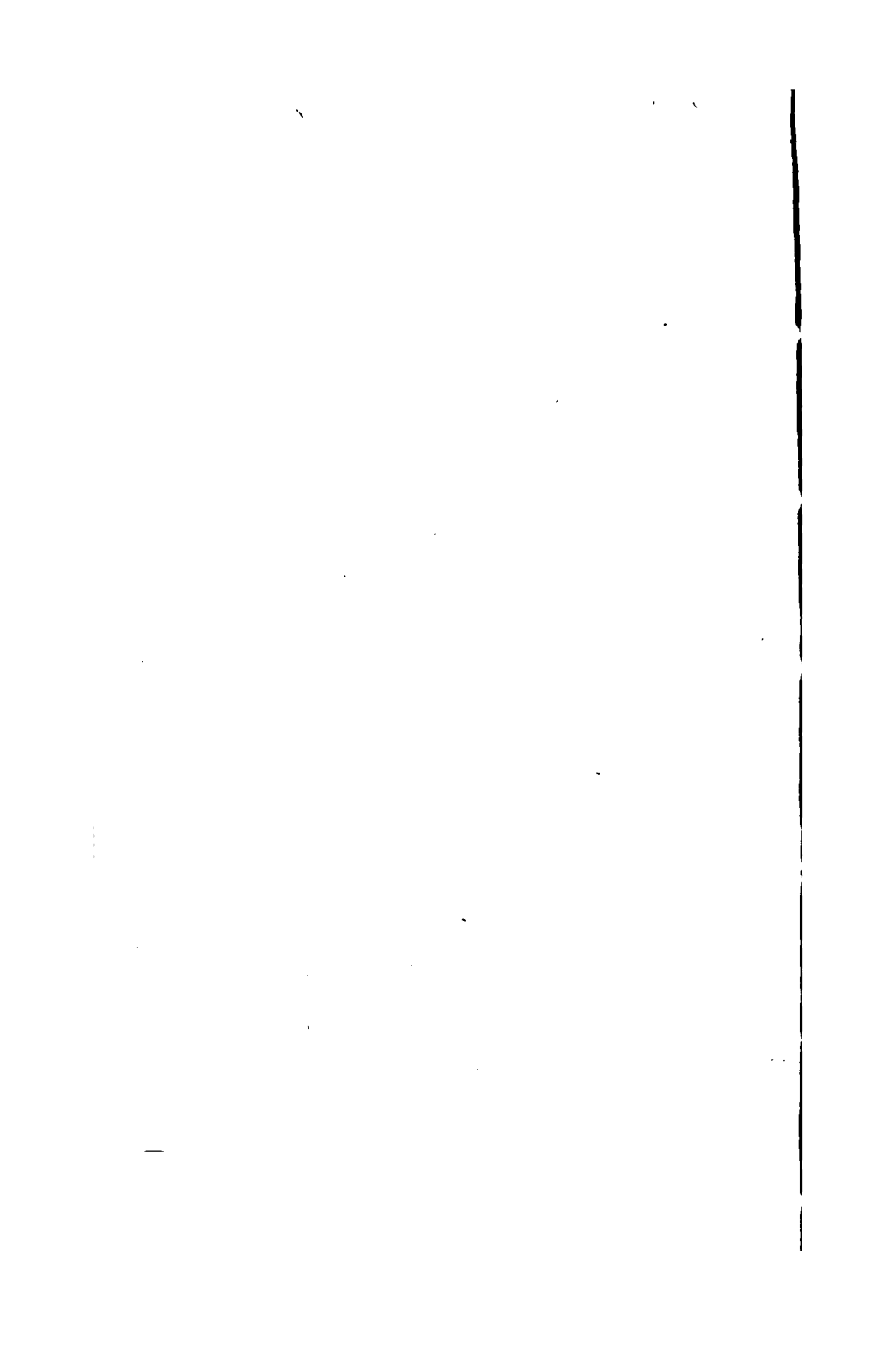
.....

.....

HIGH-LIFE-MANIA

COMEDIA ORIGINAL EM 1 ACTO

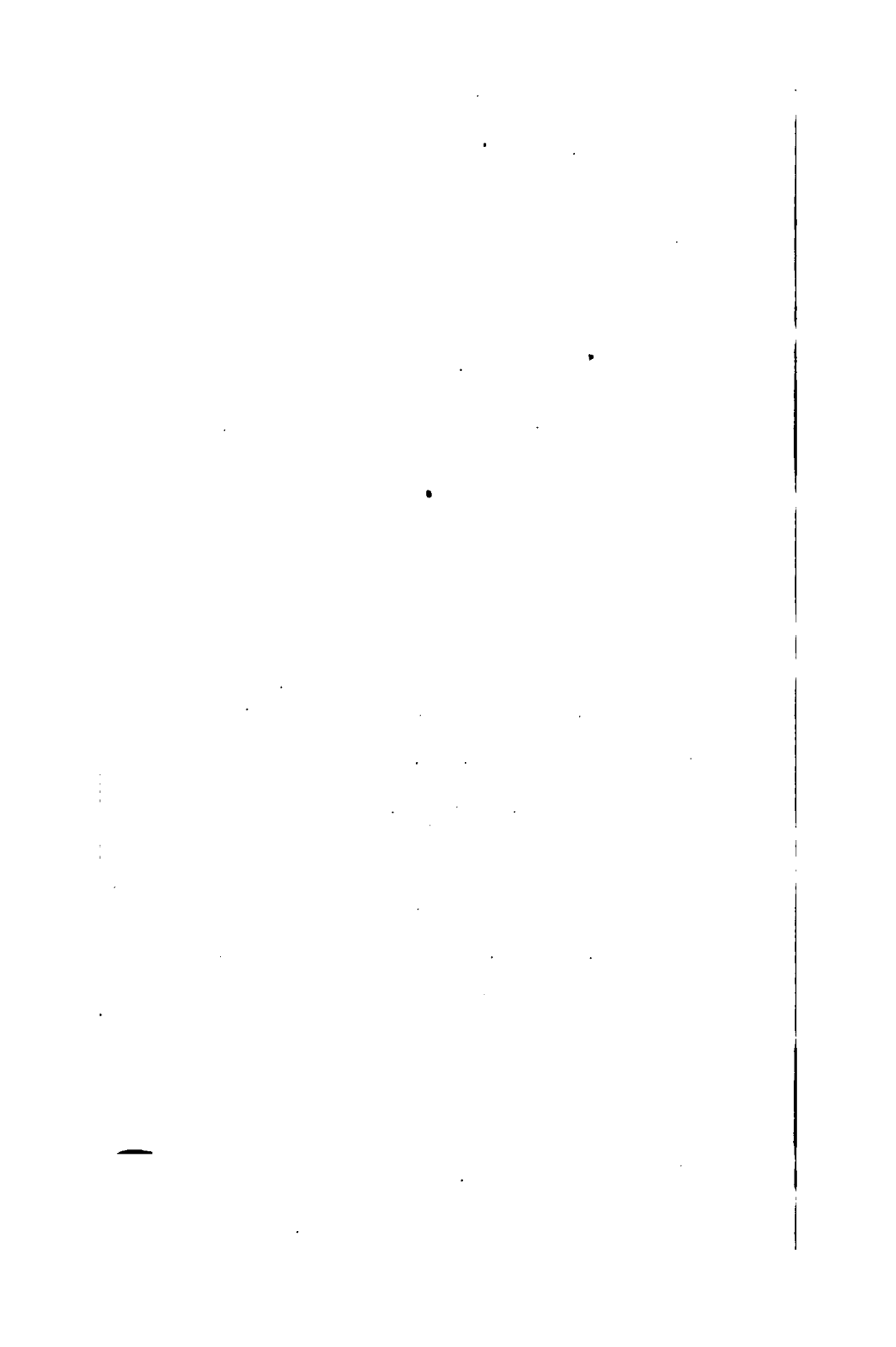
REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ
NO THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO, NA NOITE
DE 7 DE MARÇO DE 1877



PERSONAGENS

Eduardo Saavedra, 24 annos de idade, jornalista ministerial, frequentador do <i>high-life</i>	Snr. JOSÉ BENTO.
Heitor de Mascarenhas, 29 annos, jornalista da opposição.	Snr. BAYARD.
Manoel Rodrigues, meia idade, director de typographia	Snr. SOUZA.
Benjamim, 14 a 15 annos, aprendiz de typographia.	Snr.ª PALMIRA.
Anastacio Pacheco, meia idade, boa pessoa, chefe de familia	Snr. FERREIRA.
Directora de collegio	} Snr.ª JESUINA.
Modista elegante	
A avó de Pompeu	
A viuva do segundo andar	

A acção passa-se em Lisboa — Actualidade



HIGH-LIFE-MANIA

(Escriptorio d'um jornal. Banca, com papeis espalhados, tinteiro, pennas, dictionarios, etc. Jornaes pendurados da parede em ganchos de arame. Cadeiras á volta da banca.)

SCENA I

EDUARDO SAAVEDRA *(entrando; vendo o relógio)*

Ora esta! Gastei tres quartos de hora desde a rua Nova do Carmo até aqui! Tenho de fazer o jornal, e quero ir ás corridas. Disponho apenas de uma hora. Hoje, *(chegando á janella)* adeus, ó formosas visinhas! Ó pallida virgem do primeiro andar, hoje não posso contemplar nas tuas faces os teus lirios de pó de arroz por entre a fumarada d'um charuto ocioso. E tu, ó morena viuva do segundo andar, tu que tens na escultura grega das tuas formas, na vivesa faiscante

dos teus olhos o que quer que seja que esperta os sentidos e a tentação, ficarás hoje sem a tua meia hora de adoração no intervallo do artigo de fundo para o noticiario. Hoje não póde ser. Vou ás corridas de Belem, a essas alegres festas do *sport*, que principiam a estabelecer-se definitivamente entre nós, e que, tomando por pretexto o aperfeiçoamento do cavallo, não deixam de contribuir para o aperfeiçoamento do homem, que se habitua aos espectaculos da força e da destresa. Pela ultima vez, visinhas que me estaes mirando no vosso continuo duello de seducções e encantos, adeus. Luctae á vossa vontade, disputae calorosamente o meu coração, que eu hoje não posso dar probabilidades de victoria nem a uma nem a outra. (*Sentando-se, cortando papel, e pegando na penna.*) Abrevie-mos. A verdade é que eu quero mostrar-me, que não posso deixar de ir ás corridas, que não devo ficar aqui, escravo da penna e do pensamento, quando o *high-life* roda na estrada de Belem, involto em nuvens de pó, á luz do bello sol meridional, admirado das janellas, levado nas azas das pilecas para o hippodromo do Bom Successo. Bravo! Este periodo já o não largo. E para o não perder vou deixar feito o principio da noticia das corridas. (*Escrevendo com facilidade.*) «Involto em nuvens de pó... admirado das janellas... levado nas azas das pilecas...» Azas das pilecas parece tolice! Ora adeus! é estylo! Este nariz de cera fica feito. Agora mãos

ao artigo de fundo. (*Mudando de papel; escrevendo*)
«Continua o governo provando ao paiz, ao qual deseja fazer entrar na senda dos modernos progressos sociaes, que o seu amor patrio e a sua abnegação são superiores aos odios politicos dos seus inimigos. (*Enthusiasmando-se*) O governo caminha desassombradamente para a realisação do seu programma e, se o não tem cumprido já, é porque o seu programma, que leva tres dias a ler, não pode realisar-se em tres mezes. O governo...

SCENA II

O mesmo e Heitor de Mascarenhas

HEITOR DE MASCARENHAS

Olá, ó desgraçado! Estás ás voltas com o governo? Pois eu venho com toda a minha opposição (*sorrindo*) fazer aqui o meu artigo em resposta ao que tu hontem publicaste.

EDUARDO SAAVEDRA

Serio! Tu vaes responder?

HEITOR DE MASCARENHAS

Vou. Se eu não tenho que dizer, e quero ir jantar fóra!

EDUARDO SAAVEDRA

Jantar de amor, em *tête-à-tête*?...

HEITOR DE MASCARENHAS (*rindo*)

Qual! Vou jantar a Belem com tres deputados da maioria.

EDUARDO SAAVEDRA

Bravo! Ostras sem politica, *champagne* sem effervescencia rhetorica...

HEITOR DE MASCARENHAS (*sentando-se para começar a escrever*).

Nada d'estylo, meu amigo. Mãos á obra, que não tenho tempo a perder. (*Escrevendo*) «Dizia hontem uma folha ministerial que o *deficit*, espantosamente augmentado pelo governo que infelizmente rege os destinos da nação, é de 999:670\$495 reis. Não é exacto. Os jornaes do governo atropellam escandalosamente a verdade. O *deficit* é de reis 999:670\$500.»

EDUARDO SAAVEDRA (*continuando a escrever*)

«O zelo do governo é tal na administração da fazenda publica, que não desperdiça cinco reis, ou melhor, que os não gasta sem previa authorisação das camaras. O governo detesta os *bill-de-indemnidade*, porque os *bill-de-indemnidade* representam sempre um excesso, e portanto um abuso.»

SCENA III

Os mesmos e Manoel Rodrigues

MANOEL RODRIGUES

Muito bons dias, meus senhores.

EDUARDO SAAVEDRA E HEITOR DE MASCARENHAS

Bons dias.

EDUARDO SAAVEDRA

Precisa de muito original?

MANOEL RODRIGUES

Não tenho nada.

HEITOR DE MASCARENHAS

É o caso de dizer que não tem nada original.

EDUARDO SAAVEDRA

E eu que não posso deixar de ir ás corridas!

MANOEL RODRIGUES

Já me lembrou transcrever d'um jornal da provincia um artigo sobre a extincção do philoxera...

EDUARDO SAAVEDRA

Bravo! Excellente ideia! Metta a thesoura ao philoxera.

HEITOR DE MASCARENHAS

Então na provincia entreteem-se a matar o bicho... das cepas!

MANOEL RODRIGUES (*sahindo*)

Está dito. Titulo em egypcio: *Aviso aos vinctultores—Extincção do philoxera—Saude das vinhos.*

EDUARDO SAAVEDRA

Olhe lá, ó snr. Rodrigues, será melhor pôr *Convalescença das vinhas*. Pôde provar-se que o remédio não é eficaz, e então volta-se ao assumpto com o titulo de *Recalhida das vinhas*. (*Manoel Rodrigues sai levando algum original*).

SCENA IV

Eduardo Saavedra e Heitor de Mascarenhas

EDUARDO SAAVEDRA

Ó Heitor, tu é que me podias fazer um favor, oh! um grande favor, meu amigo...

HEITOR DE MASCARENHAS

Bem sei: um charuto.

EDUARDO SAAVEDRA

Não quero charutos; quero politica.

FOL. 8

HEITOR DE MASCARENHAS

N'esse caso, conta comigo.

EDUARDO SAAVEDRA

Acaba-me aqui este artigo para eu passar ao noticiário.

HEITOR DE MASCARENHAS

Vá lá. Que eu também não posso perder tempo.
(Eduardo Saavedra passa para Heitor de Mascarenhas a tira que estava escrevendo, e principia a escrever em nova tira).

EDUARDO SAAVEDRA *(escrevendo com velocidade)*

Faz amanhã annos a exc.^{ma} snr.^a D. Gertrudes Magna de Noronha Campello Silveira Ozorio. Partiu para Maçãs de D. Maria o snr. D. Manoel Macieira...

HEITOR DE MASCARENHAS *(que está completando o artigo de Eduardo Saavedra)*

Homem, isso tem graça! Parece que um sujeito que se chama Manoel Macieira não deve ter que fazer em Maçãs de D. Maria!

EDUARDO SAAVEDRA (*continuando*)

«Chegou de Malhada-sorda o snr. barão do mesmo titulo.»

HEITOR DE MASCARENHAS (*escrevendo*)

«O governo hade conservar-se a despeito dos manejos da opposição, porque essa é a vontade do paiz, que não é ingrato nem pôde ser indifferente aos...»

SCENA V

Os mesmos e Benjamim

BENJAMIM (*entrando pela porta que dá para a officina*)

Ha original?

EDUARDO SAAVEDRA

Espera um momento.

BENJAMIM (*tirando um cigarro do bolso e accendendo-o com disfarce*)

O que me vale é isto, senão ganhava queixa de

*

peito a esperar por estes senhores. Em chegando
alguem, largam a conversar, e os aprendizes que
esperem por elles. Pois quando são livros e a gente
corre para casa dos authores por causa das provas!
Em vindo livrinho, é o diabo que me apparece.

EDUARDO SAAVEDRA

Benjamim!

BENJAMIM (*escondendo o cigarro e com respeito*)

Senhor!

EDUARDO SAAVEDRA (*dando-lhe o que tem escripto,
e o que Heitor de Mascarenhas escreveu*)

Pega lá. (*Benjamim sae*).

SCENA VI

Eduardo Saavedra e Heitor de Mascarenhas (*Levan-
tando-se ambos, reaccendendo os charutos que ti-
nham deixado apagar*).

EDUARDO SAAVEDRA (*puxando os collarinhos*)

Graças a Deus e ao philoxera, posso ir ás cor-
ridas.

HEITOR DE MASCARENHAS (*pondo o chapéo.*
Com vivacidade)

Às corridas!

SCENA VII

Os mesmos e a viuva do segundo andar, disfarçada em directora de collegio. (Typo de mulher ladina, intelligente e viva, falsamente circumspecta a principio. A cara escondida por um véo).

DIRECTORA DE COLLEGIO

Peço perdão a vv. exc.^{as} Desejava fallar ao snr. redactor.

EDUARDO SAAVEDRA

Sou eu, minha senhora. (*À parte.*) Ora esta!
(*Indica-lhe uma cadeira.*)

HEITOR DE MASCARENHAS (*despedindo-se*)

Eu vou indo, Eduardo. (*Apertando-se a mão.*)
Até lá.

EDUARDO SAAVEDRA (*muito contrariado*)

Até logo.

SCENA VIII

Directora de collegio e Eduardo Saavedra

DIRECTORA DE COLLEGIO

Pois, snr. redactor, eu vim incommodar v. exc.* para lhe pedir um obsequio. Eu sou directora do collegio Minerva...

EDUARDO SAAVEDRA (*muito constrangido*)

Não tenho ouvido fallar!

DIRECTORA DE COLLEGIO

É que eu, snr. redactor, tenho muitos inimigos, ou, para melhor dizer, muitas inimigas que me fazem concorrência. Depois que toda a gente deu em ensinar tudo, a minha profissão tornou-se muito espinhosa e difficil. Mas porque é que eu tenho inimigos, sr. redactor? Porque o meu collegio conta, não obstante, cento e cincoenta alumnas.

EDUARDO SAAVEDRA

Cento e cincoenta!

DIRECTORA DE COLLEGIO

Tal e qual. E' seguramente o melhor collegio de Lisboa. A instrucção das mais variadas e completas que uma senhora pôde receber. Ensina-se francez, inglez, allemão, italiano, geographia, historia, piano, canto, harpa, concertina...

EDUARDO SAAVEDRA (*com ironia*)

E portuguez?

DIRECTORA DE COLLEGIO

O portuguez não se ensina. Aprende-se naturalmente em casa, nos passeios, nos theatros.

EDUARDO SAAVEDRA

Nos theatros nem sempre.

DIRECTORA DE COLLEGIO

Tempo chegará em que as meninas o aprendam no trato de seus maridos, ou então, ai! sr. redactor! quando se principia a escrever as primeiras cartas mysteriosas...

EDUARDO SAAVEDRA

Mas se vigora o mesmo systema nos collegios de meninos, como hão de chegar ellas a aprender portuguez? (*À parte*). Que excellente directora de collegio!

DIRECTORA DE COLLEGIO

O portuguez é a lingua do lar, da familia. O francez é o idioma litterario por excellencia, o que habilita ás viagens, é a moeda corrente das sociedades cultas da Europa.

EDUARDO SAAVEDRA (*sempre com ironia*)

Eu tive occasião de reconhecer essa verdade, ha pouco tempo, no theatro do Principe Real..

DIRECTORA DE COLLEGIO (*com vivacidade*)

Ah! v. exc.* refere-se á companhia franceza. (*Com interesse*). Frequentava-a? Era *preciosista* ou *denisista*?

EDUARDO SAAVEDRA

Eu, minha senhora, era espectador.

DIRECTORA DE COLLEGIO (*fingindo não perceber a intensão do jornalista*)

Ah! mas v. exc.^a havia certamente de militar n'um dos campos. Não podia, pela importancia da sua posição, conservar-se neutro. Eu gostava mais da Preciosi...

EDUARDO SAAVEDRA (*com impaciencia*)

Pois eu, minha senhora, gosto principalmente de corridas de cavallos... sim, de corridas de cavallos é que eu gosto (*Vendo o relógio*). E são horas, que não quero perder a d'hoje.

DIRECTORA DE COLLEGIO (*com interesse*)

Ah! tenciona ir hoje ás corridas?

EDUARDO SAAVEDRA

Se v. exc.^a dér licença.

DIRECTORA DE COLLEGIO

Está então comprometido?

EDUARDO SAAVEDRA

Não, minha senhora, estou impaciente porque é quasi a hora.

DIRECTORA DE COLLEGIO (*contrariada*)

N'esse caso, cumpre-me dizer o que me trouxe aqui. Eu faço amanhã annos, snr. redactor.

EDUARDO SAAVEDRA

Dou os meus parabens a v. exc.^a

DIRECTORA DE COLLEGIO (*Com artificio*)

E pedia a v. exc.^a o obsequio de o dizer no seu jornal.

EDUARDO SAAVEDRA

Não é vulgar que as senhoras queiram dizer que fazem annos.

DIRECTORA DE COLLEGIO

Não ha regra sem excepção. (*Procurando uma desculpa*). E demais a mais v. exc.^a deve comprehender que não deixarão de me brindar as familias das minhas discipulas, sabendo que eu faço annos...

EDUARDO SAAVEDRA (*Percebendo*)

Ah! (*Sentando-se para escrever*). Como se chama v. exc.ª?

DIRECTORA DE COLLEGIO (*com embaraço*)

Jesophina Cortez Callixto.

EDUARDO SAAVEDRA (*acabando d' escrever*)

Callixto! (*Áparte*). Esta mulher dévia ter este appellido. (*Para ella*). Prompto. (*Tocando a campainha*) Pois, minha senhora, ámanhã verá v. exc.ª realisado o seu desejo. (*Estendendo-lhe a mão, que ella aperta com força, relanceando olhares expressivos ao jornalista*). Passe v. exc.ª muito bem.

DIRECTORA DE COLLEGIO (*do mesmo modo*)

Muito obrigada. Agora...

EDUARDO SAAVEDRA (*áparte*)

E como ella aperta a mão!

DIRECTORA DE COLLEGIO (*continuando*)

Agora o que eu peço a v. exc.^a é o seu valioso auxilio a favor dos meus sacrificios de professora...

EDUARDO SAAVEDRA (*desesperado*)

Estou sempre á disposição de v. exc.^a

SCENA IX

Os mesmos e Benjamim

EDUARDO SAAVEDRA (*para Benjamim*)

Pega lá.

BENJAMIM (*recebendo o papel*)

Começa a praga dos bocadinhos de papel p'r'o higue bife! (*Sai*)

SCENA X

Eduardo Saavedra e a Directora de Collegio

EDUARDO SAAVEDRA (*voltando a despedir a Directora de collegio*)

Sempre ás ordens de v. exc.^a

DIRECTORA DE COLLEGIO

Muito agradecida. Snr. redactor, adeus. (*A Directora sai relanceando ainda da porta um olhar expressivo.*)

SCENA XI

EDUARDO SAAVEDRA (*só*)

E esta? E as corridas? (*Indo buscar o chapéu acima da mesa*) Vejam lá por que mãos corre a instrucção em Portugal! Como ella apertava a mão! Como olhava significativamente! (*Com desespero*) Oh! O *high-life* está sendo o purgatorio dos jornalistas,

um supplicio, um horror! É preciso attender a todas as exigencias, satisfazer todas as vaidades...
(*Preparando-se para sahir*)

SCENA XII

Eduardo Saavedra e Anastacio Pacheco

ANASTACIO PACHECO (*á porta*)

V. exc.^a dá licença?

EDUARDO SAAVEDRA (*com mau humor*)

Entre quem é.

ANASTACIO PACHECO

V. exc.^a ha de desculpar. Negocios de senhoras me trazem aqui.

EDUARDO SAAVEDRA (*com curiosidade*)

Negocios de senhoras?

ANASTACIO PACHECO

Ou para melhor dizer, — da minha senhora.

EDUARDO SAAVEDRA (*com desapatamento*)

Ah!

ANASTACIO PACHECO

Ora eu digo a v. exc.^a. V. exc.^a é casado?

EDUARDO SAAVEDRA (*com en/ado*)

Então não diz, pergunta. Não snr., não sou casado.

ANASTACIO PACHECO

Então mal poderá v. exc.^a comprehender o que é ter por esposa a mais dedicada das mães. Ora imagine v. exc.^a que eu tenho um filho, um rapazote de quatorze annos, que fez exame de francez no lyceu, e que ficou approvedo. Imagine mais v. exc.^a o alvoroço, a alegria, a doidice da mãe, já a sonhar com vêr amanhã o nome do pequeno no jornal de v. exc.^a Não pôde imaginar! Eu sou contrario a todas estas cousas... absolutamente contrario... mas a mãe, a mãe, e, para dizer a verdade, o pequeno tambem, perseguiram-me, sitiaram-me. Declarei-me vencido. Vim. Aqui estou.

EDUARDO SAAVEDRA (*com enfado*)

Queira dizer o nome do menino.

ANASTACIO PACHECO

Rodolpho Pacheco.

EDUARDO SAAVEDRA

Em quanto tempo estudou elle?

ANASTACIO PACHECO

Ah! isso... era melhor não fallar. Porque, para dizer tudo a v. exc.^a, o rapazito é fraquito e tinha ficado reprovado o anno passado.

EDUARDO SAAVEDRA (*sentando-se para escrever*).

Ah! repetiu! (*Tocando a campainha*).

SCENA XIII

Os mesmos e Benjamim

BENJAMIM

Não tem que vêr. Salta mais *higue-bife*.

EDUARDO SAAVEDRA (*acabando d'escrever. Para Benjamim*)

Pega lá. (*Benjamim sae com o papel*).

SCENA XIV

Anastacio Pacheco e Eduardo Saavedra

ANASTACIO PACHECO

Muito obrigado, muito obrigado a v. exc.*

EDUARDO SAAVEDRA (*Com enfado*)

Não tem de que.

ANASTACIO PACHECO

E agora, ex.^{mo} snr., dir-me-ha v. exc.^a uma coisa com franquesa: Tenho a satisfazer alguma importancia?

EDUARDO SAAVEDRA (*Com desdem*)

Não, snr. Passe muito bem, snr. Pacheco.

ANASTACIO PACHECO (*Comprimentando-o ao limiar*)

Muito obrigado, muito obrigado a v. exc.^a (*Sae*)

SCENA XV

EDUARDO SAAVEDRA, só. (*Fechando a porta*)

Sume-te, Pacheco! Ó perseguidor demonio do *high-life*, poupa-me, desprende-me das tuas garras tyrannas! Não me fulmines hoje, que é dia de corridas, com os teus Pachecos, paes de Pachequinhos approvados em francez! Deixa-me!

SCENA XVI

Eduardo Saavedra e uma senhora que aparece ao limiar. Segundo disfarce da viuva. (Modista. Elegantemente vestida. Extremamente coquette, de chapéu, e veu, que não levanta).

EDUARDO SAAVEDRA (*Vendo-a aparecer*)

Minha senhora!

MODISTA (*Entrando*)

Se não me engano, é v. exc.^a o snr. Eduardo Saavedra? (*A'parte*) Ainda o encontrei, felizmente!

EDUARDO SAAVEDRA (*Com interesse*)

Eu mesmo, minha senhora. (*Offerecendo-lhe uma cadeira*).

MODISTA (*Sentando-se com coquetterie*)

Não deve v. exc.^a extranhar que eu saiba o seu nome, que é tanto de v. exc.^a como do paiz.

*

EDUARDO SAAVEDRA

Oh! minha senhora!

MODISTA

Ia talvez sahir?

EDUARDO SAAVEDRA (*Com maior interesse*)

Tencionava ir aborrecer-me ás corridas, mas a chegada de v. exc.^a alterou subitamente os meus projectos...

MODISTA (*Fingindo querer retirar-se*)

N'esse caso, a minha permanencia seria grosseira.

EDUARDO SAAVEDRA (*Com insistencia*)

Assevero a v. exc.^a que me dá summo prazer a sua visita.

MODISTA (*Áparte*)

Que perfido! (*Para Eduardo*) N'esse caso ficarei. Eu vinha procurar v. exc.^a sem apresentação de nenhuma especie, e todavia facil me seria obtel-a. Prescindi d'ella. Não quiz mesmo soljicial-a.

Entre duas pessoas que vivem das mesmas aspirações, que teem por unico ideal a Arte, que atravessam o mundo preocupadas com identico pensamento, o do aþperfeiçoamento social pela cooperação de todas as classes, as apresentações são superfluas, e uma velha formula de inutil etiqueta...

EDUARDO SAAVEDRA (*intrigado*)

(*Áparte.*) Que mulher! (*Para ella.*) N'esse caso, eu cuido podêr saudar em v. exc.^a um dos raros espiritos femininos que no nosso paiz alliançam as joias da sua *toilette* ás joias da sua penna...

MODISTA (*atalhando*)

Perdão. Ás joias da minha thesoura.

EDUARDO SAAVEDRA (*com espanto*)

O que?

MODISTA (*com serenidade*)

Sim. E permita-me este justo orgulho. V. exc.^a trabalha todos os dias a esta mesa com a mais dedicada coragem e com o mais respeitavel ardor para a grande obra da perfeição social, da reabilitação da sociedade pelo progresso do espirito. Mas o trabalho de v. exc.^a, e dos seus corajosos

companheiros, seria perdido, se uma outra classe não auxiliasse tão louváveis esforços, tão louváveis e tão persistentes, dando á mulher o prestigio artificial que ella, a grande influenciadora das sociedades modernas, precisa ostentar não só dentro do seu lar domestico, mas sobretudo nas ruas, nas praças, nos theatros, a fim de vencer o livro, o livro que travou com ella um duello de vida ou morte nos tempos que vão correndo...

EDUARDO SAAVEDRA (*cada vez mais intrigado*)

Mas, minha senhora!

MODISTA (*com ardor*)

Perdoe-me v. exc.^a A mulher é tambem um livro, um livro de philosophia ou de poesia, como quiserem, não faço d'isso questão. Mas quantas vezes, snr. redactor, os livros mal encadernados, sobretudo os livros mal impressos, desagradam ás pessoas que os vêem, não obstante serem profundamente pensados, admiravelmente bem escriptos? V. exc.^a sabe o interesse que se está ligando em França ás cartonnagens cobertas de arabescos doirados, caprichosamente desenhadas; ás edições de luxo. Todavia, os livros de Julio Verne, por exemplo, que são dos mais luxuosamente impressos, não precisariam d'essa ostentação exterior. Mas é que este seculo preoccupa

pa-se profundamente com a fôrma, porque ella é o grande vehiculo da divulgação das ideias modernas. Posto isto, snr. redactor, eu posso ufanar-me com justiça de que v. exc.^a haja admirado muita vez nos theatros, nas salas, nos passeios, as minhas cartonagens phantasiosas, os meus poemas multi-formes, os meus livros sem paginas nem letras...

EDUARDO SAAVEDRA (*á parte, entusiasmado*)

Esta mulher é uma catadupa de eloquencia!

MODISTA (*continuando com exaltação*)

E permita v. exc.^a que eu igualmente me orgulhe de haver collaborado com v. exc.^a n'uma das mais importantes e mais modernas secções do seu jornal...

EDUARDO SAAVEDRA

V. exc.^a refere-se á de economia politica?

MODISTA

Não, snr. redactor, eu refiro-me ao *high-life*, a essa mascara da aristocracia que, a meu ver, occulta a mais util, a mais vantajosa propagação das ideias democraticas. Parece, á primeira vista, que o *high-life*

é o boletim do feudalismo, a trombeta que apregoa o sarau do altivo castellão, as grandes caçadas fidalgas, os jantares da antiga nobreza... Mas, snr. redactor, éo contrario, exactamente o contrario. Debai-xo d'esse titulo recentemente introduzido nos nossos jornaes, agrupam-se todas as classes, irmanam-se todas as aristocracias, e a mulher do meu mercieiro figura com honrosa menção a par da mulher do ministro d'estado...

EDUARDO SAAVEDRA (*com enthusiasmo*)

Mas v. exc.^a está expondo ideias inteiramente novas, profundamente verdadeiras, sobre a secção do *high-life*! (*Áparte*). Esta mulher parece um homem!

MODISTA

E sabe v. exc.^a porque isto assim acontece na maior parte dos casos? Sabe v. exc.^a porque a mulher do meu mercieiro consegue fazer-se notar, á luz dos candelabros, na sala de baile, entre as damas da *velha rocha*, da mais apurada nobresa? Sabe v. exc.^a quem lhe confere os titulos com que ella conquista o direito de fazer-se notar, observar, admirar?

EDUARDO SAAVEDRA

É o dinheiro.

MODISTA

Não! Sou eu.

EDUARDO SAAVEDRA

V. exc.*?!

MODISTA

Eu mesma. Eu que pelas graças da *toilette*, que pelo talhe da minha thesoira, pelo primor da minha agulha consegui que ella podesse vestir tão distintamente, se fizesse tão notada como a baroneza que sorriria de desdem ao vêl-a entrar, se não córrasse de inveja ao vel-a admirada pelos homens de mais fino senso artístico...

EDUARDO SAAVEDRA (*com enthusiasmo*)

É pois v. exc.*...

MODISTA (*com vivacidade*)

Modista, simplesmente modista, e d'isso me orgulho, e isso quero que se diga. Por isso vim aqui, snr. redactor. Eu adoro a *reclame*, porque ella é a publicidade, e nós estamos n'um seculo de divulgação; porque ella é a lucta, o combate, e nós es-

tamos n'um seculo de concorrência; porque ella é a voz do artista que antigamente morria ignorado sem dispôr de meio algum com que podesse dizer: «Eu tambem vivo!» Meu marido e eu, snr. redactor, dedicamo-nos inteiramente a esta nobre propaganda social...

EDUARDO SAAVEDRA

O marido de v. exc.* tambem é... modista?

MODISTA

Não, senhor. A modista sou eu. Meu marido é... a *reclame*. Eu dirijo os *ateliers*, eu escrevo em setim e velludo os poemas que justificam a minha gloria, meu marido passeia como um *commis-voyageur* da minha fama, meu marido annuncia nos jornaes os bailes onde o maior numero de *toilettes* sahiu de minha casa, individualisa no *high-life* as senhoras que eu vesti mais caprichosamente, meu marido é quem propriamente collabora com v. exc.*, quem anonymamente lhe fornece a descripção dos vestidos, das suas côres, o preço das rendas. Meu marido, finalmente, é o primeiro *hygh-lifista* portuguez, e eu, posso dizel-o com orgulho, sou a primeira modista portugueza.

EDUARDO SAAVEDRA (com *enthusiasmo*)

Bravo, minha senhora! Eu estava longe de so-

nhar o prazer que a sua visita me deu ! E estou encantado de a ouvir, de a admirar !

MODISTA (*desdenhosamente*)

Quando fallo n'estes assumptos, bem sei eu que ha alguma coisa que me transfigura. É talvez o fogo da arte. Seja o que fôr. O que é certo é que me reputo feliz quando posso dizer, a quem me comprehende, o que as minhas freguezas, em seu profundo egoismo, nem siquer querem ouvir. Que não ha ninguem mais egoista do que as mulheres ! Os homens, esses, coitados, nem sempre pensam de si. (*Com intenção maliciosa*) Fazem ás vezes tenção de gosar um divertimento, de assistir a um espectáculo, e por fim de contas acceitam de boa sombra o menor incidente que os demora, o mais leve obstaculo, a mais insignificante contrariedade. Mas as mulheres ! oh ! as mulheres ! Pois se ellas desejam possuir um homem, se desejam sahir victoriosas do duelo que sustentam com outra mulher ! (*Com a mesma intenção*). De tudo são capazes, de todos os disfarces, de todas as audacias ! (*Mudando de tom*) As mulheres querem os seus vestidos, os seus bellos vestidos que hão de completar a sua formosura, e, se a gente tenta explicar-lhes que sacrificios, que cuidados, que noites de vigilia essa *toilette* custou, encolhem desdenhosamente os hombros, e dizem simplesmente: «Não está feia !» Já sei que hade ser

essa a recompensa que me espera amanhã. Trata-se d'uma noiva, snr. redactor, d'uma noiva fabulosamente rica, para quem eu acabo de fazer a mais caprichosa, a mais completa, a mais deslumbrante *toilette*. E' para essa *toilette* que eu desejo chamar a intelligente attenção de v. exc.^a. Meu marido está em Pariz, onde foi escolher os sortimentos do inverno, e eu preciso de me dirigir directamente á imprensa. Tenho lá em baixo, á espera, o trem. Vou n'um instante buscar a casa essa primorosa, essa phantastica *toilette* de noivado, sobre a qual um jornalista consciencioso não poderá deixar cahir unicamente duas perolas do seu estylo...

EDUARDO SAAVEDRA (*com enthusiasmo*)

Quatro, seis, oito, mil...

MODISTA (*com hypocrisia*)

Ah! perdão, não pode ser!...

EDUARDO SAAVEDRA (*com magoadó espanto*)

Não pode ser?

MODISTA

V. exc.^a tencionava ir ás corridas...

EDUARDO SAAVEDRA

Mas se não vou, se já não quero ir! (*Apertando-lhe vivamente a mão*).

MODISTA

Pois n'esse caso, irá (*com hypocrisia*). Eu não posso consentir em tamanho sacrificio. Entro no trem. Corro ao *atelier* a buscar a *toilette*, vel-a-ha, e depois irá ás corridas. Está pactuado?

EDUARDO SAAVEDRA

Pactuado. Fico esperando anciosamente.

MOISTA (*com victoriosa hypocrisia. Sahindo*).

Vê? Não lhe dizia eu ha pouco que os homens não são nada egoistas! Até já. (*Sorrindo. Sde*).

SCENA XVII

EDUARDO SAAVEDRA (*só*)

Ó senhores, façam favor de me dizer se já viram mulher mais assombrosa, mais intelligente, mais

adoravel! Quem m'a dera nas camaras, e viessem depois dizer que nós somos traficantes d'escravos! Eu nunca na minha vida encontrei mulher de tão vasto horisonte intellectual! uma mulher capaz de revolucionar o mundo com a sua thesoira e com a sua lingua. (*Com ironia*) Pois a respeito de linguas de prata... não conheço eu poucas! Nada! Esta mulher veio necessariamente raptar-me para um duello litterario. Preciso de fazer um artigo admiravel, soberbo, esplendido. Mãos á obra. Todo o tempo é pouco. Vou já principiari o artigo sobre essa primorosa *toilette*. Preciso trabalhar o estylo, colorir a phrase. (*Sentando-se para escrever. Levantando o cabello com os dedos. Accendendo um charuto*). «Os nossos olhos (*escrevendo*) acabam de ficar deslumbrados deante da mais delicada e da mais custosa *toilette* que uma senhora pode sonhar nos seus devaneios de noiva. Dir-se-hia qué um bando d'amores, esvoaçando sobre o brando estofo, alvo como a pureza...» (*Interrompendo-se*). Quem sabe se o vestido é branco? Ora adeus! Hade ser, porque é o costume. E é que com isto perdi o pensamento! (*Tornando a lér desde Parece etc.*) Ah! (*Continuando a escrever*) «...deixou cahir das suas mãos pequeninas e rosadas as mais mimosas gracas, as mais delicadas flores...» (*Interrompendo-se*). Terá elle flores? Sempre vai. Se não tiver, corto as flores. (*Continuando*) «...com que se póde honrar a belleza d'uma noiva, ataviar a mais bella *toilette*

nupcial. Sejam embora os amores uma ficção mythologica. Ha na terra, ha até em Lisboa, um par de mãos...» (*Interrompendo-se*). Um par de mãos é tolice. Ella não havia de ter dois pares. (*Riscando*) «...mãos tão delicadas e artisticas, que felizmente podem supprir os dons que enfloram a cornucopia dos amores...» (*Parando, olhando fixamente para o publico, como se o estivesse consultando, e puxando muito pelo charuto*). Não! Esta phrase é bonita! (*Accentuando*). *Os dons que enfloram a cornucopia dos amores.* (*Continuando a escrever*) «... São as da acreditada e notavel modista, a snr.^a D...» (*Interrompendo-se*). Como se chamará ella? É verdade! Como se chamará ella? Eu tão enthusiasma-do fiquei, que nem lhe perguntei o nome! É o mesmo. Fica em branco. (*Continuando a escrever*) «...cujos primorosos trabalhos estão cada dia sendo mais procurados pelas damas do *high-life* lisbonense. E a snr.^a D...» Fica em branco «...para corresponder á confiança da sociedade elegante de Lisboa, todas as estações manda fazer em Pariz importantes fornecimentos da mais alta novidade e do mais apurado bom gosto.» (*Para o publico*). Não vai nada mal.

SCENA XVIII

Eduardo Saavedra e Manoel Rodrigues

MANUEL RODRIGUES (*entrando pela porta da officina*)

Felizmente que o encontro cá!

EDUARDO SAAVEDRA (*com surpresa*)

Porque?

MANUEL RODRIGUES

Porque o philoxera não surtiu effeito.

EDUARDO SAAVEDRA

O que? Continuam doentes as vinhas? O que se hade fazer é nomear outra commissão para as estudar.

MANUEL RODRIGUES (*sorrindo*)

É que o philoxera não deu senão meia columna, e eu vinha, de thesoura em punho, atirar-me aos jornaes da provincia.

EDUARDO SAAVEDRA (*espalmado no ar
a mão esquerda*)

Suspendei as vossas fúrias, ó cruel Atropos da
imprensa da provincia. Eu tenho um assumpto, um
assumpto famoso, soberbo. É um vestido...

MANUEL RODRIGUES (*com jovialidade*)

É um assumpto ou um vestido?

EDUARDO SAAVEDRA

É um assumpto por causa d'um vestido.

MANOEL RODRIGUES

Que lhe dispensa talvez vestir o assumpto!

EDUARDO SAAVEDRA

Ao contrario. E' um artigo a capricho, que pre-
cisa de todas as joias do estylo, um artigo que re-
quer o maximo cuidado...

MANOEL RODRIGUES

N'esse caso vou-me embora, e fico esperando o
vestido.

EDUARDO SAAVEDRA

Ao passo que eu estou esperando a modista.

MANOEL RODRIGUES (*rindo*)

Isso é melhor. (*Sáe*)

SCENA XIX

EDUARDO SAAVEDRA (*só, pensando para continuar a escrever, puxando fortemente pelo charuto*).

O charuto é o iman das ideas, isso é, mas queima horrivelmente a garganta. (*Tocando a campainha*).

SCENA XX

Eduardo Saavedra e Benjamim.

BENJAMIM (*á parte*)

Temos *bife*.

EDUARDO SAAVEDRA

Um copo d'agua.

BENJAMIM (*á parte*)

Depois do *bife* não admira que peça um copo d'agua! (*Sáe*)

SCENA XXI

EDUARDO SAAVEDRA (*só, continuando a escrever*)

«Se fora tecido d'estrellas e de rosas este primo-roso vestido, se uma fada o houvesse fabricado do ouro dos astros...»

SCENA XXII

Eduardo Saavedra e Benjamim

BENJAMIM (*com rompante*)

O copo d'agua.

*

EDUARDO SAAVEDRA (*estremecendo*)

Bruto! Lá perdi o verbo!

BENJAMIM (*poisando o copo e sahindo. A' parte*)

Bruto Verbo! Isto é sujeito que parte ou que chega d'alguma terra. (*Sáe*)

SCENA XXIII

EDUARDO SAAVEDRA (*só, continuando a escrever*)

«...Se uma fada o houvesse fabricado do ouro dos astros e do matiz das flores...»

SCENA XXIV

Eduardo Saavedra e uma senhora de idade avançada, maneiras distintas, voz já um pouco tremula: terceiro disfarce da viuva. A cara escondida por um veio.

SENHORA

Poderei entrar por aqui?

EDUARDO SAAVEDRA (*poisando a penna com enfado,
e levantando-se, á parte*)

Uma velha! Ó poesia! (*Para ella*) V. exc.^a pode entrar por onde quizer.

SENHORA

Ah! muito obrigada! Eu venho a abafar de cansaço só de ter subido as escadas. Assim que ponho pé fóra do trem, entra a respiração de anciarse! Triste coisa é a velhice, meu senhor, sobretudo quando a gente ainda se sente presa ao mundo por estreitos laços d' affecto...

EDUARDO SAAVEDRA (*com interesse e espanto, á parte*)

O que?

SENHORA (*continuando com grande nobreza
de maneiras*)

Por quatro netos que são o meu tormento e a minha alegria! Ah! se os conhecesse, se os visse, aposto que também ficaria encantado! Um acerto, uma vivacidade discreta, uma espertesa sem ousadia! Não imagina! É que não pode imaginar...

EDUARDO SAAVEDRA (*lembrando-se da modista, principia a dar mostras de impaciencia, a olhar com anciedade para a porta*).

Faço ideia...

SENHORA (*continuando no mesmo tom*)

Perdoe-me. Não faz. Não pode fazer. Então Pompeu, o mais novo, é tudo quanto pode imaginar-se de gracioso, de bello, de attraente. Mas... eu peço desculpa, eu peço mil desculpas de não haver começado pelo principio, isto é, de me não ter dirigido logo ao snr. redactor d'este jornal...

EDUARDO SAAVEDRA (*com a mesma impaciencia*)

Sou eu, minha senhora.

SENHORA

Ah! ainda bem! Tenho muito prazer em conhecê-lo...

EDUARDO SAAVEDRA (*do mesmo modo*)

Muito obrigado, minha senhora...

SENHORA

Prazer que não tardará a transformar-se em gratidão... E quem me mette n'estes assados é o Pompeu, sim, snr. redactor, é o meu neto mais novo. Lá em casa dizem que é o dilecto... São injustos, snr. redactor. Todos são netos, mas Pompeu é o que pela sua idade precisa de maiores carinhos... Que no meu tempo, sr. redactor, dava a gente bailes, bailes concorridos pela flor da nobresa e do talento, bailes a que iam o Garrett e o Rodrigo, e ninguem se lembrava de assoalhar o caso nos jornaes. Mas agora... tudo vai á gazeta! Hontem fez annos o neto da baronesa de Segade, e o jornal de v. exc.^a lá o dizia... sim snr. e tal etc... Ora se a baronesa de Segade é amiga dos netos, snr. redactor, eu não sou menos, e como o meu Pompeu faz amanhã annos, eu vinha, sem o pae saber, pedir a v. exc.^a o favor de tambem o botar á folha com os mesmos dizeres ou com outros assim historiados, porque olhe que o meu Pompeu é muito mais bonito e muito mais bem educado do que os netos da baronesa de Segade...

(Eduardo Saavedra tem-se levantado impaciente, consulta o relógio, e já por duas vezes tem ido espreitar á porta da escada.)

SENHORA (*Imaginando que elle está ainda no mesmo logar e indo para agarrar-lhe no braço*)

Eu peço isto com todo o empenho. (*Dando pela falta d'elle. Procurando-o com a vista e pondo-se a pé.*) V. exc.^a está incommodado?

EDUARDO SAAVEDRA (*com perplexidade*)

Não, minha senhora.

SENHORA

Pois eu tambem me não demoro. Hei-de ir d'aqui a casa da modista de minha filha vêr uma *toilette* de noiva que ella acaba de fazer, e que até vai ser fallada nos jornaes...

EDUARDO SAAVEDRA (*que, ao ouvir fallar em modista, se tem voltado com interesse*)

Mas essa mesma modista ficou de vir aqui agora ! Não pode tardar.

SENHORA

Peço perdão. São quasi trez horas, e foi exactamente ás trez horas que ella nos deu ponto de reunião a mim e a minha filha em sua casa.

EDUARDO SAAVEDRA

N'esse caso?...

SENHORA (*fingindo não ter ouvido bem*)

Em sua casa, é que eu disse. Às trez horas.

EDUARDO SAAVEDRA (*com impaciencia.*

Vendo o relógio)

Mas são quasi trez horas. N'esse caso eu também irei. (*Á parte.*) É que se havia esquecido d'esta combinação.

SENHORA (*com surpresa*)

Como! Irá também?

EDUARDO SAAVEDRA (*com ardor*)

Irei; porque eu adoro essa intelligente, essa incomparavel modista!

SENHORA (*fingindo cada vez maior surpresa*)

Adora-a?

EDUARDO SAAVEDRA (*do mesmo modo*)

Adoro-a, sim, minha senhora, por que é a mulher mais intelligente, mais *coquette* que eu tenho visto!

SENHORA (*com espanto*)

Mas se é casada, snr.?

EDUARDO SAAVEDRA

Mas se é adoravel, minha senhora!

SENHORA (*com insistencia*)

E quer então tornar a vel-a, a todo o custo, forçosamente?

EDUARDO SAAVEDRA

Se queria!

SENHORA

Poi n'esse caso, a troco da noticia do meu Pompeu, eu farei o milagre...

EDUARDO SAAVEDRA (*com alegria e espanto*)

O que?

SENHORA

Feche os olhos. Feche os olhos até eu lhe dizer— Já —.

EDUARDO SAAVEDRA (*com desconfiança*)

V. exc.* está zombando!

SENHORA (*com sinceridade*)

Não estou. Feche os olhos.

EDUARDO SAAVEDRA (*pondo as mãos ambas sobre a cara*)

De boa vontade cegaria para só me ser restituída a vista na sua presença.

(*Entretanto, a senhora tira o seu casaco e o seu chapéu, e fica vestida como a modista havia apparecido, mas sem o veio, para mais facilmente poder ser reconhecida*)

SENHORA (*batendo as palmas*)

Já.

EDUARDO SAAVEDRA (*descobrendo a cara*)

O que? (*ficando suspenso*) Que vejo! O vestido da modista, e a viuva do segundo andar!

SENHORA (*sorrindo*)

Mas olhe que não é este o primoroso vestido de noivado...

EDUARDO SAAVEDRA (*correndo para ella com os braços abertos*)

Adorável surpresa! Mas servirá nas nossas nupcias a delicada, a primorosa *toilette*...

SENHORA (*sorrindo*)

De vagar, de vagar. É preciso que primeiro se cure d'essa exaltação romanesca pelas corridas de cavallos, e por todas as modistas. E olhe que eu não tenho a felicidade de ser modista. Sou unicamente... a viuva do segundo andar.

EDUARDO SAAVEDRA (*com enthusiasmo*)

Que eu adoro.

SENHORA (*sorrindo*)

Como adorava a modista?

EDUARDO SAAVEDRA

Mais! Incomparavelmente mais!

SENHORA (*sorrindo*)

Como adorava a minha vizinha do primeiro andar?

EDUARDO SAAVEDRA

Que ficou vencida.

SENHORA

E já não quer ir hoje ás corridas?

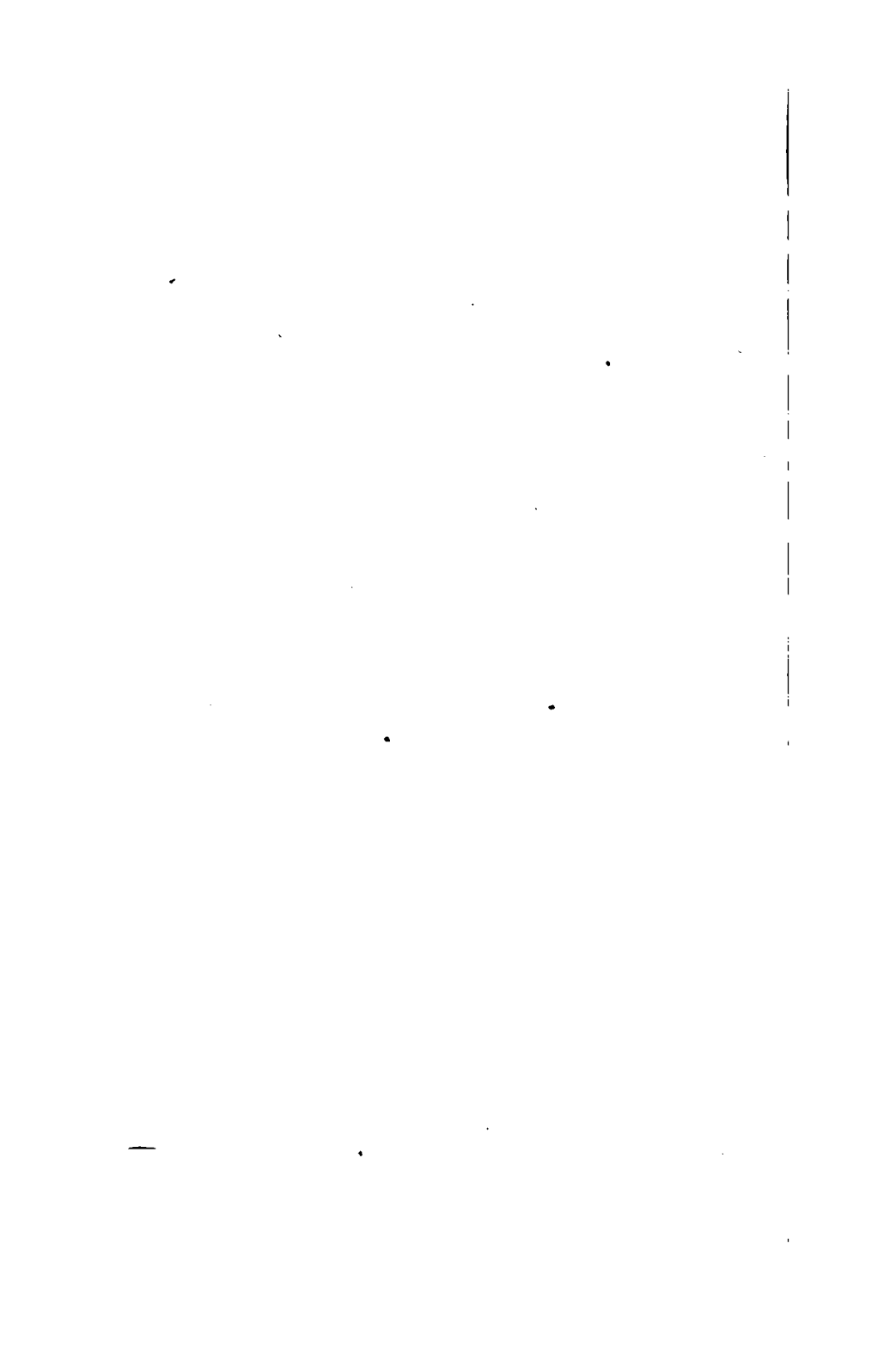
EDUARDO SAAVEDRA

Iremos ambos ás da primavera, e (*com ironia*) teremos ocasião de figurar entre o *high-life* de Lisboa.

SENHORA

Por Deus! não me falle no *high-life*, que já me incommoda essa ridícula mania!

FIM DA COMEDIA



SEM ASSUMPTO E SEM SOL

Simonde de Sismondi não foi lisongeiro quando chamou a Portugal o *mais bello paiz da terra*, — a *patria das laranjeiras*.

Elle foi justo, o que é raro, e nós ás vezes somos ingratos, o que é triste.

Denominar Portugal a patria das laranjeiras, o mesmo parece ser que chamar-lhe o paiz eternamente vestido das galas do noivado, e rescendente das grinaldas nupciaes que, durante quasi todo o anno, perfumam a doce sombra dos nossos jardins plantados á beira-mar, como disse Thomaz Ribeiro. Agora, mais que nunca, começa a sentir-se que vivemos na patria das flores, porque já andam no ar os primeiros effluvios da primavera formosa.

O céu, todo azul e oiro, parece ter sido expressamente creado para contrastar com a melancolia profunda do céu da Hollanda, tantas vezes reproduzido nos quadros de Ruysdael, Hobbema e Paulo Potter, e o Tejo, este grande Tejo d'onde saíram as naus conquistadoras, está de uma serenidade dormente que faz suppôr que a primavera e a historia se deram as mãos para conversarem ambas sobre as nossas passadas glorias,—a primavera cobrindo-as de flôres; a historia orvalhando-as de lagrimas. E todavia, força é repetil-o, nós ás vezes somos ingratos para com a Providencia que nos pôz tamanha festa no céu, na terra, e na agua.

Eu, primeiro que os outros, agora accusados por mim, quero penitenciar-me publicamente da propria ingratição, e confessar-me um dos mais descuidosos das bellezas naturaes da nossa patria.

Verdade é que uma circumstancia attenuante deve modificar o rigor da pena.

Um ligeiro incommodo de saude, privando-me de bordejar no Tejo com um livro do sr. Eduardo Vidal na mão, ou de ir colher aos campos as primeiras flores da primavera, com outro livro do sr. Eduardo Vidal no bolso, tem-me obrigado a uma reclusão, que eu chamarei litteraria, por me vêr constringido a estudar a patria nos livros, e a medir a distancia que vae da natureza á historia.

Grande distancia!

Aqui estou eu vendo, da janella da minha sa-

leta, este velho Castello, que me recorda a estreita Lisboa de D. Diniz, quando a muralha, passando em frente da Sé, correndo á beira-mar e subindo pela Adiça, voltava a unir-se á fortaleza d'onde descera.

Sinto-me tentado a ir lêr os meus livros de historia portugueza.

Abro alguns no reinado de D. Diniz, o rei galante e trovador, sem embargo de ter sido util á sua patria, e tão util que, creando a Universidade, fez uma boa obra que os bachareis estragaram! Orgulho-me por um momento de ter sangue musarabe nas veias e o snr. dr. Theophilo na livraria.

Folheio os *Trovadores galecio-portuguezes*, onde espero encontrar o nome de D. Diniz, e não só encontro o nome, senão que tambem estes dizeres conceituosos e sabios a paginas 155:

«Vejam as circumstancias que levaram el-rei D. Diniz a ser trovador, e a dar o gosto da poesia á fidalguia portugueza. Nasceu D. Diniz a 9 de outubro de 1261; era neto de Affonso, o Sabio, o grande e o principal trovador da escola castelhana. Quando D. Affonso III seu pae andava em lucta contra o rei de Castella sobre o senhorio do Algarve, foi o infante portuguez, á côrte de seu avô, em idade, é certo, em que ainda não podia apreciar a poesia, mas em que *podia receber a impressão deslumbrante, que quiz pôr em pratica no seu reinado.*»

Vou immediatamente tirar-me de duvidas. Quero saber em que idade foi D. Diniz á côrte de Castella e recebeu a *impressão deslumbrante*, que, realisada mais tarde, representa um notavel periodo na historia litteraria de Portugal.

Recorro, pelo m'õ não dizer o snr. dr. Theophilo, á *Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas, e leio a pag. 122 do vol. 1:

«Cedo começou para D. Diniz a vida politica. Tinha *pouco mais de seis annos* quando foi como embaixador á Castella.»

Fiquei aturdido!

Pois é possível, ó snr. dr., que tanto madrugasse o entendimento no real menino, que trouxesse de Castella, sem a perder pelo caminho, essa *impressão deslumbrante*, e que os annos lh'a não desluzissem da memoria, se é que chegou com ella a Portugal!

Valha-nos Deus.

Eu acredito piamente que D. Diniz só disse em Castella o que os embaixadores lhe ensinaram em Portugal, e durante a jornada lhe avivaram.

O que certamente se queria era dar importancia politica á embaixada; foi o infante por não poder ir... o rei.

Mas lá que D. Diniz, com os seus seis annos, preferisse as muzas de Castella ás reaes golodices

da meza hospitaleira, não acredito, francamente, e admira, porque eu acredito em tudo,—até nos musarabes.

Palavra que me sinto triste!

Chego a odiar o meu facultativo por me não deixar ir antes admirar a patria na natureza.

Aborreço a historia e volto-me para a poesia.

Vou á estante, e tiro um poeta antigo: é melhor, para aprender alguma coisa.

Sáe-me a *Braziliada* de Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

Lembro-me de que uma tarde, no Passeio da Cordoaria, no Porto, o meu presado amigo Anthero do Quental me recommendára que lehesse cuidadosamente este escriptor, porque elle foi, na sua opinião, um dos que mais anteciparam o gosto romantico na poesia portugueza.

E é verdade.

A *Sepultura de Lesbia* é um poema que podia ser escripto hoje. O poeta, conspirando contra a influencia arcadica expirante, chora saudades sobre o tumulo da amante em lyrismo verdadeiramente romantico:

Chorando-me a mim proprio em meu lamento,
Doença me será minha agonia,
Morrendo, e a renovar o triste alento;
A noite o funeral, sepulcro o dia.

Para inteira comprehensão d'este quarteto, importa dizer que Santos e Silva agonisou cego e pobre, durante dezeseite annos, no hospital de S. José de Lisboa.

Nascera em Setubal, em 1751, aleijado de ambos os pés.

A expensas de seu padrinho, que era desembargador, cursou preparatorios na cidade natal, no proposito de graduar-se em medicina na Universidade.

Surprehendido pela morte do padrinho, e carecido de meios de subsistencia, entrou como praticante n'uma botica de Setubal, onde se demorou, até que a morte da mulher, que no poema se chama Lesbia, o affastou para Lisboa, onde entrou em outra botica da rua de S. Paulo.

Uma vez em Lisboa, a sua vocação litteraria levou-o a lançar mão de trabalhos que não fossem os da pharmacia, e não só abriu aula de linguas mas até começou a traduzir peças para o theatro.

Accommettido de uma ophtalmia, teve de fechar a aula, e de recolher-se ao hospital de S. José, já quando a cegueira lhe cerrára para sempre os olhos.

No prologo da *Braziliada*, que é dedicada a D. Francisco de Almeida Mello e Castro, enfermeiro-mór do hospital de S. José, escreve Santos e Silva:

«N'esta casa eu entrei totalmente cego, estropeado, em uma edade já propecta; e n'ella eu me conservo

sem outro auxilio mais, que o proveniente de meus taes ou quaes escriptos, de pouco, ou nenhum momento em dias tão calamitosos, e a caridade, que diariamente recebo; da qual me vejo commumente obrigado a repartir com os meus amanuenses, aproveitando-me dos primeiros que me apparecem, qualquer que seja o seu prestimo; e mórmente quando é tanta a renitencia em vir a um hospital, nem ainda por avultada compensação, apezar do seu novo estado, e actual salubridade. . . »

Que triste vida a d'este homem, e que triste poesia eu fui escolher!

O sol a doirar o céu de Lisboa, e eu a procurar miserias no hospital, a cuja porta, como seprehende d'uma epistola de Costa e Silva a Santos e Silva, parece que algumas vezes os latidos da inveja perturbaram o doloroso descanço do cego:

Deixa, pois, genio illustre, que invejoso
O Thersites mordaz ladre a seu folgo
A teu estro, que aos astros se remonta.

Pois não tinham porque ladrar-lhe. Uma culpa, essa teve-a, mas não merecia tanto barulho—foi a de não ser escrupuloso na escolha de palavras e macular ás vezes a téla, em que ia bordando os seus poemas, com a nodoa d'um plebeismo.

Nada! Tristezas, que não teem remedio, devem-se esquecer. E as de Santos e Silva bem esquecidas estão!

Quero poesia que me falle de Lisboa, e me mostre a esplendida cidade de que eu, n'este momento, só posso vêr uma nesga.

A lenda germanica, referida por Ferdinand Denis, do cavalleiro que em Jerusalem quiz vêr n'um espelho magico a mais bella cidade da Europa, e viu Lisboa, foi certamente inventada por algum velho allemão que veio a Lisboa na primavera.

Mas, isto de poesia é futil, dizem por ahi.

Atiremo-nos, pois, ás grandes investigações, a proposito de tudo,—e de Lisboa tambem.

Aqui está como eu acabo de descobrir n'este momento que Antonio Prestes era um grandissimo mal-creado, que não gostava de tirar o chapéu a ninguem, e se admirava de que em Lisboa todos se comprimentassem.

Dil-o elle. Tão mal creado como isto!

E nos ymos a Lixboa,
e de Lixboa se soa
que todos lá são onrrados,
que de pessoa a pessoa
se fallam desbarretados.

Outra descoberta importantissima, a respeito de D. Francisco Manuel de Mello, e de Lisboa.

Este D. Francisco Manuel, que tão bons conselhos dava a seu primo D. Francisco de Mello na *Carta de guia de casados*, era um breigeirão d'aquella casta em Lisboa, pellava-se pelos *ditinhos* repentinos, pelo fallar gracioso, e até por um certo pudor na graça e nos repentinos. . . de quem? Seria dos homens ou das mulheres de Lisboa? O leitor estude a biographia de Francisco Manuel para decidir. Mas se era das mulheres, como elle, o aventureoso escriptor, as sabia avaliar devidamente, antepondo-as ás do Brazil e da Catalunha, por onde militára!

O auto de corpo de delicto aqui o tenho:

Um fallar com tanto geito,
Um ditinho de repente,
Que afeiçoa:
Um ter em tudo respeito,
Ai! mate-me Deus com a gente
De Lisboa.

E matou. Foi sepultado em S. José de Ribamar, mas a descoberta, cá está, e é minha.

Esta escapou ao snr. dr. Theophilo!
Mais investigações. . .

Oh! mas por Deus! veio agora tentar-me um raio de sol que se está espreguiçando docemente na copa d'uma arvore que eu vejo d'aqui.

E depois eu quero sair. A patria é mais bonita estudada na terra que nos homens, porque até os

maiores homens, segundo o que eu descobri, têm seus defeitos, e a terra, como se sabe, teve um só,—o de haver produzido o limo que produziu o homem!

Lisboa, março de 1874.

O CÃO DO MONTE DE S. BERNARDO

(AO CAÇADOR BULHÃO PATO)

Eu acredito, como Toussenel, que Deus creasse o cão para remediar a fraqueza humana. *Au commencement Dieu créa l'homme, et, le voyant si faible, il lui donna le chien.* O que é mais ainda,—acredito ser o cão o *unico* animal verdadeiramente prestavel ao homem, porque só elle consegue multiplicar-se, tomando aptidões diferentes, para acudir ao seu debil companheiro na infinidade de aspectos que a desgraça parece tomar. O cavallo contenta-se com emprestar ao *rei da criação* as suas pernas, solidas e fortes, e o seu bello peito, profundo e vigoroso, proprio para as corridas violentas e para os saltos

perigosos ¹. O boi não é um auxiliar indispensavel na lavoira e na culinaria. O cavallo faz, em muitos paizes, o serviço dos campos, e de todos é conhecido que, depois do grande aperfeiçoamento introduzido por Dombasle na charrua, os machinistas inglezes e americanos se preoccuparam com a idéa de substituir pelo vapor o motor animal nos instrumentos agricolas. Não é a carne do boi alimento imprescindivel, apesar de muito rica de osmazoma. Opiniões ha até de que o homem não foi talhado para triturar e digerir viandas. Os que negam ao homem a qualidade de carnívoro, contentam-se com dar-lhe peixes, crustaceos, pomos, hervas e farinhas. O boi e o cavallo parece, á primeira vista, e posta de parte a questão da alimentação, serem os dois animaes mais precisos ao homem, mas, depois de breve exame e de ligeira meditação, o espirito chega facilmente a acceitar a conclusão de que o cão é o *unico* animal indispensavel á fraqueza humana.

Protheu de si mesmo, o cão multiplica as proprias forças para desempenhar fins diversos.

Eil-o cão de pastor, mais primitivo que civilisado, como nota Gayot, com o seu denso pello amarello ou negro, as suas orelhas ponteagudas, e a sua

¹ O emprego da carne de cavallo, *hyppophagia*, para alimentação do homem, comquanto adoptado em muitos paizes, não está universalmente acceito, e nós, na estreiteza d'este artigo, apenas podemos apreciar os factos na sua generalidade.

cauda empennachada. Este é o amigo do pagueiro e dos rebanhos, o unico defensor nas grandes solidões, o vencedor dos homericos combates travados com as famintas alcatêas do deserto.

Nascido na America do Norte, volve-se amphibio; é o *Terra-Nova*, o nadador audaz e infatigavel, o vencedor das ondas, o intrepido mergulhador de mãos espalmadas, verdadeirosapparelhos natatorios, o voluntario salvador do seu dono ou do seu amigo.

Magro, de orelhas pendentes, pernas finas, compridas, sêccas, abdomen leve, peito levantado, musculos tensos, é o lebreo corredor, que, animado pela voz dos *sportmen*, galga, na pista do veado, os desfiladeiros da Escocia; é o pae de todas as variedades de cães de caça, o amigo dos prazeres fragoeiros, o conviva das festas saltares e vivificantes.

Bull-dog, — é, na phrase de mr. Pierre Pichot, uma maxilla viva construida para morder e não para ladrar. Cabeça de toiro liada ao corpo por musculos de ferro, guella amplissima, dentes de gume fino como o aço e fórte como a rocha, — athletico, indomavel, sanguinario, é o defensor incorruptivel do homem, o luctador feroz amestrado nos crueis combates inglezes.

Oriundo das regiões boreaes do globo, musculoso, membrudo, gordo, de cauda empennachada e encaracolada em circulo, substitue o cavallo na carreira e tira vigorosamente os *traîneaux* sobre plani-

cies de gelo, desempenhando na Siberia com a maxima pontualidade, attrelados dois a dois em longas filas, o trabalhoso serviço postal.

Nos paizes montanhosos, nas regiões dos Pyreneos ou dos Alpes, por exemplo, o cão devia de ter um papel eminentemente util, charidoso até. E tem. Dotado pela natureza de um ouvido excepcionalmente fino e delicado, o cão da montanha avisa de todos os perigos com discreta antecipação, e atravessa impavido os eternos frios das grandes avalanches, acobertado com o seu pello duro e longo, para farejar o sitio em que o viajante cahiu prostrado ou perdido.

Ah! que é admiravel a tua missão na terra, ó cão, pobre amigo, tão pobre como leal, e por isso mesmo tantas vezes calumniado até no proprio nome!

Na charneca, no mar, na montanha, na estrada, nos desertos gelados, nas solidões alpestres, em casa, na rua, até sobre a sepultura, tu és o companheiro inseparavel do homem, o seu *unico* amigo, o mais fiel, o mais dedicado, a primeira voz que se levanta para defendel-o e a ultima lagrima que desce para choral-o!

Por isso tu passas apedrejado na rua, na rua onde és o mais desgraçado dos seres creados, porque não tens raça, nem familia, nem lar, nem sequer um nome! Producto heteroclitico do amor e do acaso, como te chama mr. Gayot, não és mastim,

nem lebreo, nem rafeiro, nem podengo, nem bulldog, nem *Terra-Nova*, nem coisa alguma: és o cão da rua! Não nasceste em Groenland, em Kamtschotka, nos Alpes ou nos Pyreneos, nasceste no lixo, n'um portal ou n'uma sentina, e não encontraste alma charidosa que te fosse lançar ao rio! És o cão da rua, o eterno mestiço, o vagabundo eterno, o engeitado, o solitario philosopho nocturno, que passas através do luar, de cauda erguida e focinho caído, a olhar para a terra que te ha de comer e a apontar ironicamente para os astros, que te desprezam, com o que tu tens de mais desprezível. Não ha pintor que te retrate, poeta que se occupe de ti. Ninguém sabe quem é a tua familia; a tua vida é obscura e ingloria. Uma coisa se sabe ao certo: é como tu has de morrer: envenenado. E na mesma rua, na rua que era a unica coisa que te restava no mundo, has de cair nas lentas agonias da peçonha, no meio de um circulo de olhares curiosos e inuteis, e talvez de ponta-pés deshumanos. Depois entrarás no lixo d'onde vieste. Podias ser aproveitado, apropriado a um fim, — amigo de alguém. La diz o rimate popular :

Por aquella serra acima
Vinte e cinco cegos vão :
Cada cego com seu moço,
Cada moço com seu cão.

Os cegos felizmente são poucos, e os cães da rua são muitos. És um coração perdido. Pobre amigo! não tens quem te queira, a não ser a terra: pois vae descançar na terra.

Os monumentos são para os cães nobres: os de S. Bernardo por exemplo. Sabe-se d'onde vieram. Até se sabe quantas dynastias contam. Ha o cão antigo e o cão moderno. O antigo nasceu do cão de pastor e da femea do mastim. Tambem se lhe conhece o retrato. Patas fortes e grossas, cabeça larga, beiços pendentes, pello alaranjado, espesso e curto, — corporatura enorme. O moderno cão de S. Bernardo descende de um só cão salvo da terrível epidemia que dizimou a raça em 1820, procede de cruzamentos com os cães de Leonberg, continúa a ser grande e fortemente construido, e a desempenhar a sua missão de philantropia junto do hospício de S. Bernardo. Ah! mas inteiramente se comprehende o direito com que anda perpetuada na tradição oral e escripta a doce memoria do compassivo cão de S. Bernardo, cuja missão consiste em arrancar ás enormes sepulturas de gelo eterno os viajantes que as avalanches prostraram na amplidão alvejante dos Alpes, — a longa estrada com que a natureza ligára a Italia, o paiz da musica, á França, o paiz do amor! Por ali faziam caminho, — e basta fallar dos infelizes, — além dos operarios emigrados de Valais, os pequenos menestreis italianos, que se poderiam chamar as andorinhas da mu-

sica se lhes não coubesse melhor a denominação de rouxinoes de Italia. Migrantes como as aves, unicamente acompanhados pelo seu violino ou pela sua harpa, morreriam de frio e fome nas vastas geleiras dos Alpes se o cão de S. Bernardo, guiado pelo *marronnier*, (creado do convento encarregado de procurar os passageiros) lhes não acudisse com o barrilinho cheio de vinho branco e o felpudo cobrejão por igual reanimador. O rapazinho do quadro de Clasen, que nos suscitou estas observações, era talvez um d'esses desventurosos menestreis que mal se podéra arrastar, congeladas as articulações, até ás visinhanças do santo hospicio. Facilmente o encontrou o cão. Puxou com os dentes a corda da sineta; avisou os compassivos padres. Espera vêr assomar alguém ao postigo. É a resposta. Amanhã, confortado e alegre, ó pequenino rouxinol, ó andorinha errante, poderás seguir teu caminho!

Hoje a locomotiva, que passa arfando sob a abobada do monte Cenis e que brotou, phenix moderna, das cinzas das antigas florestas, *Cinereus mons*, roubou ao convento de Moustiers muita da religiosa poesia que as suas tradições evangelicas conservavam havia nove seculos.

Mas, como de mais longe vinhamos dizendo, tambem se comprehende que o lapis de sir Edwin Landseer eternise na tēla as correrias fragoeirras dos *highland-deerhounds*, os audazes lebreos da alta Escocia. Tambem se comprehende...

Oh! mas o que se não comprehende, finalmente, são os carinhos, as blandicias, os regalos dispensados a esses mimosos cães espurios, que dormem sobre almofadas, são lavados com fino sabonete inglez, e passeiam encostados ao collo feminino docemente arquejante Sabeis o que são esses estimados cães inuteis? O mesmo que são os da rua, são, diz mr. Gayot, a miniatura ou, melhor, a caricatura das grandes raças. Mas os da rua teem antes da morte o veneno e depois da morte o monturo, e os de sala teem antes da morte a sua almofada e o seu banho, e depois da morte o fino *crayon* que os immortalisa ou a elegante redoma que os conserva embalsamados! Em Portugal, especialmente, o cão de regaço começa a invadir os direitos do filho. Já se não sabe ao certo se os braços da mulher foram feitos para as creanças, como diz Victor Hugo, ou para os cachorros mimosos. Deante de um cão de S. Bernardo, vestido com o seu proprio pello e luctando com a neve, não ha o prazer de vêr saltar em pinchos idiotas a delambida galguinha de Italia, que não quer sol, nem frio, nem vento, e precisa andar agasalhada com o seu pequenino teliz de panno ou velludo.

Em Portugal nem os animaes domesticos se conhecem. Em França até as senhoras os estudam. Recommendo aos mais pequenos leitores d'estas linhas os *Animaux domestiques* de madame Pape Carpantier, a celebre pedagogista.

PRIMEIRAS
PAGINAS D'UM LIVRO INCOMPLETO

(A MINHA FILHA MAGDALENA)

Chama-se *d'ouro* este livro, porque é a unica riqueza que debes entesourar no teu coração. Ser rico e ser pobre é contingente. Os mais favoneados da fortuna e da sociedade resvalam muitas vezes do mais alto da grandeza ephemera do mundo ao abysmo onde, á mistura com outros infelizes, pedem a esmola da compaixão aos que vão passando. Ser bom, nobre e justo é riqueza que nada tem que vêr com as eventualidades terrenas. Não ha revez que nos expolie do patrimonio que nossos paes com bom conselho e bom exemplo carregaram para o nosso futuro.

Este livro resume algumas considerações que a tranquillidade feliz do lar me despertou, e a ti o

lego para que o leias e decores quando no teu espirito se fizer a noite tenebrosa do desgosto ou quando com a timidez peculiar ás almas inexperientes reconheças necessaria a mão d'um guia leal que te vá orientando no caminho da vida.

Essa mão será a minha; compulsar este livro será encontral-a.

Não ha quem nos seja mais dedicado e extremo cyreneu n'este calvario da terra, a que todos subimos com a cruz do nosso destino, do que o unico verdadeiro amigo que a Providencia collocou á cabeceira do berço em que choramos as primeiras lagrimas e desabrochamos os primeiros sorrisos.

É o pai quem procura adivinhar a nossa alma antes d'ella nascer para o mundo; é elle que, ancioso de tomar sobre si a espinhosa missão de preceptor, a vae acompanhando em phantasia desde a infancia á puericia, da puericia á adolescencia, da adolescencia á nubilidadade; é elle que no recolhimento da sua imaginação a está já aquecendo ao fogo do seu amor para que ella entre fortalecida no corposinho em que deve encarnar.

Se algum defeito tem o nosso amantissimo cyreneu é o debuxar na mente perspectivas risonhas e cambiantes, miragens de imperturbavel felicidade, tudo um derivar de limpidas correntes sob um céu sempre azul e sempre estrellado.

Cria para o filho do seu amor um mundo novo, uma nova sociedade, sem luctas, sem pai-

xões, sem odios, sem punhal na mão e riso nos labios... Seu filho affigura-se-lhe uma natureza excepcional: põe-lhe no coração todo o sol dos dias de primavera e toda a serenidade das noites estivas; será puro, será bom, incorruptivel e mesmamente meigo e austero; coloreia-lhe as faces do carmim das rosas; veste-lhe a cabeça de raios de luz; illumina-lhe os olhos com as doces tintas dos horisontes maritimos. Já pensa vê-lo a socorrer os pobres, a vestir os nús, a guardar a sua merenda para repartil-a com as creanças que andam pedindo esmola pela rua... Tudo o que não seja um mixto de formosura e bondade desluserá o retrato prefigurado na mente paterna.

Este é o grande erro do coração humano.

A creança que ha de nascer será o embyrão do homem, e o homem futuro terá de respirar na atmosphera em que respiram todos; será apaixonado como os outros, delinquirá como elles. Será flor, convenho, porque em fim precisará de luz para viver, como todas as flores, que sem ella estiolam.

Mas a luz que dá alento á rosa, desce do ceo, é o sol; encarregou-se a Providencia de ser mãe, porque a flor não tem mãe nem pai. Aos homens deu-lhes Deus a razão que é a luz de cada um, para que uns aos outros se vivifiquem e auxiliem.

Suppôr que a creança se educará sem instrucção, será suppôr que florirá a rosa sem ter sol. Suppôr que ella nascerá perfeita, será suppôr que a ro-

*

seira não carece de cultura. E olha tu como o jardineiro se afadiga a cuidar dos seus arbustos, a regal-os, a guial-os para a sombra ou para a luz, a ageitar-lhes as vergontas, a acamar-lhes as folhas! Sabes o que elle anda a fazer? A repartir a sua razão com o vegetal que a não tem.

As creanças são como os arbustos: teem graça mas não pensam. É preciso pensar por ellas.

Cumpre pois ao pai, o unico homem que a pode acompanhar desde os primeiros passos, a tarefa de pensar por si e por ella.

O pai é que frequenta a sociedade, que trata com os homens, que lhes conhece as paixões e os instinctos, que sabe que caminho é preciso seguir, e que desvios cumpre evitar.

O pai é a razão, a experiencia, a luz. A mãe é o amor, e o amor é cego, porque tem os olhos vendados; e simples, porque nol-o pintam menino. Toda a missão da mãe se cifra em amar; toda a missão do pai se cifra em pensar.

O pai traz para casa o que não ha em casa, a experiencia do mundo; a mãe conserva de portas a dentro o que se não encontra na vida externa: o amor.

Só n'estas condições providenciaes se pode estabelecer o equilibrio da felicidade terrena. São dois os operarios, e a obra é só uma. A obra é a educação dos filhos. A mãe entra com o capital—Amor—; o pai com o capital—Razão.

É preciso que estes dois elementos educativos entrem sempre em quantidades iguaes e sejam justamente combinados. É preciso que a individualidade *Pai* não absorva a individualidade *Mãe* nem seja por ella absorvida.

Não queremos dizer que o pai não ame e a mãe não pense. Queremos simplesmente indicar que o amor da mãe deve ser limitado á razão do pai, e a razão do pai limitada ao amor da mãe; que nem a mulher ame mais do que deve, nem o homem pense mais do que deva.

O pai que phantasia extremos de felicidade para o filho que ha de nascer, está sentindo pelo coração da mãe;—da mãe que suppõe ser bastante o seu amor á educação do filho, sem se lembrar de que elle ha de viver entre os homens, e que o pai é que é o homem.

Alguns escriptores ha que pedem para a mulher a faculdade de educar seus filhos. Esta questão prende com outra, que seria inteiramente descabida em livro de educação. Estar a fallar de *liberdade* e emancipação a quem a natureza fez escravo, á creança, seria dislate.

Agora o repetiremos,—porque já mais d'uma vez o havemos dito—devem os homens empenhar-se em conservar o equilibrio em que a Providencia collocou as duas forças motoras de toda a sociedade—o pai e a mãe—, porque, reconhecida a existencia d'um Deus summamente sabio e summamen-

te bom, que todos os dias se revela nas minimas coisas da creação, força será aceitar que sabiamente preparou as mil contingencias que umas nas outras se encadeiam no firmamento e na terra desde todo o principio dos seculos.

Esta inimitavel harmonia, por que Deus deixou reguladas as coisas celestes e terrenas, não só é lei divina para a sociedade conjugal dos homens, senão que tambem a observam as aves.

Nas familias aladas, em quanto a mãe sente no ôvo os primeiros movimentos de seu filho, anda o pai construindo o ninho. A mãe soffre resignada porque ama. O pai, construindo, representa a intelligencia, tanta quanta aos passaros cabe, porque a ideia da construcção, por mais grosseira que seja, anda associada á ideia da arte.

Em quanto a mãe aquece sob a aza o filho implume, anda o pai amalhando os grãos que o camponez deixara na eira. A mãe, dementada pelo amor, pensa que á vida do filho basta o conchego da sua plumagem; o pai, a quem o amor não cega, prepara os alimentos para a mãe que precisa de aquecer o filho, e para o filho ao qual não seria garantia unica da vida o aconchego materno.

Este facto o referem antiquissimos naturalistas, e ainda hoje se repete aos olhos de sabios e igno- rantes.

Sobeja occasião tive eu de estudar a differente maneira por que eu e tua mãe encaravamos o teu

futuro. Inteiramente conheci então que a Providencia nos havia incumbido missões diferentes em interesse commum: a tua felicidade.

Em quanto tua mãe costurava o teu enxoval nas noites tranquillias do lar, preocupava-me eu com a eleição da professora que te havia de dar, com a escolha de livros que tu devias lér, com a intima discussão das disciplinas que me parecia conveniente conheceres.

Ambos pensavamos em ti, muitas vezes silenciosos, sem revelarmos um ao outro o que estavamos pensando. Tua mãe via a creança; eu via o espirito. Tua mãe via o berço; eu via a mulher. Tua mãe preparava o futuro proximo; eu preparava o futuro remoto.

Como que dividiamos a tua existencia em duas metades para ser mais suave a tarefa, e ao mesmo passo nos preocupavamos com a tua vida inteira, collaborando em commum. Quando tua mãe viajava em derredor do teu catresinho, eu viajava em derredor da escola. Tua mãe pensava na criação; eu pensava na educação. Tua mãe cinzelava meia estatua; eu cinzelava outra meia.

E esta estatua, que depois a alma veio animar, eras tu, minha filha. Deus completou a nossa obra dando-te o que nós não te podiamos dar. Entraste no mundo.

Convinha estarmos preparados para receber o thesouro que nos era confiado; e estavamos. A tua

mãe cabia a prioridade no desempenho dos nossos deveres.

Foi ella que te dispensou os primeiros cuidados, depositando-te no berço, especie de arcasinha de ante-mão preparada e enfeitada para receber um thesouro.

Porto, 8 de junho de 1873.

AS CREENÇAS CRIMINOSAS EM LISBOA

Serenadas umas pequenas tempestades, que frequentemente esbravejam sobre a cabeça dos jornalistas, e se desfazem em rapidas saraivadas, é-me agradável escrever n'este jornal ¹, extraordinariamente popular, ácerca de um assumpto, que mais que nenhum merece ser conhecido do povo: a educação da creança criminosa.

Thema deve ser para gravissimas reflexões o loiro, pequeno e rosado entesinho que se chama creança. Esta formosa bagatella é um mundosinho microscopico, de quê mais tarde ha de desabrochar

¹ O *Diario de Noticias* de Lisboa.

eterna e completa a historia da humanidade. E' o grão de trigo, que depois de amadurecido pelo sol e pela terra se hade converter em colheita. Vê a gente um fragil corpo de poucos palmos de altura, com as suas madeixas doiradas, a sua agilidade inquieta, os seus relampagos de travessura e bondade; ouve adejar como trefega abelha essa pequena pessoa descuidosa, que para tudo sorri e que por tudo passa ligeiramente como um sopro de briza; e o futuro está ali, a humanidade é aquillo, as civilisações far-se-hão d'aquelle tudo-nada de gente que vae passando e fremindo.

Por isso tu, ó corposinho gentil, que te recreias perseguindo as borboletas, e que á maior parte das pessoas te afiguras um livro fechado, encadernado em folhas de rosa e pelliculas de ouro, não podes passar despercebido de quem se deita a pensar no dia de amanhã, cuja aurora serás tu.

Quando tiveste a felicidade de desabrochar entre a fresca alvura do teu enxovalinho mimoso; quando nasceste para ires ao encontro de um futuro em vez de teres que o procurar na ressaca da maré social, como se procuram conchas na praia; quando finalmente tu tens um nome, uma familia, uma sociedade determinada onde debes entrar e viver, tu só tens que seguir a linha recta da tradição como a tua inexperiente mão tem de conformar-se aos traços parallelos de uma pauta.

Então chamas-te o menino fulano, tens um pa-

drinho que te dá bonecos e um professor que te dá premios; entrincheiras-te detraz do teu bibe bordado e dizes ao futuro que está diante de ti: «Eu venho da familia que me creou e vou para a familia que hei de crear.»

Excellente!

Então tu como que nasces lapidado, perfeito, completo. Não dás cuidado á sociedade, porque és mais um élo que indifferentemente para ella liga a vida de teu pai á vida de teus filhos. És um appellido que se fixa entre estes dois extremos. Nascestes para encheres o vacuo interposto a um tumulo e um berço. Não és uma creação; és uma reprodução. Não és um homem; és uma familia. És mais uma parcella a sommar na grande addição de teus avós.

Mas quando tu nasceste n'um hospital ou n'uma enxovia, quando tu provieste da miseria que antes de apodrecer no cemiterio apodreceu na sociedade, quando tu recebeste o nome que te quiz pôr a pessoa que te encontrou dentro de uma alcofa na sombra de uma escada; quando tu não tiveste nem collegio, nem livros, nem irmãos, nem mãe—oh! nem mãe! quando tu subtrahiste um pequeno objecto a um individuo que viste passar, simplesmente porque não pertencendo tu a ninguem, nem ao pai nem ao mestre, nunca chegaste a adquirir a mais tenue noção do direito de propriedade: então, tu és, como todas as creanças, um livro fechado que não hade ser lido

em assemblea de familia com applausos de extranhos, mas que ha de ser estudado pela sociedade, que toma conta de ti para fazer o que devia estar feito, ou antes para refazer o que estava mal feito.

Então és um problema a resolver. Então és um nubloso conceito a decifrar. Então não és um appellido que se reproduz; és a chave que abre um futuro. Então ou és um cego ou um monstro. Caminhas para a Moralidade ou para o Codigo Penal. Espera-te o lar ou a cadeia. É preciso saber o que tu és.

E onde se ha de estudar esta individualidade si-
nha mysteriosa, esta creança-charada, com vagar
com prudencia, com amor?

No carcere? onde tudo é escuro, quando unica-
mente se trata de investigar, de analysar, de *vêr
bem?*

Não póde ser.

Na escola? onde todas as creanças se confun-
dem na grande massa das classes, e onde todas as
pequenas pessoas que a constituem formam uma
unica pessoa, um agrupamento opaco e impenetra-
vel?

Resolve-se o problema fundindo o carcere na
escola e creando a escola-carcere.

D'esta fusão salutar nasceu Mettray. Não se tra-
cta exclusivamente de punir; tracta-se principalmente
de educar: ou melhor ainda, tracta-se simultanea-
mente de ambas as cousas.

Mettray é o assombro, mas não se pôde querer que todos os paizes possuam Mettray. O que se deve exigir de todos os paizes é que preparem o futuro. Ora Portugal não exigia nada a este respeito ha uma duzia de annos. Portugal acceitava o futuro que lhe dava a diplomacia, o parlamento, a revolução popular; só não acceitava o futuro que lhe dava a creança.

Mas um dia, dois homens de grande coragem e de extraordinaria persistencia, lembraram-se de preparar em Portugal a regeneração da creança pela officina, pelo trabalho, pela arte, pela brandura. Tem-se feito muitos livros sobre a moralisação da infancia criminosa. Elles fizeram muito mais: crearam a casa de correcção em Lisboa. Estes dois homens são os conselheiros Faria Azevedo, procurador regio em Lisboa, e Henrique O'Neill, preceptor dos principes.

Por sua iniciativa se converteu o velho edificio das Monicas n'uma grande officina alegre e arejada, onde o livro, auxiliado pelo utensilio industrial, produz a idéa e seguidamente o factó. O trabalho intellectua!, que fortalece o espirito, é ali completado pelo desenvolvimento muscular, que prepára o homem. Ha a escola com os seus livros, as suas tabellas, os seus mappas, o seu arsenal de instrucção. Ha a officina, não menos escola, com os seus magnificos livros de ferro: os instrumentos. Ha a

cêrca, uma bella cêrca conventual, com a sua estufa, os seus canteiros, a sua pequena agricultura. Ha a therma, que dá o aceio e a saude. Ha a enfermaria, que dá a tranquillidade na doença. Ha finalmente o templo, que dá um elemento imprescindivel de educação e de moralisação: a crença. Dentro de tudo isto, ha o carcere. Mas onde está elle, que não apparece lá? A flor não esconde melhor as suas raizes do que a casa de correccão esconde o carcere. O que se vê é a flor; o que se não vê é a cadeia.

Mettray tem capacidade para recolher 700 detidos, mas não dá maiores resultados.

Na casa de correccão ha em todos os rostos a saude, a alegria, a confiança, o contentamento, que fogem do carcere. As pessoas que vão de fóra entram com a serenidade que se perde á porta de uma cadeia. Fallam com os presos, passeiam tranquillamente no jardim, entram nas officinas, descansam na casa chamada da *exposiçãõ*, onde estão ordinariamente patentes os productos do trabalho nas officinas, e ouvem agradavelmente a charanga.

Agora até ha um bazar.

Não foi preciso solicitar prendas: entraram pela porta dentro aos cardumes. Entre as prendas offerecidas merece especial menção um bonito aquario feito de pequenas conchas, e missangas. O conjuncto de todos estes formosos brindes delicia a vista. Vespera e dia de Santo Antonio a concorrência foi ex-

traordinaria. Hoje e amanhã, de tarde e á noite, não será menor. E com a fama da festa ha de crescer a concorrência na vespera e dia de S. Pedro.

Passam-se na casa de correcção alguma horas agradabilissimas, porque se encontra lá tudo quanto a gente vae procurar a um passeio ou a um theatro: a distracção. Musica, illuminação, flores, muita gente, havendo lugar para ella, o que é muito melhor do que haver o lugar e não apparecer gente, como ás vezes acontece nos theatros e nos passeios;—e depois, a coroar isto tudo, o bazar, o bazar por sorteio, o que dá as agradaveis sensações de lutar com a sorte, de andar a procural-a por entre um montão de bilhetinhos, e de vencel-a finalmente, conquistando-a com um bocadinho de papel!

Divertidissimo bazar em que se esgrime com dois mysterios, qual d'elles mais agradável! O mysterio do pequeno bilhete em que a sorte estará; o mysterio do premio correspondente ao bilhete sorteado. É por uma ininterrompida serie de sensações que a gente chega a possuir a chave d'estes dois mysterios, quer dizer, a possuir um formoso par de jarras, um cofresinho bonito, um vaso com planta,—o que a sorte quizer dar-nos, n'uma palavra.

As creanças morrem-se de amores pelo bazar, endoidecem de entusiasmo diante do longo mostrador onde se agrupam esses pequenos objectos cheios de scintillações phantasticas.

Uma vimos nós, vespera de Santo Antonio, ti-

rar sortes com felicidade extraordinaria. Ella estava toda debruçada sobre o balcão, fluctuante o seu grande chapéo de palha de Italia, sacudido o corpo por frequentes estremecimentos nervosos, rodeada por um grande numero de creanças mais pequenas. De cada vez que tirava um bilhetinho, obtinha um premio! Então ella, essa ditosa menina, não deixava respirar a felicidade: um bilhetinho atraz de outro, e atraz de um premio outro premio. De cada vez que a sorte respondia a esse frenetico chamal-a,—e era sempre,—uma grande agitação de alegria fazia com que a delirante creaturinha esvoaçasse com os dous braços festivamente, saudada por um longo côo de risadas frescas, vibrantes, infantis!

Até que se enfastiou de ser feliz, como sempre acontece em todas as idades. Ou então talvez receiasse perder de subito a felicidade, porque, tendo já um bilhetinho na mão, deixou-o cair dentro da amphora de vidro e disse com um grande receio ou com um grande enfado:

—Não quero mais.

Mas a esse tempo já lhe faltavam braços para abarcar os seus premios. As outras creanças seguiam-n'a, observavam-n'a, faziam-lhe perguntas, e a ditósasinha atravessou por entre as companheiras, que lhe applaudiam a victoria, com um fino sorriso desdenhoso, como ás vezes acontece na sociedade, em outras idades, e com outros premios diferentes....

Tudo isto ha que ver hoje e amanhã na casa de correcção. As creanças detidas no edificio das Monicas não ouvirão com tristeza a festa das ruas ao Precursor, porque a terão dentro de casa muito melhor que a das ruas. Tudo isto lhes faz crear amor ao estabelecimento que tudo lhes dá. E o publico sairá de lá dizendo o que eu agora lhe digo:
—Ao bazar!

Junho, 23 de 1876.

Da ordem de S. Thiago diz-se que foi instituída reinando em Castella Affonso VIII e em Leão Fernando II.

A profissão dos cavalleiros importava o voto de sacrificarem a vida e patrimonio á expulsão dos mouros. Por isso, quando a Castella chegou noticia de estar Affonso Henriques pelejando em Santarem com as hostes do rei mouro de Sevilha, os cavalleiros de S. Thiago afanosamente o vieram soccorrer. Victoriosos, Affonso Henriques admitiu, por gratidão, a ordem em Portugal, e foi-lhe dando terreno para erigir convento em Lisboa, e Alcaccer do Sal, á medida que a conquista dilatava a monarchia. Os dois Sanchos fizeram-lhe varias concessões. No reinado de D. Diniz um breve do papa Nicolau IV eximiu, posto sobreviessem contestações infructíferas, os cavalleiros portuguezes á jurisdicção e dominio do grão-mestre de Castella ¹. D. João I determinou que a cabeça da ordem se estabelecesse definitivamente em Palmella, cujo convento apenas se concluiu no anno de 1482.

Demoraram os freires em Palmella cerca de quatro seculos, ciosos de suas glorias passadas e da nobreza da sua ordem, cujo mestrado andou muitas vezes em reis e filhos de reis, e cuja mitra era apenas concedida a ecclesiastico de muita qualidade.

¹ *Mappa de Portugal* por João Baptista de Castro, tom II

Hoje o que resta do convento são as paredes, a dentro das quaes, na casa do refeitório, eu vi a communitade substituida por enormes formigueiros, que naturalmente ali se vão reproduzindo desde 1834, e que no seu trabalho silencioso e indefesso rompiam por entre o hervaçal de mais de trez palmos de altura. Tambem fallam ainda dos freires um enorme relogio, que emprega um homem, pago pela municipalidade, na sua conservação, dois sinos cuja sonoridade facilmente se experimenta com poisar-lhes os dedos, e, finalmente, as ruinas do templo onde o vandalismo começou por mutilar os marmores variegados e acabou por violar os tumulos venerandos.

Presentemente um destacamento do batalhão de Setubal é que tem as chaves da igreja, e que cuidadosamente fecha as mutilações e as irreverencias do vandalismo, lá dentro encerradas, e triste chronica quasi todos os dias lida pelos estrangeiros, maiormente inglezes, que tantas vezes sobem a Palmella.

Sinceramente direi que o que me levou ao templo, depois de fatigado de animo e corpo, foi um livrinho que o sr. Henrique Freire ha annos publicou com o titulo de *Prophecia*, e no qual noticia que o vandalismo havia violado o tumulo e revolido n'aquelle templo a ossada do principe D. Jorge, filho natural de D. João II e de D. Anna de Mendonça,—atrocidade que, não obstante as recla-

mações da imprensa, lá se estadeia ainda, e estadeará talvez, como vergonha eterna.

O tumulo, que se diz ser de D. Jorge, é de marmore, figurando uma urna; a tampa está removida o bastante a permittir que entre o braço de quem, menos piedoso pelos despojos da humanidade, de-seje possuir o cubito ou o fémur de um principe. Superior ao tumulo releva da parede o braço do infante, cortado pela fxa indicativa de bastardia.

Ah! immensa crueldade a que perturba o descanso eterno dos principes e dos plebeus! e criminosa indolencia a que tolera o triste espectáculo d'aquella perversidade! Ao menos que os soldados do destacamento vigiem pelo que da ossada de D. Jorge ainda resta, e a ponham a coberto da vindicta de algum republicano *enragé* que tentasse esmagar a realza no craneo de um principe. Ri-me a principio de ver seis soldados a guardar ruinas; mas, quando cheguei a defrontar-me com o tumulo de D. Jorge, comprehendí que eram precisos ali. Pobre D. Jorge, duque de Coimbra, senhor de Montemór-o-velho, mestre das ordens de S. Thiago e de Aviz, filho de el-rei D. João II, que por seres filho de uma mulher que teu pai facilmente venceu, e que decerto o amava, nem o descanso mysterioso e sagrado da sepultura podés ter, ao passo que teu pai dormiria serenamente no convento da Batalha, se o ardente D. Sebastião não o fosse incommodar, para ver co-

mo os vermes da terra se pasciam no cadaver do heroe de Arzilla, tão decomposto como a esta hora deve estar o do vencido de Alcacer-Quibir!

Pobre D. Jorge!

O que da vida d'este principe eu sei é que nasceu de D. Anna de Mendonça, *mulher muito fidalga, e moça formosa de mui nobre geração*, diz Garcia de Rezende, ¹ no anno de 1481, quando D. Afonso v falleceu. «Por escusar desgostos caseiros, — escreveu Frei Luiz de Sousa, ² — determinou (el-rei) tirar diante dos olhos» o principe. Este meio de *tirar diante dos olhos para evitar desgostos caseiros* é vulgar em reis e vassallos. O que não é vulgar é encontrarem os bastardos de uns e de outros, educadora tão carinhosa e meiga como a princeza santa Joanna, que no mosteiro de Aveiro recebeu e educou o sobrinho. «Era o menino de tão pouco tempo nascido, — observa frei Luiz de Sousa, — que, quando chegou a Aveiro, não passava de trez mezes.»

Em 1490 falleceu a princeza santa, dizem que de peçonha que lhe ministraram, e, já em artigos de morte, mandou chamar o sobrinho, que contava nove annos, e pediu-lhe que nunca esquecesse ao

¹ *Chronica dos valerosos e insignes feytos d'el-rey D. João II*, capitulo CXIII.

² *Historia de S. Domingos*, part. II, cap. VII.

seu mosteiro e a ella, que o criara *chorando e cantando e vestida de burel*.

Confessou el-rei á rainha as suas antigas leviandades, e a rainha, por suas grandes virtudes e muita bondade, segundo Garcia de Rezende, perdoou-lh'as, e consentiu que o menino se recolhesse a Evora, onde o principe seu irmão não consentiu que elle se apeiasse para beijar-lhe a mão, tão amiga foi a recepção que lhe fez.

Agora dou a palavra a Garcia de Rezende para o deixar entalado entre as contradicções que ressaltam das linhas seguintes e as *grandes virtudes e muita bondade* da rainha D. Leonor:

«El-rei depois da morte do principe (D. Affonso) deu logo carrego do senhor D. Jorge seu filho a Dom João, conde d'Abrantes; e *por tirar paixão á rainha sua mulher com a vista do senhor D. Jorge*, lembrando-lhe a morte do principe seu filho, houve el-rei por bem, *que por então não viesse a sua casa*. E em caso que el-rei o fizesse com fundamento honesto, e virtuoso, a rainha houve d'isso desprazer; e tanto, que depois que el-rei lhe requereu, e muito apertadamente lhe pediu, que o tornasse a recolher a sua casa, foi n'isso *tão dura, e tão contraria*, que recebendo por isso d'el-rei muitos desfavores *nunca em vida d'el-rei o quiz ver, nem recolher.*»

Ora é sabido que de traz d'esta dureza da rainha estava seu irmão D. Manuel, o qual veio a succeder a D. João II.

Damião de Goes ¹ escreve com menos rodeios que «a vontade e desejo de el-rei D. João foi sempre de deixar o reino a Dom Jorge seu filho bastardo, e vivendo houve entre elle e a rainha sobre este negocio muitos desgostos, comtudo como el-rei era homem sujeito a toda a boa rasão tomou n'esta parte secretamente o parecer de pessoas prudentes, e de boa vida, por conselho das quaes declarou em seu testamento por herdeiro Dom Manuel.»

Depois da morte do principe D. Affonso, D. João II obteve do papa Innocencio, em favor do seu dilecto bastardo, a governança e ministrarça dos mestrados de S. Thiago e de Aviz, e lhe deu por aio D. Diogo de Almeida.

No anno de 1500, célebre pelo descobrimento do Brazil, deu el-rei D. Manuel a D. Jorge o titulo de duque de Coimbra e de senhor de Montemór-o-velho, e o casou com D. Beatriz de Vilhena, filha de D. Alvaro, irmão de D. Fernando, duque de Bragança, e de D. Filippa, filha unica do conde de Olivença.

D. Manuel, menos duro que sua irmã, quiz com-

¹ *Chronica do serenissimo senhor rei D. Emanuel*, 1.^a part., cap. II.

pensar a D. Jorge a perda da coroa, dando-lhe dois beneficios e uma mulher... sobrinha do duque de Bragança!

Que insondaveis segredos os da Providencia!

Depois de casado,—licença que o rei D. Manuel obtivera para todos os cavalleiros das ordens militares,—celebrou D. Jorge diversos capitulos, e fundou em Setubal o convento de S. João Baptista, que pertencia ás freiras da ordem de S. Domingos, e onde sua mulher fôra enterrada.

É justamente depois da morte d'esta senhora, que principia o romance da velhice do Mestre D. Jorge, largamente narrado por D. Antonio Caetano de Souza na *Historia genealogica*. Ia nos setenta annos de idade o galante duque, e sentia ainda revicar dentro do peito as rozas do amor, que florião atravez do lucto da viuvez. No paço de D. João III havia, entre as mais celebradas damas da rainha D. Catharina, uma que só contava dezeseis annos, e a todas excedia em formosura e gentilesa. Era D. Maria Manuel, filha de D. Fernando de Lima, senhor de Castro-Daire, e de sua mulher D. Francisca de Vilhena. O amor, um amor ardente, indomavel, que faz lembrar uma bella manhã de sol n'um dia de adeantado inverno, poz o velho duque enamorado aos pés d'esta encantadora damasinha, que não sabemos com que especie de sentimento escutára os tardios idyllios de D. Jorge. Todos os filhos do duque sahiram a contrariar o violento amor do pai por D.

Maria Manuel, allegando tão sómente a desproporção enorme das idades. A opposição dos filhos, ao contrario do que elles esperavam, não só atçou a paixão do duque pela dama da rainha D. Catharina, mas até lhes acarretou o resentimento paterno. Pois dos filhos de D. Jorge um havia, victima de um amor tão profundo como infeliz, que devia ao pai mais cega tolerancia para com os seus desatinos de ancião. Era o mais velho, D. João de Lencastre, cuja accidentada biographia deixamos romanceada em dois volumes que teem por titulo *Um conflicto na côrte*. Os que leram o nosso romance, sabem quão elevado conceito fazemos do desventuroso D. João de Lencastre; mas, por isso mesmo que fomos justo para com elle, queremos continuar a sel-o, á luz dos factos, censurando-lhe o que n'elle houve de asperesa, postoque nobre, para com o velho duque enamorado. O epitheto do *nobre* justifica-o uma disposição do testamento do duque, pela qual se vê que D. João de Lencastre fôra alfim menos aspero para com seu pai, quando o viu agonisante.

Mareava ousadamente, como na propicia monção dos primeiros annos, com rumo fito na deliciosa plaga do hymeneu, o coração de D. Jorge, quando a rainha D. Catharina julgou prudente intervir, aconselhando a dama a renunciar á mão do duque. Parece, porém, que nem as ameaças da rainha valeram a demovel-a, e que na insistencia de D. Maria Manuel já entrava por muito o resentimento

mento que a opposição dos filhos de D. Jorge suscitára. Então lembrou aos que contrariavam o casamento, e não eram poucos, o impedimento de parentesco por afinidade, pois que D. Maria Manuel era segunda prima da fallecida duquesa D. Beatriz. A despeito de todos estes estorvos, persistia o duque no seu apaixonado intento. Decidiu-se finalmente o proprio rei a chamal-o á sua presença para o advertir. Succedeu ao velho Mestre o que succede quasi sempre em conjuncturas identicas: submetteu-se aos conselhos do rei enquanto o ouviu, mas, sahindo do paço, despresou-os, e publicou que tinha desposado D. Maria Manuel por palavras de presente, com dispensação do nuncio. Tornou D. João III á mandal-o chamar, e exigiu que lhe dissesse a verdade. É notavel de amoroso artificio a resposta do Mestre de S. Thiago, quando o rei lhe perguntou se effectivamente havia casado. Respondeu, diz D. Antonio Caetano de Sousa, *que se já o não tinha feito, o não faria*. Aconteceu ao rei o que nos acontece a nós: ficou sem saber se o duque tinha ou não casado. O que é certo é que pelo seu desembargador Gaspar de Carvalho o mandou intimar para que sahisse da côrte. D. Jorge obedeceu partindo para Setubal, mas queixou-se por escripto ao rei de que o desterro lhe fosse intimado por um simples desembargador, quando D. João III, por occasião da pendencia de seu filho com o conde de Marialva, o mandara sabir

da côrte pelo seu proprio secretario Antonio Carneiro.

Respondeu benignamente o rei allegando a grande confiança que depositava no dr. Gaspar de Carvalho, a quem entregava os mais graves negocios do seu serviço, e insistindo em que o casamento não teria effeito, porque n'elle não havia de sentir.

Certamente por influencia do rei, foi embargada a dispensação do nuncio, segundo diz D. Antonio Caetano de Sousa, e impedida em Roma a negociação do casamento. Ora D. Antonio Caetano de Sousa é de parecer que o consorcio se não effeituou, e funda-se n'uma clausula do testamento do duque, a qual diz assim :

«Deixo a D. Maria Manuel pela obrigação que lhe tenho em lhe prometter de casar com ella se o santo Padre dispensar, mil crusados da terça do dote, que minha filha D. Helena me ha de dar, e assi lhe deixo um alvará do duque, meu filho, em que me promete a valia de cem mil reis de renda para minhas obrigações em vida de uma pessoa assi, e da maneira, que no dito alvará contem, que quero que haja, não casando ella, e, casando, se distribua em obras pias como acima digo.»

Sem embargo d'esta disposição testamentaria, D. Antonio de Lima, *que viveu por esse tempo*, e

Francisco de Andrada, escreveram que effectivamente se realisára o enlace.

Parece fóra de duvida que D. Maria Manuel não chegára a herdar, posto divirjam as explicações do facto. Segundo o author da *Historia genealogica*, porque casou com Manuel de Sousa da Silva, commendador de Villarfrey e Alfayates; segundo D. Antonio de Lima, porque, sendo irmã da primeira mulher de Manuel de Sousa da Silva, e indo este fidalgo a Roma requerer dispensa, veio encontrar sepultada a noiva quando regressou ao reino.

Em qualquer dos casos, esse velho principe namorado, que tão desventurosamente amou a gentil menina de dezeseis annos, foi depressa esquecido por um commendador, mais fidalgo, é certo, do que os commendadores modernos, mas ainda assim não menos ridiculo que muitos barões de nossos dias,—um commendador de Alfaiates!

Em tudo nos quer parecer relativamente infeliz este pobre D. Jorge de Lencastre, menos n'uma só coisa: em não ter chegado a cohabitar longamente com D. Maria Manuel, se é que de feito a desposou...

Acamando gravemente, ditou o velho Mestre o seu testamento aos 20 de julho de 1550. N'elle ordenava que no convento de S. Thiago de Palmella se erigisse uma capella a fim de ser ahi enterrado, e recommendava-lhe pozessem o seguinte epitaphio:

«Aqui jaz D. Jorge, filho de el-rei D. João II de Portugal, o qual foi mestre de S. Thiago e Aviz, duque de Coimbra, e se finou a tantos dias de tal mez, e de tal anno, o qual deixou a este Mosteiro a egreja de Lamas e sua annexa, com obrigação de uma missa quotidiana, segundo está declarado, na escritura do Convento, que fez com este Mosteiro.»

Emquanto a capella privativa não estivesse concluida, mandava-se o duque enterrar *na capella-mór do convento, á parte direita, em uma tumba coberta de velludo preto, com uma cruz branca, em que se gastasse até sessenta mil reis.*

Nada se fez do que o duque recommendára. Falleceu elle dois dias depois, e fôï sepultado na capella mór, no vão do lado do Evangelho.

«N'este logar — diz Souza, — jaz o duque tão desnhecido n'aquelle convento, que apenas se sabe por tradição onde está sepultado; porque tendo n'aquelle logar uma pequena pedra, que o declarava, quando se fez a obra do xadrez, haverá setenta annos, lh'a tiraram com inadvertencia indesculpavel, quando deviam conservar com respeito a memoria, que declarava o logar em que estavam as cinzas de um Principe, e de um tal Mestre da Ordem, que foi um dos mais insignes bemfeitores d'ella, perpetuando aos vindouros com uma inscripção o seu agradecimento.»

As circumstancias que fizeram mais tarde remover a ossada de D. Jorge para o sitio onde ainda hoje se acha, ignoramol-as. Parece restar apenas a tradição de que são aquelles os despojos mortaes do duque de Coimbra. Mas se effectivamente são, desventuroso principe, a quem nem siquer tem sido concedida a paz devida aos mortos! Elle não a tem tido, em verdade. E se não são, enganou-se mais um archeologo, o snr. Henrique Freire, facto que por muitas vezes repetido não é digno de menção, e n'esse caso eu offereço á memoria do verdadeiro proprietario da ossada as lagrimas d'estylo, que, mercê do snr. Henrique Freire, chorei com o pensamento no filho natural de D. João II, visto que as supraditas lagrimas não me servem agora para coisa nenhuma.

TREZ MULHERES ANTIGAS

D. FELICIANA DE MILLÃO

Nos primeiros annos do seculo passado falleceu no convento de Odivellas, em idade avançada, uma freira que, pela sua luminosa intelligencia, sobretudo pelas suas jovialidades, apophthegmas e *calembours*, foi das senhoras mais falladas na sociedade lisboense d'aquelle tempo. Chamava-se D. Feliciana de Millão.

No *Theatro Heroico*, falsamente assignado por Damião de Froes Perym, tomo 1, vem larga noticia dos muitos ditos, ao mesmo passo graciosos e conceituosos, que tornaram celebre esta religiosa. No *Portugal illustrado pelo sexo feminino* tambem se faz menção honrosa de D. Feliciana. Na *Collecção politica de apothegmas ou ditos agudos, e sen-*

tenciosos, por Pedro José Suppico de Moraes (parte 1.^a, livro III) vem alguns dos ditos espirituosos da freira de Odivellas, se bem que muito inferiores em numero aos que traz Perym no *Theatro Heroico*. No *Summario da bibliotheca lusitana*, tomo II, ha noticia de ter D. Feliciana escripto *um discurso sobre a pedra philosophal, varias cartas e poesia*.

Recentemente encontramos na bibliotheca nacional de Lisboa um pequeno manuscripto que se intitula *Cartas varias de D. Feliciana de Millão ou attribuidas a ella*; manuscripto de que o fallecido bibliographo o snr. Innocencio Francisco da Silva parece não haver tido conhecimento, bem como da existencia da freira.

Entre as cartas ha uma escripta em nome de D. Feliciana a respeito do Padre Antonio Vieira, especialmente do sermão que prégou, e não disse, *por se fingir descomposto*, na celebração dos annos da rainha D. Maria Sophia Izabel de Saboya, no dia 22 de junho de 1668. O Padre Vieira é n'ella sãtyrisado. Mas logo adeante apparece outra carta em que D. Feliciana explica brilhantemente que não foi a authora da carta antecedente, posto corresse com o seu nome. Vamos publicar na integra esse curioso documento, e veja o leitor como o Padre Vieira era atiladamente julgado por uma mulher do seu seculo :

Diz a carta :

«Injurioso obsequio faz ao meu juizo quem pre-

sume obra sua um insolente disparatão que aqui anda contra o sermão do Padre Antonio Vieira, quando na vulgaridade de estyllo, na impropriedade dos termos, e na dissonancia das palavras diz a gritos, que foi ignorante effeito do odio, e não discurso; e na interpretação dos textos mostra que o fez algum frade, dos que lhe deu por inimigos aquelle discretíssimo sermão da sementeira; porque em nenhum caso podia ser meu em linguagem, *mana Mariquita, estimo, marmaujo, alhos, bugalhos*, e outras vozes semelhantes, que este author dos disparates andou tirando das peores boccas para os enfiar aqui, como collar de sacamolas.

«E se a fórmula do papel, assim o desmente de meu, a materia d'elle me alhea ainda com mais forças razões, porque quem entende o que falla, não falla o que não entende, e as mulheres, como não sabemos da missa a metade, podemos, quando muito, chegar ás Epistolas, mas nunca aos Evangelhos; e ainda que o Padre Antonio Vieira não fallára n'este sermão pela bocca do Espirito Santo, o respeitara a minha veneração, sem ouzar a examinal-o a phantasia; e sendo privilegiado o texto, e o assumpto, seria crime de lesa magestade divina, e humana censural-o, principalmente depois que os mais escrupulosos ministros o veneram, e os mais publicos (que sempre devem ser os mais prudentes) o approvaram; e papel, que sem chegar a ser sermão, foi manifesto,

grandes circumstancias devemos crêr concorrerem n'elle para celebral-o.

«Eu não tenho voto entre doutos, nem entre os tribunos, mas com a licença que me dá a defesa natural, digo, porque se saiba o que eu digo, e me não adulterem as palavras, que o primeiro discurso me pareceu angelico; o segundo politico, e cortezão o terceiro; e todos notavelmente engenhosos; e a meu vêr acho, que o Padre Antonio Vieira deve ter tão grande vaidade d'esta nova calunnia; porque prova que nem a perseguição da inveja bastou para lhe diminuir a causa d'ella. Ora soffram, soffram os portuguezes entre si um entendimento ditoso, e não acanhemos os naturaes, aquelle sujeito, que tanto admiram, e engrandecem os estrangeiros; perdoemos-lhe sequer por filho da terra, pois foi o primeiro, que atropelado da fortuna, se levantou com maiores forças, do que cahiu; acabe de conhecer o mundo no juizo do Padre Antonio Vieira a virtude da lança de Achilles, que só ella sarava o que feria, e venerre-se um homem tal, que com as suas advertencias pôde, e soube curar os golpes de suas agudezas.

«Tambem no retiro, e apparecimento das Magestades se não devia intrometter o meu discurso, que são particulares esses, que só os dominam, e definem os successos, e o tempo; e julgar acções de Principes, posto que é officio divino, não é officio de freiras. Tambem tenho por abominavel ingratião

este porfiado vexame da Companhia; porque é lastima, que uns homens que teem por officio crear bons entendimentos, não tenham privilegio para crear boas vontades, e que os mesmos a quem elles deram as letras, tomem contra elles as armas. A perfeição maior de qualquer religioso é seguir o seu estatuto, e se professam encaminhar os que erram, ajudar os que padecem, que lhe extranham, ou que lhe condemnam? Para que confessem, e doutrinem instituiu aquella Religião o seu Patriarcha, e se se conserva na primeira regra, que mais pode fazer pela sua observancia? Só porque é bem visto, ha de ser mal ouvido o Padre Antonio Vieira! Terri-vel desconcerto é este dos sentidos.

«Ainda no nosso Portugal se usa aquelle maldito jogo de todos contra o homem! Ora accomodem-se e conformem-se os tafues do governo com seus parceiros, e haja sequer dous de uma opinião, que tudo o mais é arrenegar, e entremos em contas com o bom do papelinho, que faz agua por tantas partes, que nem dando-lhe pendor ficará de proveito. Este homem, ou o que na verdade se achar, ou quer desfigurar o que sabe, para que o não conheçam, ou não sabe o que diz, nem o que quer dizer; porque a entender alguma cousa de esphera material, não sahira tão materialmente de sua esphera: e que tem que vêr Cambray com Hollanda senão é nas tendas de fancaria? E se falla de fancaria, não falle de Vieira; por jogar de vocabulo perdeu

oitenta, e o fio; presumiu que era o mesmo as terras, que as tâas, e não viram n'isto el-rei de Hespanha, e o principe de Orange, que seja tudo o mesmo: quando intentou o Padre Vieira unir-nos com Flandes? Bem se podera fazer aqui uma digressão, que chegasse de Amsterdam a Tanger em defesa do Padre Antonio Vieira; mas estas são materias cujo discurso não pertence a meu estado; e assim digo só, que de Hollanda a Cambray vai tanta distancia, como do Padre Antonio Vieira a seus émulos.

«Pois as comparaçõesinhas lhe gabo eu, que são formaes, e delicadas; a do elephante é bruta, a do negro é boçal, a que se remette com Plinio, e Juveval, deu com tudo do avesso; logo este homem achou menos em Lisboa duas sevandijas! Desaproveitadamente gasta o tempo, que só repara no peor: o certo é que os seus discursos quando mais entendidos, são cousas de brutos, e são cousas de pretos quando mais engraçados, e só sujeitos semelhantes se atrevem aos sermões do Padre Antonio Vieira, porque lhe mette o diabo na bocca o capricho do attentado.

«Parece que bastam estes sabões para tirar da minha opinião a fea mancha, que lhe lançou a inadvertencia de quem a quiz applaudir na malicia de quem o intentou enxovalhar; veremos agora se com este exemplo deixam de me imputar papeis indecentes, e confesso me falta já a paciencia para trazer em livramento meu juizo duas vezes pelas Decimas

de outro madrasso, que quiz achacar o meu nome em versos muito parvos, medidos com palhinha; outros como estes desatinos, que só tiveram de meus, o que me custaram em vistas, com ditos indecorosos, e sem sabores, que os maldizentes me accommodam, fazendo de mim, o que da Madre Brigida os beatos, attribuindo ao meu espirito as revelações e prophcias de seu bom, ou mau animo, e declarando que não conheço por lisonja adornarem o meu appellido com as alfaias alheas; segurem-se os fiscaes, com que se me der a ociosidade para o tinteiro, não mando imprimir os meus escriptos a Veneza, porque não disse, nem direi cousa, que desminta o meu nome de

Feliciana.»

Eis aqui uma carta que o snr. Fernandez de los Rios bem podia ter descortinado na bibliotheca nacional de Lisboa para mostrar que os grandes homens portuguezes, e as grandes mulheres tambem, deviam tratar de hespanholisar-se quanto antes, a fim de não serem desconsiderados em Portugal como o Padre Antonio Vieira e D. Feliciana de Milão.

D. GUIOMAR DA CUTILADA

D. Guiomar da Cutilada é filha do celebre cosmographo Pedro Nunes, inventor do *Nonio*, instrumento de mathematica que os francezes se apropriaram dando-lhe o nome de *Vernier*. D'esta dama, não menos famosa que seu pai, se bem que por differentes motivos, esbocei eu o romance em algumas paginas do volume intitulado *Portugal de cabelleira*. Póde ser, porem, que o leitor não tenha á mão o livro ou que o não queira procurar, e, para evitar qualquer d'estes casos, eu lhe resumo em duas palavras a vida da mais conspicua Guiomar portugueza que tem apparecido.

O amor, que tudo vence, fizera brecha no forte peito de Guiomar, e o eleito do seu coração era um tredo mancebo que, na presença do bispo de Coimbra D. Manoel de Menezes, ouzara negar as promessas de casamento feitas, no arrebatamento da paixão, á filha do cosmographo-mór. Ella, que de traz de uma cortina o estava ouvindo, na igreja de S. João, rompe do seu escondrijo, puxa de um canivete, e retalha com um profundo gilvaz a cara do traidor. Esta aventura valeu-lhe o cogno-

me de *Dama da Cutilada* ou *Guiomar da Cutilada*. Foi o caso fallado em todo o reino, e os poetas, sujeitos a quem é dado pescar nas aguas turvas, pozeram-n'o em verso de varios pés, e até sem pés... nem cabeça. Mas, de todas as composições allusivas ao caso, a mais conhecida tem sido até hoje, talvez por ser a mais desenxabida, a que diz assim :

Senhora D. Guiomar,
Moradora na Calçada,
Que déstes a cutilada ;
Senhora D. Guiomar,
Que moraveis na Calçada,
Mereceis tença d'el-rei,
Pois déstes a cutilada.

Estrophe que pela opulencia de consoantes faz lembrar est'outra d'um poeta infelizmente anonymo :

Ó almas do purgatorio,
Que estaes á beira do rio,
Virae-vos p'r'ó outro lado,
Que vos dá o sol nas costas.

Mas, posteriormente á publicação do *Portugal de cabelleira*, inesperadamente encontrei melhores versos inspirados pela vingadora cutilada de D. Guiomar Nunes. Estando eu em Coimbra, em 1875, mostrou-me o meu erudito amigo, o snr. Augusto Mendes Simões de Castro, um opusculo estampado n'aquella cidade em 1826 e trasladado d'um ma-

nuscripto que Gil Nunes de Leão colligira com respeito á cutilada memoranda. É raro o opusculo, e portanto a transcripção dos versos seguintes desculpará que eu pela segunda vez haja contado a historia de Guiomar Nunes. N'elles, e só n'elles, considerados como antigualha, está porventura o valor d'este pequeno artigo.

São dois sonetos, que dizem assim :

Não passes, Cleopatra : quem me chama ?
 Lucrecia, que com seu illustre feito
 No tempo mais florente ao Ceo direito
 Levou seu grande nome, gloria e fama.

Pois que quer essa nobre e gentil dama ?
 Quer que saibas que ha hi hoje outro peito,
 Mais alto, mais subido, mais perfeito,
 E que muito maior louvor derrama.

Quem é que a nossa fama escureceo ?
 Guiomar, que se vingou c'o duro cóрте
 De quem tingir sua fama pretendeo.

Vive na terra ? não, porque escolheo
 Um meio tão seguro em vida e morte,
 Que estando cá na terra, está no Céu.

Alma formosa e bella, produzida
 Do famoso Cosmógrapho e divino,
 Illustre gloria, espelho crystallino,
 Corôa das mulheres mais subida :

Valerosa donzella esclarecida
Esmalte glorioso de ouro fino,
Celebre-se teu nome de contino,
Tua fama, tua honra, tua vida.

Seja com louvor alto mui cantado
D'antiga Coimbra o blasão famoso,
Serpente, Leão, Vaso, e bella dama.

E seja juntamente sublimado,
Dona Guiomar, o teu peito animoso,
Pois fez um feito illustre de tal fama.

Por onde as amantes enganadas devem conhecer que, se imitarem a correcção, teem certa a immortalidade... e a cadea.

Ai!... d'elles!

D. BRANCA LOURENÇO

Esta dama não escreveu epistolas nem deu cutiladas; mas fez outras proezas muito mais lucrativas. Ensandeceu de amores o bom rei Diniz, que se dava a todo o genero de cultura, sem escolha de terreno. Dois factos o demonstram. Foi elle quem mandou plantar o pinhal de Leiria e quem doou a villa de Mirandella a D. Branca Lourenço. Mas,

senhores, que tem a villa de Mirandella com a bossa cultivadora do rei Diniz? Ora o que tem! Quer o leitor abrir o tomo v da *Monarchia Lusitana* a pag. 293? Não quer. Pois eu lhe conto.

Segundo a phrase de Francisco Brandão, o filho de Affonso III *tinha conversação* com D. Branca Lourenço, e o mais que pesava ao bom do rei era não passar da conversação. Mas a dama resistia, e D. Diniz cada vez se exaltava mais nos desejos de amorosa gula. N'esse tempo, porém, se o commercio estava ainda nascente, a moralidade florescia sem macula, e D. Branca Lourenço lembrou-se de negociar com o rei. No titulo de doação da villa de Mirandella diz o rei á honesta dama: «*E esta vos faço por compra de vosso corpo*». E n'outro lugar: «*E se Deus tiver por bem, que eu haja de vós filho ou filhos...* ficaria a villa de Mirandella aos bastardos do rei; mas se Deus não houvesse por bem, reverteria Mirandella á corôa. Ora esta edificante escriptura é confirmada pelo testemunho de varias pessoas importantes, entre as quaes figuram:

- D. Martinho, *arcebispo* de Braga.
- D. João, *bispo* de Lisboa.
- D. Pedro, *bispo* de Coimbra.
- D. Egas, *bispo* de Vizeu.
- D. Vasco, *bispo* de Lamego.
- D. João, *bispo* de Silves.
- D. Giraldo, *bispo* do Porto.

No cabeçalho da escriptura não é nomeada a rainha, como quasi sempre se fazia, mas sim o príncipe herdeiro D. Affonso. Frei Francisco Brandão explica satisfatoriamente a omissão do nome da princeza santa, dizendo que o rei *devia guardar-lhe este decôro, pois a mercê era feita a pessoa com quem a offendia.*

Realmente, se não é guardar o rei este decôro, a acção devia parecer immoral, por força!

Decorrido tempo, Martim Annes de Briteiros possuiu matrimonialmente D. Branca Lourenço sem dispender tanto como o real lavrador.

... E parece que viveram muito bem.

Do que deixamos escripto se vê, que, na sociedade portugueza, a mulher tem caminhado lentamente para um ideal de perfeição.

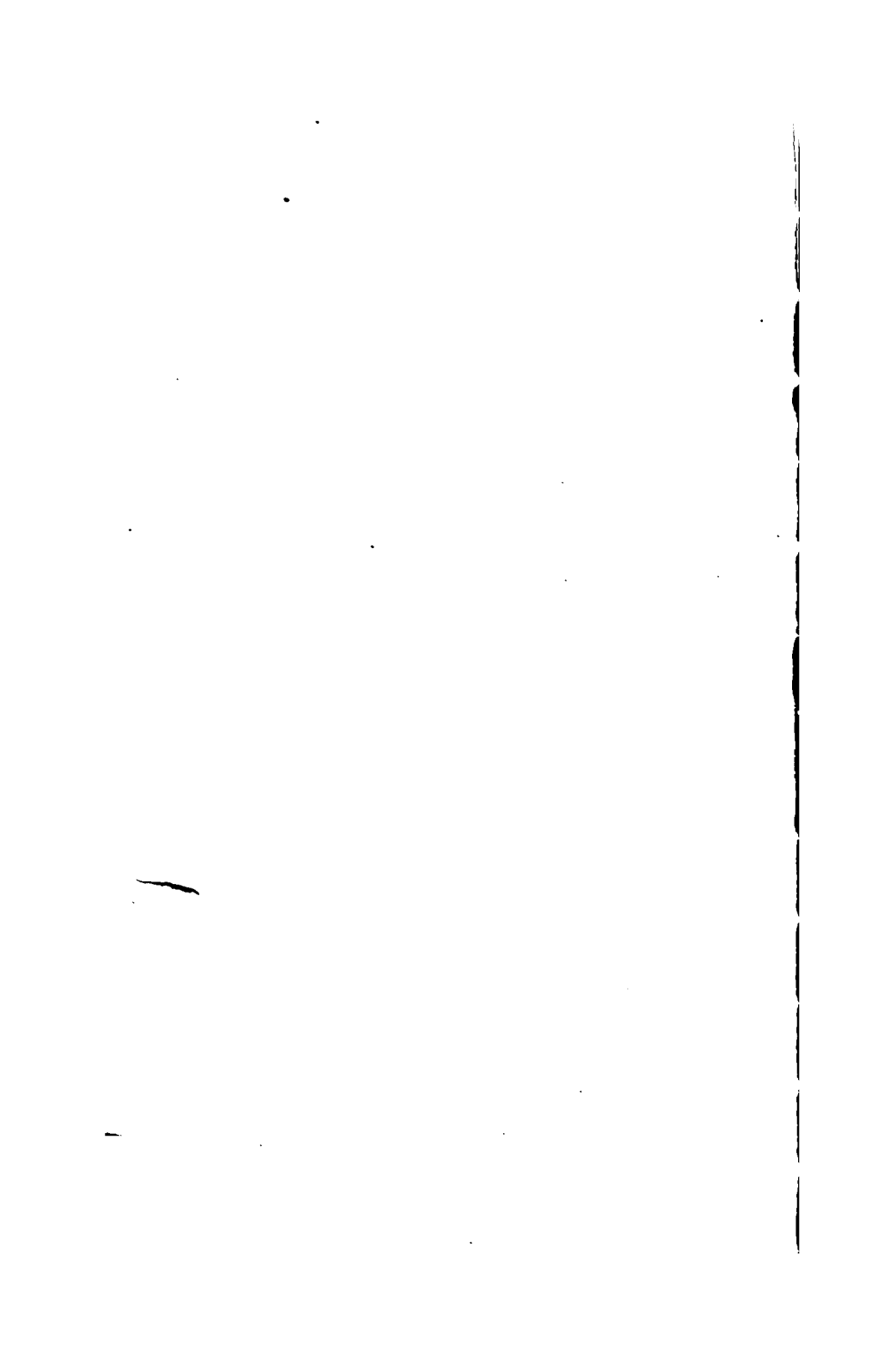
No seculo XIII, especula comsigo mesma e vende o seu corpo, como D. Branca Lourenço.

No seculo XVI, vinga o seu amor, como D. Guiomar Nunes.

No seculo XVII, faz *calembours* e escreve epistolas sentenciosas, como D. Feliciano de Millão.

No seculo XIX especula com os outros e faz banca-rotas, como D. Baldomera, a famigerada banqueira madrilena.

No seculo XX attinge forçosamente o ideal da perfectibilidade.



ULTIMA FOLHA

Em 1875 o author d'este livro foi encarregado pelo ministerio do reino de inspeccionar as escholas primarias do 8.º circulo escholar do districto de Lisboa. Na sua peregrinação official viu muitas e grandes miserias, que ainda não estão remediadas. Tambem conheceu muitos infelizes. Tempo depois de recolher a Lisboa, soube que fallecera o antigo professor de Azeitão, cuja eschola havia inspeccionado, e que deixára ao desamparo, como todos os professores da sua classe, a sua familia, a velha companheira dos seus tormentos e privações. O author fez appello aos seus amigos de Setubal, e conseguiu que n'aquella cidade se organisasse um espectaculo em beneficio da viuva do professor. Eis a historia

dos seguintes versos, que sahiram no *Diario da Manhã* de 7 de junho de 1876, prefaciados por estes explicativos dizeres da redacção:

«Dissemos em um dos nossos numeros anteriores que por iniciativa do snr. Alberto Pimentel se havia organizado em Setubal um espectáculo em beneficio da viuva do professor de instrucção primaria de Azeitão, Manuel Joaquim da Rocha. O espectáculo realisou-se n'aquella cidade domingo passado, graças á coadjuvação que o snr. José de Groot Pombo e outros cavalheiros de Setubal se dignaram prestar á iniciativa do snr. Alberto Pimentel, o qual foi de Lisboa assistir ao espectáculo, e recitou no fim do drama, d'um camarote de bocca, estes versos :

Desdobra a charidade as suas grandes azas
Dos verdes laranjaes sobre a gentil cidade.
A voz da viuvez correu todas as casas,
E em todas achou echo. Ó santa charidade !

Velhice e viuvez ! O pranto ao pé do gelo !
A grande solidão de duas solidões !
Ter um unico bem, adoral-o, e perdel-o
E não ter força já para arrostar baldões !

E o mais que *ella* perdeu ! porque *ella* perdeu tudo !
Ria d'ouvir a eschola a pipilar na sala...
Agora é erma a eschola ! o lar sombrio e mudo !
Ninguem chora, nem ri, nem se agita, nem falla !

Elle era velho e bom. Elle, o seu doce amigo,
Tinha na face a luz que abre sorrisos francos.
Eu gostava de o vêr como um patriarcha antigo
Á eschola presidir c'os seus cabellos brancos.

Por mais que o velho tronco, açoitado dos ventos,
Se faça rodear de verdura e de flores,
Estão contados já os seus poucos momentos...
As creanças não dão vida aos velhos professores.

Caiu. Ninguem ouviu cair um velho obscuro.
Que falta faz ao mundo o curvo sementeador,
Que andava arroteando os campos do futuro?
Um misero, um ilota, um pária, um professor!

Andar a trabalhar na safra das esp'ranças!...
Quem sabe que licôr está dentro da uva?!...
Pois ensinar a ler umas loiras creanças,
É coisa que mereça amparar-lhe a viuva?...

Ó Setubal! perdão! Eu já ia esquecendo
Que vieste aqui honrar o velho que morreu!
Tu, que és dos pobres mãe, que os braços estendendo,
Achas d'um lado o asylo e do outro o lyceu!

Tu que tens sobre a praia uma eschola-modelo
Cheia de luz e ar, de conforto e de riso!
Que dás saber nocturno a quem não quer perdê-lo!
E dás ao professor o pão que lhe é preciso!¹

¹ Nas escholas publicas ha cursos nocturnos. A camara municipal de Setubal é das que melhor gratificam os professores do seu concelho.

